

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS

Yanne Maira Silva

**AS REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NA LITERATURA
INFANTIL DE LUCIA MIGUEL PEREIRA**

Montes Claros, MG
2024

Yanne Maira Silva

AS REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NA LITERATURA INFANTIL DE LUCIA MIGUEL PEREIRA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Estadual de Montes Claros, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras – Estudos Literários.

Área de concentração: Literatura Brasileira

Linha de Pesquisa: Tradição e Modernidade

Orientadora: Profa. Dra. Edwirgens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida

Montes Claros, MG
2024

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS

Prof. Wagner de Paulo Santiago
Reitor

Prof. Dalton Caldeira Rocha
Vice-Reitor

Profa. Maria das Dores Magalhães Veloso
Pró-Reitora de Pesquisa

Prof. Virgílio Mesquita Gomes
Coordenador de Acompanhamento de Projetos

Profa. Sônia Ribeiro Arruda
Coordenadora de Iniciação Científica

Profa. Sara Gonçalves Antunes de Souza
Coordenadora de Inovação Tecnológica

Prof. Marlon Cristian Toledo Pereira
Pró-Reitor de Pós-Graduação

Prof. Diego Dias de Araújo
Coordenador de Pós-Graduação *Stricto-Sensu*

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Profa. Andrea Cristina Martins Pereira
Coordenadora

Rita de Cássia Silva Dionísio Santos
Coordenadora Adjunta

A Deus, pela infinita generosidade nas bênçãos concedidas, agradeço por tornar possível a realização deste grande sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela maravilhosa dádiva da vida!

Expresso minha profunda gratidão à minha amada família, que tem sido meu pilar constante e fonte de apoio incondicional. Em particular, desejo destacar meus pais, Romulo e Aleni, cujo amor e dedicação jamais conheceram limites, sempre se esforçando incansavelmente para tornar este sonho uma realidade.

Ao meu querido noivo, Diogo Dourado, sou imensamente grata pelo constante incentivo, apoio e amor inabalável que compartilhamos ao longo dessa jornada.

Não posso deixar de mencionar minha orientadora, Edwirgens, cuja experiência, sabedoria e dedicação têm sido uma verdadeira inspiração para mim. Sou grata por sua orientação cuidadosa, seus valiosos conselhos e sua inestimável contribuição como mestra.

Aos meus colegas de mestrado, agradeço pela parceria nos estudos, especialmente a meu colega Walisson Oliveira, que foi um grande companheiro de viagens para pesquisa e debates literários.

Agradeço também à Unimontes e ao PPGL, pois encontrei nestes espaços verdadeiras fontes de inspiração.

Por fim, expresso minha sincera gratidão à Capes pelo apoio financeiro fornecido, que tornou possível a realização deste sonho acadêmico.

Cada uma dessas pessoas e instituições desempenhou um papel fundamental em minha trajetória, e por isso sou profundamente agradecida por seu apoio inestimável.

*“Um livro é um brinquedo feito com letras.
Ler é brincar.”*

(Rubem Alves)

RESUMO

Este estudo contribui para o acervo de pesquisas de Lucia Miguel Pereira, uma figura proeminente na Literatura Brasileira das primeiras décadas do século XX, atuando como crítica literária, romancista, biógrafa, tradutora e escritora de textos infantis. O objetivo desta pesquisa é analisar as representações do negro em suas quatro obras infantis: *A fada menina* (1939), *A filha do Rio Verde* (1943a) e *Maria e seus bonecos* (1943b), *Na floresta mágica* (1943c). Para alcançar esse objetivo, realizamos uma revisão bibliográfica baseada nos estudos de Edwrigens A. Ribeiro Lopes de Almeida, Antonio Candido, Zahidé Lupinacci Muzart, Kalina Vanderlei Silva, Maciel Henrique Silva, Antonio Gabriel de Paula Fonseca Junior e Luiz Eduardo Meira Vasconcellos, Boris Fausto, Djamila Ribeiro, Philippe Ariès, entre outros pesquisadores. Nossas análises revelaram que as quatro narrativas infantis de Lucia Miguel Pereira apresentam representações dos negros, variando desde breves menções na obra *Na floresta mágica* até um tratamento mais aprofundado na obra *A fada menina*. Essas narrativas proporcionam uma compreensão valiosa da história dos negros e da forma como foram subalternizados. É importante ressaltar que, por muito tempo, a história dos negros foi contada por pessoas brancas, como é o caso de Lucia Miguel Pereira, ainda no século XX. No entanto, na atualidade, as vozes negras têm espaço para expressar suas perspectivas na história do Brasil. Esta pesquisa demonstra que as obras infantis de Lucia Miguel Pereira podem ser vistas como poderosas ferramentas de crítica e reflexão, uma vez que a autora estava atenta às problemáticas de sua época. Portanto, é possível realizar outras pesquisas que explorem a Literatura Infantil de Lucia Miguel Pereira como fonte crítica e reflexiva.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Literatura Infantil; Lucia Miguel Pereira; Representação dos Negros; Tradição e Modernidade.

ABSTRACT

This study contributes to the collection of research by Lucia Miguel Pereira, a prominent figure in Brazilian Literature of the early decades of the twentieth century, acting as a literary critic, novelist, biographer, translator, and writer of children's texts. The objective of this research is to analyze the representations of black people in her four children's works: *A fada menina* (1939), *A filha do Rio Verde* (1943a), *Maria e seus bonecos* (1943b), *Na floresta mágica* (1943c). To achieve this goal, we conducted a literature review based on the studies of Edwrigens A. Ribeiro Lopes de Almeida, Antonio Candido, Zahidé Lupinacci Muzart, Kalina Vanderlei Silva, Maciel Henrique Silva, Antonio Gabriel de Paula Fonseca Junior, Luiz Eduardo Meira Vasconcellos, Boris Fausto, Djamila Ribeiro, Philippe Ariès, among other researchers. Our analyses revealed that the four children's narratives by Lucia Miguel Pereira present representations of black people, ranging from brief mentions in the work *Na floresta mágica* to a more in-depth treatment in the work *A fada menina*. These narratives provide valuable insight into the history of black people and how they have been marginalized. It is important to note that, for a long time, the history of black people was told by white people, as is the case with Lucia Miguel Pereira, even in the twentieth century. However, in the present day, black voices have space to express their perspectives in Brazilian history. This research demonstrates that the children's works of Lucia Miguel Pereira can be seen as powerful tools for critique and reflection, as the author was attentive to the issues of her time. Therefore, it is possible to conduct further research that explores Lucia Miguel Pereira's Children's Literature as a critical and reflective source.

Keywords: Brazilian Literature; Children's Literature; Lucia Miguel Pereira; Black Representation; Tradition and Modernity.

FIGURAS

Figura 1 – Dora metamorfoseando	28
Figura 2 – Dora e Maria encontram João	30
Figura 3 – Os três irmãos.....	34
Figura 4 – Esmeralda no Rio Verde	35
Figura 5 – “Saíram debaixo da pedra três diabinhos verdes que começaram a pular e gritar”	39
Figura 6 – O voo de Maria com Juquinha	41
Figura 7 – “Vocês todos são bons para falar, mas não fazem nada; não passam de uns prosas – disse Pinóquio – Estão aqui há muito tempo; apanham e não se vingam”	51
Figura 8 – Livro com dedicatória de Monteiro Lobato	56
Figura 9 – Fada-Menina e Saci-Pererê	83
Figura 10 – “E os dois abraçaram com grande escândalo das fadas”	87
Figura 11 – Saci-Pererê	88
Figura 12 – Dora e Saci-Pererê.....	89
Figura 13 – Dora e a cozinheira.....	92
Figura 14 – Os caçadores e os irmãos	98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	
LUCIA MIGUEL PEREIRA: VOZ COMPROMETIDA COM A REALIDADE SOCIAL NA LITERATURA INFANTIL DO SÉCULO XX.....	15
1.1 Palavras silenciadas: A invisibilidade e a voz das mulheres na Literatura Brasileira 15	
1.2 A literatura do século XX: reflexo da sociedade em transformação	25
1.3 A Literatura Infantil e a crítica pereiriana.....	48
CAPÍTULO 2	
A PRESENÇA DO NEGRO NA HISTÓRIA DO BRASIL E SUAS REPRESENTAÇÕES NA LITERATURA DOS SÉCULOS XIX E XX	62
2.1 Conquistas e trajetória da população negra nos séculos XX e XXI no Brasil .	73
2.2 Breve reflexão do negro na Literatura Infantil	75
CAPÍTULO 3	
AS REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NA LITERATURA DE LUCIA MIGUEL PEREIRA	79
3.1 Representações do negro em <i>A fada menina</i>	79
3.1.2 <i>O Saci-Pererê em A fada menina</i>	82
3.2 Representações do negro em <i>Maria e seus bonecos</i>	90
3.3 Representações do negro em <i>A filha do Rio Verde</i> e <i>Na floresta mágica</i>	96
CONCLUSÃO.....	103
REFERÊNCIAS.....	106

INTRODUÇÃO

Em seu livro *O Direito à Literatura* (2004), Antonio Candido destaca que a literatura é fundamental na sociedade, uma vez que todos os indivíduos, em dado momento, entram em contato com alguma forma de narração ou fabulação. Nessa perspectiva, a Literatura Infantil torna-se ainda mais relevante, pois permite que as crianças tenham acesso a uma expressão artística que representa o mundo e a vida através da palavra.

No texto *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*, Nelly Novaes Coelho e Candido pensam de maneira semelhante a respeito da importância da literatura, pois a autora afirma: “[...] a literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra” (1984, p. 10). Em outras palavras, podemos afirmar que a Literatura Infantil é uma expressão artística. Sendo assim, nessa forma de se expressar através da arte, podem-se, ainda, colocar como reflexão questões que abordam diversas temáticas relacionadas ao mundo da criança, como também à dinâmica da vida social, por exemplo, etnia, noções de gênero, valores morais e ética, entre outras. Destacamos também, neste estudo, a apreciação da literatura como uma fonte de prazer na vida de crianças, adolescentes e até mesmo adultos, uma vez que muitos destes se interessam pela Literatura Infantil.

É possível perceber que os literatos infantis abordam, em seus escritos, questões morais e didáticas que podem ser dialogadas e usadas para reflexão com as crianças. Dessa forma, com base na análise histórica, tratando-se da mestiçagem no Brasil, nota-se a diferença entre o negro e o branco, em que as relações hierárquicas marcam os negros de forma inferior e, muitas vezes, tornam-nos invisíveis. E nas obras infantis de Lucia Miguel Pereira há diversas representações do negro que podem ser analisadas em estudos.¹

É crucial apontar que o grupo de pesquisa “Lúcia Miguel Pereira e a tradição do conto infantil”, orientado pela Professora Dra. Edwrigens Aparecida Ribeiro Lopes de

¹ Durante os anos de 2019 e 2020, atuei como voluntária e bolsista de Iniciação Científica pelo programa BIC/Unimontes, na Universidade Estadual de Montes Claros. Meu projeto de pesquisa tinha como foco as obras infantis de Lucia Miguel Pereira. Além disso, sob a orientação da Profa. Dra. Edwrigens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida, desenvolvi um trabalho intitulado “A representação do negro nas obras *A fada menina*, de Lúcia Miguel Pereira, e *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato”.

Almeida, promove o resgate da escrita infantil pereiriana, trazendo-a para destaque e análise crítica, tornando-a conhecida e valorizada pela comunidade.

O objetivo geral da pesquisa é estudar as representações do negro na Literatura Infantil de Lucia Miguel Pereira por meio dos livros *A fada menina* (1939), *A filha do Rio Verde* (1943a), *Maria e seus bonecos* (1943b) e *Na floresta mágica* (1943c). Assim, a pergunta a ser respondida com a pesquisa é: de que maneira é tratada a desigualdade racial na obra infantil de Lucia Miguel Pereira?

Na tentativa de responder à indagação, no primeiro capítulo, realizamos um levantamento das primeiras décadas do século XX, abordando os textos literários infantis pereirianos. Exploramos a contribuição de diferentes mulheres que se dedicaram à produção de Literatura Infantil nesse período, com as pesquisas de Edwrigens A. Ribeiro Lopes de Almeida, Constância Lima Duarte e Nelly Novaes Coelho. Ao nos aprofundarmos na obra de Lucia Miguel Pereira, pudemos observar a presença marcante da religiosidade católica, o que nos impulsionou a realizar uma análise sociocultural do contexto em que a autora escrevia. Destacamos aspectos importantes para a compreensão da Literatura Infantil, especialmente com base nas reflexões críticas de Lucia Miguel Pereira.

No segundo capítulo, abordamos a presença do negro na História do Brasil e suas representações na literatura dos séculos XIX e XX. Exploramos também, com base nas pesquisas de Boris Fausto (2013), o impacto violento da escravidão. Além disso, discutimos conceitos e reflexões relevantes sobre essa temática, trazendo contribuições da pesquisadora e ativista contemporânea Djamila Ribeiro (2019). Por fim, realizamos uma análise sobre a representação dos negros na Literatura Infantil Brasileira, com destaque para a obra *Caçadas de Pedrinho*, escrita por Monteiro Lobato.

No terceiro capítulo, realizamos a análise das representações do negro nos quatro livros infantis de Lucia Miguel Pereira: *A fada menina* (1939), *Na floresta mágica* (1943c), *A filha do Rio Verde* (1943a) e *Maria e seus bonecos* (1943b). É importante ressaltar que algumas obras abordam brevemente as representações do negro, refletindo a invisibilidade a que eram submetidos nas primeiras décadas do século XX pela classe dominante. Entre esses escritos, destaca-se *A fada menina*, que explora de forma mais aprofundada o personagem folclórico Saci-Pererê.

A pesquisa encontra-se consubstanciada no método de levantamento bibliográfico. Segundo Gil (2002), esse método é elaborado tendo como base materiais já estruturados. Nesse soslaio, é pertinente utilizarmos o método bibliográfico porque,

na abordagem do tema, almeja-se estudar as representações do negro na literatura de Lucia Miguel Pereira com a utilização de conceitos históricos, análise de obras, bibliografias, por exemplo, para sustentar o estudo.

É importante lembrar que a inferiorização dos negros é uma problemática histórica que foi trazida para a Literatura Infanto-juvenil brasileira, como explica Fúlvia Rosemberg em seu livro *Literatura Infantil e Ideologia* (1985). Por isso, é fundamental que esse assunto seja discutido, para evitar naturalizá-lo, contribuindo para a formação de leitores críticos.

De acordo com Vânia Maria Resende, na obra *O Menino na Literatura Brasileira* (1988), existem alguns autores que têm o estereótipo de escritores infantis, todavia, não escrevem propositalmente para aquele público. Para Resende, acontece o caso de adultos se interessarem pela Literatura Infantil. Logo, é mais fácil para adultos, por exemplo, perceberem, com mais sensibilidade, alguma ironia e questões raciais do que crianças e adolescentes.

No texto *A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas* (2004), Suely Dulce Castilho afirma que a representação do negro na Literatura Brasileira antes de 1850 era quase inexistente, ou seja, antes da abolição do tráfico de pessoas para serem escravizadas não se abordava o negro nas obras. Consequentemente, de 1850 adiante, os escritores brasileiros começam a abordar e denunciar a maneira que eram tratados aqueles escravizados. Posto isto, aos poucos, inicia-se uma escrita com a presença do negro em relação aos demais personagens.

Sabe-se que a literatura para crianças, no Brasil, principia na transição do século XIX para o século XX. Dessa forma, é importante destacar que, a partir do modernismo brasileiro, os artistas começaram a inserir as representações do negro nas artes, sobretudo como personagens em literatura destinada a crianças. Antes disso, a criança era tratada de maneira inferior ou de forma invisível. Artistas como Lucia Miguel Pereira colocam, sutilmente, representações de negros em suas obras.

A partir dos estudos realizados, podemos dizer que a Literatura Infantil não possui uma função estritamente voltada para moralizar e/ou ensinar. Antes disso, essa literatura deve ser considerada como instrumento de prazer, que leva crianças e adolescentes a se tornarem leitores capazes de criar suas fantasias. No entanto, mesmo que não seja sua única função a de moralizar, a obra literária acaba, de certa maneira, colocando em pauta assuntos que são importantes para criticar e sobre os quais se deve refletir.

É com vista a essa construção que ora diverte, ora edifica que percorremos a literatura para crianças escrita por Lucia Miguel Pereira, a fim de mostrar como a autora inscreve a problemática do negro naquela sociedade e, assim, apresenta as diferenças raciais para as crianças.

CAPÍTULO 1

LUCIA MIGUEL PEREIRA: VOZ COMPROMETIDA COM A REALIDADE SOCIAL NA LITERATURA INFANTIL DO SÉCULO XX

“O Brasil é um vasto hospital com um lindo jardim na frente. Nesse jardim uma flor de inteligência alta esplende: Lucia Miguel Pereira. Monteiro Lobato presta a sua homenagem a essa flor alta, com a oferta deste bloco de livros. 5.2.1948.”

(Fonseca Junior; Vasconcellos, 2011, p. 21).

A Literatura Brasileira do século XX é amplamente reconhecida por suas contribuições em uma variedade de gêneros, incluindo poesias, contos, romances, inclusive com a Literatura Infantil. No entanto, muitas das figuras mais proeminentes dessa época foram homens, o que pode deixar de lado a rica tradição de escritoras que também fizeram avanços significativos na Literatura Brasileira.

Este capítulo tem como objetivo preencher uma lacuna importante ao explorar a vida e a obra de Lucia Miguel Pereira, uma escritora brasileira que se destacou por sua habilidade notável em diversos gêneros literários durante a primeira metade do século XX. Além disso, discutiremos o contexto no qual Lucia Miguel Pereira estava inserida, destacando sua contribuição como mulher atuante no cenário literário.

1.1 Palavras silenciadas: A invisibilidade e a voz das mulheres na Literatura Brasileira

A presença de mulheres na Literatura Brasileira é um tema que vem sendo amplamente debatido e discutido. Mesmo com o passar dos anos, ainda é notório que autoras sejam relegadas a segundo plano em relação aos homens, muitas vezes o motivo é relacionado ao preconceito de gênero ainda presente na sociedade.

Ao estudarmos a História da Literatura Brasileira entre as décadas de 20 a 50 do século XX, é possível percebermos mulheres que contribuíram significativamente para a Literatura Brasileira, como é o caso de Lucia Miguel Pereira, uma importante intelectual brasileira que se empenhou como crítica literária, biógrafa, tradutora, romancista e escritora infantil. No entanto, seus romances e, sobretudo, seus textos infantis foram pouco conhecidos e estudados. É fundamental despertar o interesse de novos pesquisadores pela obra infantil de Lucia Miguel Pereira, a fim de promover a visibilidade da autora como ficcionista dentro da comunidade literária. É preciso valorizar suas contribuições no campo da escrita fantástica para crianças, incentivando

estudos e análises que ampliem o reconhecimento de sua importância no universo literário.

Apesar de suas inúmeras contribuições para a literatura nacional, os livros de Lucia Miguel Pereira ainda são poucos conhecidos pelo público em geral, como destaca Constância Lima Duarte na apresentação do livro *O legado ficcional de Lúcia Miguel Pereira – Escritores de Tradição* (2011), de Edwirgens Ribeiro Lopes de Almeida. A pesquisadora informa que vários motivos podem ser apontados para essa situação, como o preconceito mesquinho da crítica e da sociedade em aceitar as mulheres nas letras nas décadas de 20 e 30 do século XX. Já na contemporaneidade, é notável a presença de vozes femininas no cenário literário brasileiro, o que representa um avanço significativo para a igualdade de gênero e a valorização da cultura nacional. Entre as destacadas escritoras do meio, podemos citar Conceição Evaristo e Guiomar de Grammont.

Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1946, e se tornou uma representante da Literatura Negra no Brasil. Em sua obra, aborda temas como racismo, discriminação, violência de gênero, além da experiência da diáspora africana no país. Dentre suas publicações, encontram-se livros como *Becos da Memória* (2006), *Olhos d'Água* (2014) e o livro de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011). Guiomar de Grammont, também mineira, nascida em Ouro Preto, em 1963, contribui para a produção literária de mulheres brasileiras com *A casa dos espelhos* (1992), *Palavras cruzadas* (2015) e outras obras.

As duas escritoras abordam temas relevantes em seus textos, especialmente a condição da mulher. Em particular, Conceição Evaristo traz à tona questões fundamentais sobre a experiência da mulher negra e sua visão da história afrodescendente. É uma informação importante, visto que se trata de uma mulher negra expressando-se com base em sua própria perspectiva, ao contrário de Lucia Miguel Pereira, que, sendo branca, narra de maneira sutil a experiência dos negros. A representação do negro na obra desta última autora é de extrema importância, destacando-se principalmente em um período em que, nas primeiras décadas do século XX, os negros não dispunham de voz e visibilidade como têm procurado se manifestar nos dias atuais.

Na contemporaneidade, algumas mulheres do cenário literário norte-mineiro contribuem para a literatura nacional, tais como Cyntia Pinheiro, Milena Plácido e Orlinda Moreira. Com isso, podemos concluir que a Literatura Brasileira tem sido

enriquecida por essas e outras mulheres escritoras que trazem consigo novas perspectivas e reflexões importantes sobre a sociedade e a condição humana.

Algumas pesquisadoras, como Constância Lima Duarte, Edwrigens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida, Nelly Novaes Coelho e Rita de Cássia Silva Dionísio Santos trazem para o debate escritoras que, infelizmente, foram esquecidas e precisam ser retomadas para as rodas de diálogo. Almeida tem se empenhado no resgate da escritora Lucia Miguel Pereira, enquanto Santos revisita a escrita de Alexina Pinto, ambas escritoras que se envolveram no universo da Literatura Infantil nos princípios do século XX, porém, sem muitos estudos nos dias atuais.

É importante destacar, como um caso de exceção, a escritora Maria Firmina dos Reis. Sendo negra e mulher, ela aborda em sua obra questões pertinentes à denúncia de seu tempo. No texto intitulado *Maria Firmina dos Reis: a voz negra na literatura brasileira do século XIX*, o autor Geraldo Ferreira da Silva explica:

Maria Firmina dos Reis, em 1859, publica *Úrsula*. Em pleno regime escravagista, a autora faz um enfrentamento às teorias científicas que ratificavam a inferioridade dos negros e seus descendentes, bem como sobre a incapacidade feminina para tratar sobre as questões humanas e políticas que envolviam os excluídos.

A escritora Maria Firmina dos Reis possui uma relevância ímpar na Literatura Brasileira, destacando-se pela coragem de confrontar uma sociedade permeada pelo racismo, machismo e patriarcado. Enquanto Firmina, negra, expõe as denúncias do sofrimento negro, Lucia Miguel Pereira, uma mulher branca, também aborda em suas obras o tratamento dado aos negros em sua época.

O livro *Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira* (2011), organizado por Antonio Gabriel de Paula Fonseca Junior e Luiz Eduardo Meira Vasconcellos é uma obra que apresenta informações valiosas sobre a vida e a obra de Lucia Miguel Pereira e de seu esposo, Octavio Tarquinio de Sousa, dois importantes nomes da elite intelectual brasileira do século XX. Segundo Fabio de Sousa Coutinho (2011), o casal desempenhou importante papel como pais e avós de Antonio Gabriel de Paula Junior, um dos organizadores do livro, uma vez que é neto do primeiro casamento de Octavio Tarquinio de Sousa e considerava Lucia Miguel Pereira como parte de sua família. Neste sentido, destaca-se a presença de um dos organizadores, que possuiu uma conexão íntima com a escritora, trazendo informações valiosas sobre sua contribuição para a literatura e sua vida como crítica e ficcionista do século XX.

De acordo com Fabio de Sousa Coutinho (2011), Miguel Pereira, renomado médico brasileiro nas primeiras décadas do século XX, teve seis filhos, incluindo Lucia

Miguel Pereira. É importante notar que o nome da autora é frequentemente descrito com ou sem acento gráfico em diferentes fontes, mas optamos por escrevê-lo sem acentuação, assim como está descrito nas obras infantis da escritora. Antonio Gabriel de Paula Fonseca Junior segue essa mesma prática ao se referir à autora. E salientamos que o organizador do livro, tendo intimidade familiar com a escritora Lucia Miguel Pereira, desconsidera o acento.

É crucial apontarmos que as divergências nos registros do nome de Lucia Miguel Pereira evidenciam o apagamento da escritora e de sua identidade, algo que foi corriqueiro em relação a mulheres na História e na Literatura Brasileira. Esse apagamento não foi suficiente para aniquilar o legado de Lucia Miguel Pereira, que permanece vivo. Reconhecer suas contribuições para a cultura do país é fundamental. Como Fonseca Junior e Vasconcellos (2011) asseguram, os escritores se foram, mas toda a herança cultural manteve-se. Portanto, é necessário que pesquisadores se empenhem em resgatar a escrita desses autores, sobretudo de mulheres, e deem a devida atenção ao legado de Lucia Miguel Pereira, como tem realizado a professora/pesquisadora Edwrigens A. Ribeiro Lopes de Almeida.

No *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras: (1711–2011)* (2002), a pesquisadora Nelly Novaes Coelho faz o resgate de várias escritoras do nosso país. Entre as autoras que se dedicam à literatura, Coelho afirma que Lucia Miguel Pereira foi uma:

Romancista, biógrafa, historiadora de literatura, intelectual de destaque no cenário cultural brasileiro nos anos de 1930 e 1950, Lúcia Vera Miguel Pereira nasceu em Barbacena (MG), em 12.12.1903. Viveu no Rio de Janeiro (RJ), e faleceu, juntamente com o marido (o jurista e historiador Otávio Tarquínio de Sousa), num acidente de aviação, em 22.12.1959 (Coelho, 2002, p. 370).

Percebemos que houve um equívoco de Nelly Novaes Coelho quanto ao ano de nascimento de Lucia Miguel Pereira, pois a escritora nasceu em 1901, conforme consta a obra *Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira* (2011). Ainda no livro, o capítulo destinado exclusivamente à escritora salienta que Lucia Miguel Pereira nasceu em “[...] 12 de dezembro de 1901, e era mineira por acaso. Sua mãe, para fugir do calor do verão do Rio de Janeiro, passava uma temporada em Barbacena, quando deu à luz, sem tempo de voltar ao Rio para fazê-lo, como era seu desejo” (Coutinho, 2011, p. 55). É inegável que Nelly Novaes Coelho dedicou grande esforço e empenho à sua pesquisa em relação às mulheres. No entanto, a equivocada informação da data de nascimento de Lucia Miguel Pereira evidencia não só um erro factual, mas também o

apagamento da autora. Os trechos também fazem referência ao local de nascimento da escritora, ou seja, nascida em Minas Gerais por acaso. E, desta maneira, variados autores, intitulam a escritora de livros infantis como “Carioca de Minas”, assim como descreve Coutinho (2011). Vivendo todas suas experiências no Rio de Janeiro, Lucia Miguel Pereira e o esposo falecem vítimas de um acidente aéreo, em 1959.

A respeito da tragédia, Fonseca Junior e Vasconcellos (2011) afirmam que a aeronave em que estavam viajando colidiu no ar com um avião da Força Aérea Brasileira, no Rio de Janeiro. Com o falecimento do casal, a biblioteca e a herança cultural de ambos continua em preservação para a leitura, mas ainda requer divulgação.

Quanto aos seus romances, escreveu *Maria Luísa* (1933), *Em Surdina* (1933), *Amanhecer* (1938) e *Cabra-cega* (1954). Em relação aos seus estudos dedicados a biografias, a estudiosa escreveu, por exemplo, *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico* (1936) e *A vida de Gonçalves Dias* (1943). Como historiadora de literatura, Lucia Miguel Pereira publicou *Ensaio de interpretação da literatura norte-americana* (1943), *Prosa de ficção: de 1870 a 1920* (1950) e *Cinquenta anos de literatura* (1952). Ademais, acrescentamos também a sua dedicação para a literatura destinada ao público infantil, com os textos *A fada menina* (1939), com ilustrações de Nelson Boeira Faedrich; *Na floresta mágica* (1943c), com ilustrações de Luis Jardim; *Maria e seus bonecos* (1943b), com ilustrações de Santa Rosa; *A filha do Rio Verde* (1943a), com ilustrações de Augusto Rodrigues. Além das diversas contribuições no âmbito da literatura, a escritora de livros infantis também realizou diversos exercícios como tradutora, como nas obras *A vida trágica de Van Gogh*, de Irving Sortone (1940), e *O tempo redescoberto*, de Marcel Proust (1988). Neste aspecto, salientamos as contribuições intelectuais de Lucia Miguel Pereira, uma mulher que produziu textos críticos, literários e até mesmo traduções para a literatura nacional.

A pesquisadora de mulheres escritoras Nelly Novaes Coelho, em seu trabalho de 2002, relata que Lucia Miguel Pereira contribuiu para diversas publicações renomadas. Entre elas, destacam-se colaborações no *Boletim Ariel*, dirigido por Agripino Grieco e Gastão Cruis, dois expoentes da intelectualidade brasileira. Além disso, Lucia Miguel Pereira contribuiu com uma série de órgãos de imprensa, tais como *O Jornal*, *A Lanterna Verde*, *Revista do Brasil* e *Correio da Manhã*, afirma Coelho (2002). É imprescindível ressaltar que, nas primeiras décadas do século XX, a presença de mulheres nos ambientes intelectuais ainda era pouco comum, o que torna mais significativa a vasta colaboração de Lucia Miguel Pereira neste meio. Sua atuação foi

fundamental para quebrar barreiras e abrir caminhos para outras mulheres que também desejavam seguir carreira no campo das letras.

Na dissertação *Crítica, romance e gênero: uma pesquisa convergente da obra de Lucia Miguel Pereira* (2010), de autoria de Izaura Regina Azevedo Rocha, notamos que Lucia Miguel Pereira faz parte de uma minoria do gênero feminino que teve suas obras publicadas, diferentemente do que ocorria com autores do gênero masculino, que tinham o domínio na produção literária nos séculos XIX e XX. A produção de Lucia Miguel Pereira ainda é detentora de poucos estudos, sobretudo no que se refere aos textos literários, pois a autora é mais conhecida como crítica literária. Ainda que seus textos tenham sido pouco lidos e estudados, Lucia Miguel Pereira tem o privilégio de ter sido uma das poucas mulheres a conseguir investir na carreira das letras nas primeiras décadas do século XX. No que diz respeito a essa minoria, Edwrigens A. Ribeiro Lopes de Almeida esclarece que:

Reproduzindo essa estratégia do patriarcalismo, o acervo crítico brasileiro, ao longo do século XX, omitiu grande parte da produção feminina e, dentre ela, aquela concebida por Lúcia Miguel Pereira. São poucos os estudos mais alentados acerca da ficção dessa escritora (Almeida, 2011, p. 20).

A pesquisadora faz uma crítica à tradição patriarcal que dominou a sociedade brasileira e também o campo da literatura, destacando que essa visão conservadora teve como consequência a exclusão de grande parte da produção feminina, incluindo a obra da escritora Lucia Miguel Pereira. Considerando o apagamento da produção literária das mulheres no século XX, pesquisadores contemporâneos buscam resgatar e valorizar seus escritos, colocando-os em destaque e integrando-os ao cânone literário.

A escritora é apontada como sendo pouco estudada dentro do contexto da produção literária brasileira, o que evidencia a existência de um viés de gênero na avaliação das obras literárias. Essa crítica demonstra a importância de se valorizar a diversidade e buscar uma abordagem mais inclusiva e equilibrada em relação às produções artísticas de todas as pessoas, independentemente de gênero ou outras características pessoais. Desse modo, a visibilidade literária era voltada para a escrita feita por homens e, assim, a vida e a produção, sobretudo ficcional, de Lucia Miguel Pereira foram pouco estudadas.

Percebemos que Lucia Miguel Pereira pode ser considerada como resistência em seu tempo, visto que as mulheres geralmente ficavam encarregadas de outras preocupações, tais como as atenções voltadas, exclusivamente, para o lar, como reafirma o patriarcalismo. Neste sentido, o texto *A questão do cânone*, escrito por

Zahidé Lupinacci Muzart (1995), aborda essa mesma problemática, uma vez que apresenta a reflexão de que mulheres do século XIX tiveram a liberdade cerceada, tendo em vista que ficaram confinadas no lar e, conseqüentemente, não frequentavam as rodas de poder. Acrescentamos que resquícios do patriarcalismo perduraram também de forma intensa para o século posterior. Sendo assim, as mulheres das primeiras décadas do século XX também tiveram a liberdade afetada e ficavam voltadas para o lar, preocupadas com afazeres domésticos, tendo que administrar a vida do marido e dos filhos.

Por outro lado, a escritora teve ampla atuação no campo das letras, contribuiu de inúmeras formas para a Literatura Brasileira, seja como crítica literária, biógrafa, tradutora, romancista e escritora de livros infantis. Ela ainda contribuiu vastamente para as letras, e por isso era muito admirada pelos intelectuais de seu tempo, inclusive pelo seu marido. Na dedicatória de seu livro, o marido de Lucia Miguel Pereira, o historiador Octavio Tarquinio de Sousa, declara:

A Lucia, companheira perfeita, meu exemplo, meu ideal de felicidade realizado, a mais pura, a melhor pessoa que jamais conheci, estes livros escritos antes de tudo para a leitora que primeiro os leu, com coração ternamente agradecido de Octavio. Rio, 19 de agosto 1958 (Vasconcellos, 2011, p. 80).

Dessa maneira, percebemos, através dessas palavras, o apreço de Octavio Tarquinio de Sousa para com a sua esposa. O historiador ainda afirma que Lucia Miguel Pereira é a primeira leitora de seu livro, dessa maneira, mostra que ambos trocavam experiências em relação à escrita. A pesquisadora Zahidé Lupinacci Muzart (1995) salienta que muitas mulheres do século XIX, no Brasil, ficaram à sombra de um marido ou do pai, mesmo tendo interesse em participar da vida intelectual. Apesar de a autora falar do século XIX, reafirmamos que aspectos referentes à vida de mulheres escritoras demoram a ter mudanças significativas e perduram em tempos posteriores, como é o caso das mulheres das primeiras décadas do século XX. De maneira peculiar, Octavio Tarquinio de Sousa, seu companheiro, dedica-se à escrita de livros de História, uma vez que possui formação como historiador.

Segundo Rocha (2010), Lucia Miguel Pereira casou com 39 anos com um homem mais velho e desquitado. Além de ser uma idade avançada para o casório, segundo a sociedade das primeiras décadas do século XX, a escritora se casa com um homem divorciado, o historiador Octavio Tarquinio de Sousa, o que também era incomum naquele contexto. E assim, casados, fizeram parte da elite intelectual do país,

naquele tempo. No entanto, é necessário afirmar que a escrita de ficcional Lucia Miguel Pereira é pouco conhecida e estudada, ainda nos dias atuais. A estudiosa de mulheres na literatura Constância Lima Duarte faz a seguinte reflexão:

E se conhecemos as condições de vida da grande maioria das mulheres nos séculos passados, os obstáculos que enfrentaram – das teses médicas “provando” sua incapacidade intelectual, ao reforço dos filósofos e governantes incentivando o recolhimento – não podemos nos admirar do reduzido número de escritoras hoje conhecido. A interiorização de normas morais e da culpabilidade com certeza deve ter impedido a muitas de se dedicar à Literatura (Duarte, 1997, p. 89).

A pesquisadora aborda a questão do baixo número de mulheres na literatura. Diversos fatores contribuem para isso, incluindo teses médicas, como aponta Constância (1997), que chegaram a questionar a capacidade intelectual das mulheres. No entanto, ao longo do século XX, a sociedade brasileira como um todo ainda não discutia a igualdade de gênero de forma abrangente. Atualmente, o debate sobre a presença das mulheres em todos os espaços é amplamente difundido, tanto na academia, na política, nas artes, e em diversas outras áreas.

Posteriormente, Duarte (1997) comenta que, apesar de algumas mulheres ainda terem o apoio da família na literatura, como é o caso de Lucia Miguel Pereira com o apoio do marido e com exemplos de mulheres leitoras em sua família, ainda existe o obstáculo da crítica que, de certa forma, desencorajava as mulheres a publicarem os seus textos. Sabemos que a estudada em questão produziu literatura na primeira metade do século XX, mas teve maior notoriedade após a sua morte. Tratando desse apagamento das mulheres na literatura e o resgate para o cânone, Zahidé Lupinacci Muzart afirma:

Para isso, além do resgate, da publicação dos textos, é preciso fazer reviver essas mulheres trazendo seus textos de volta aos leitores, criticando-os, contextualizando-os, comparando-os, entre si ou com os escritores homens, contribuindo para recolocá-las no seu lugar na História. Porém, na questão do resgate, devemos ter em mente que não se trata de uma substituição: os consagrados pelos esquecidos. Isso seria muito tolo (Muzart, 1995, p. 90).

A estudiosa relata a importância de resgatar os textos escritos por mulheres ao longo da história, mas enfatiza que esse processo não deve ser visto como uma substituição dos escritores consagrados pelos esquecidos. Em vez disso, é necessário contextualizar e comparar os textos dessas mulheres com aqueles escritos por homens, contribuindo para recolocá-las no seu devido lugar na História. Essa abordagem pode proporcionar reconhecimento à diversidade de vozes e perspectivas nas produções literárias e históricas, bem como o fato de que as mulheres foram historicamente

excluídas ou marginalizadas nesses campos. Mesmo com este cenário de exclusão das mulheres nas rodas de poder, Lucia Miguel Pereira era considerada como uma mulher culta nas primeiras décadas do século XX. Explica Antonio Candido em *O Albatroz e o Chinês*:

Sua mãe e sua avó eram grandes leitoras, assim como (coisa rara no século XIX brasileiro) suas duas bisavós. Não lhe faltou, portanto, um pano de fundo propício, sem contar que desde menina manifestou muita capacidade fabulativa, criando um personagem, a princesa Rosa Violeta, protagonista das histórias que inventava para as irmãs e aparecia mais tarde nos seus belos contos infantis (Candido, 2004, p. 128).

Podemos considerar que Lucia Miguel Pereira era uma mulher privilegiada, pois, desde criança, teve acesso à arte, especialmente por intermédio das mulheres de sua família. Foi, portanto, exceção entre as mulheres das primeiras décadas do século XX, tendo acesso à literatura. Paralelamente à escrita de Lucia Miguel Pereira, outros autores brasileiros também publicaram textos literários. Alguns exemplos de obras desse período, entre as décadas de 1930 e 1950, são: *Cinco elegias* (1943), de Vinícius de Moraes; *Infância* (1945), de Graciliano Ramos; *A cidade sitiada* (1948), de Clarice Lispector; *O cacto vermelho* (1949), de Lygia Fagundes Telles; *Lampião* (1953), de Rachel de Queiroz; *O Rio* (1954), de João Cabral de Melo Neto; *Corpo de Baile* (1956), de João Guimarães Rosa; *Gabriela, cravo e canela* (1959), de Jorge Amado; e *Poesias 1925-1955* (1959), de Murilo Mendes. Essas obras estão presentes na biblioteca de Lucia Miguel Pereira e Octavio Tarquinio de Sousa, localizada na capital do Rio de Janeiro até o momento presente, sendo que, muitas delas, possuem dedicatórias dos autores para o casal, como é o caso da obra *Claro Enigma* (1951), de Carlos Drummond de Andrade:

Vai meu livro de mansinho,
ao rumo de Laranjeiras;
chegando a Gago Coutinho,
entre as árvores faceiras,
procura nos altos planos
a morada amiga e clara
de dois ilustres romanos
– Lucia e Octavio –, gente rara,
gente de gosto mais fino
e do melhor coração.
Não queiras outro destino
nem busques outra mansão.
A Lucia e Octavio Tarquinio,
Afetuosamente
Carlos Drummond
Rio, janeiro 1952 (Fonseca Junior; Vasconcellos, 2011, p. 25).

Notamos a proximidade e amizade de Carlos Drummond de Andrade, literato de grande prestígio no cenário da Literatura Brasileira, com o casal de escritores. O trecho escrito por Drummond descreve a chegada vagarosa do livro de sua autoria no apartamento dos cônjuges, localizado no bairro das Laranjeiras, na capital do Rio de Janeiro. A residência de ambos recebeu visitas de grandes intelectuais entre os anos de 1940 e 1950, como Carlos Drummond de Andrade, Manoel Bandeira, Murilo Mendes, José Lins do Rego, Antonio Candido e outros, afirma Rocha (2010). A interação e a amizade de Lucia Miguel Pereira com intelectuais renomados da época revelam sua inserção no círculo literário de seu tempo. No entanto, é importante refletir sobre o apagamento que ocorreu em relação à sua obra de ficção.

Sabemos que, no período descrito por Rocha, entre os anos de 1940 a 1950, a maioria das mulheres viviam em condições de subserviência – e Lucia Miguel Pereira está neste cenário, produzindo textos tanto para a literatura quanto para a crítica do momento. Reparamos que as visitas de amigos intelectuais, citados pela pesquisadora, foram feitas apenas por homens, e nenhuma referência a mulheres foi feita, aspecto que mostra a dominação patriarcal na área das letras.

Outra dedicatória manuscrita apresentada em livro, na biblioteca, trata de palavras de afeto presentes no livro infantil *Reinações de Narizinho* (1947), de Monteiro Lobato, que afirma: “O Brasil é um vasto hospital com um lindo jardim na frente. Nesse jardim uma flor de inteligência alta esplende: Lucia Miguel Pereira. Monteiro Lobato presta a sua homenagem a essa flor alta, com a oferta deste bloco de livros. 5.2.1948” (Fonseca Junior; Vasconcellos, 2011, p. 21). Percebemos então, o afeto de Monteiro Lobato, na dedicatória de seu livro infantil, para com Lucia Miguel Pereira. O escritor faz uma declaração a respeito da inteligência de Lucia Miguel Pereira, comparando-a com uma flor, ou seja, característica de uma personalidade delicada e associada ao gênero feminino.

Seguindo a experiência de Lobato, Lucia Miguel Pereira também se enveredou pela Literatura Infantil com a escrita de quatro livros: *A fada menina*, em 1939, *Na floresta mágica*, *Maria e seus bonecos* e *A filha do Rio Verde*, publicados em 1943. Além de escrever Literatura Infantil, existem textos críticos em que a autora reflete a respeito de escritos para os pequenos leitores e, assim, coloca em pauta assuntos que estão inseridos nesse tipo de produção. Ao refletir sobre a escrita para as crianças, Lucia Miguel Pereira afirma que “há livros que se lêem, e há livros que se vivem” (Fonseca

Junior; Vasconcellos, 2011, p. 65). Nesse aspecto, entre várias temáticas discutidas pela autora, a estudiosa raciocina a respeito da sensibilidade de cada obra literária.

Quanto aos escritores de livros infantis, Cecília Meireles e Lucia Miguel Pereira, duas escritoras brasileiras do século XX, nasceram no mesmo ano, em 1901, e ambas escreveram textos destinados aos pequenos leitores. Em 1939, a escritora Lucia Miguel Pereira já havia consolidado sua carreira como crítica literária e romancista, com três livros publicados; seus textos para crianças também merecem destaque, especialmente a obra *A fada menina*, lançada em 1939, no mesmo ano em que Cecília Meireles publicou o livro *Olhinhos de gato*, também destinado ao público infantil.

No texto *História da literatura brasileira: Prosa de ficção: de 1870 a 1920* (1988), Lucia Miguel Pereira fala deste período, entre 1870 a 1920, na ficção. Ainda neste livro, as notas da editora afirmam que Lucia Miguel Pereira é mineira por acaso e que a sua verdadeira autenticidade se encontra no Rio de Janeiro. Ademais, nos dados biobibliográficos da autora, salienta-se que:

Antes do casamento, Lúcia foi subchefe de gabinete do Secretário-Geral de Educação e Cultura da antiga prefeitura do Distrito Federal, nos anos de 1937 a 1939, e chefe da Biblioteca Central de Educação, em substituição a Gastão Cruz, que se havia aposentado (1939). Mais tarde, quando o governo do Presidente Juscelino Kubitschek criou a Comissão Machado de Assis [...]. Machadiana de primeira hora, sua convocação para um trabalho de tal vulto era, por assim dizer, imperativa. Depois de uma grande biografia, publicara um conto esquecido de Machado de Assis, *Casa Velha*, e mais do que isso: sua contribuição estava agora aumentada com um dos mais lúcidos ensaios em torno da prosa brasileira, no período de 1870 a 1920, precisamente a época do apogeu de Machado de Assis até a antevéspera do Modernismo (Pereira, 1920, p. 13).

Percebemos que, mesmo antes do casamento, Lucia Miguel Pereira trabalhou como servidora pública, entre os anos de 1937 a 1939. Além disso, a escritora também colaborou para os estudos literários com a biografia de Machado de Assis e também com a publicação de *Casa Velha*, do escritor. Refutamos a informação dos dados bibliográficos do livro de Lucia Miguel Pereira, sendo que *Casa Velha*, obra Machadiana, é um romance, e não um conto. Portanto, Lucia Miguel Pereira, colaborou com a sua pesquisa crítica literária brasileira em seu contexto, sobretudo no que se refere à antevéspera do Modernismo.

1.2 A literatura do século XX: reflexo da sociedade em transformação

Ao abordarmos as primeiras décadas do século XX no contexto da Literatura Brasileira, deparamo-nos com um período complexo e marcado por uma série de acontecimentos significativos. É importante ressaltar que, já nos primeiros anos do

século passado, observamos a manifestação de movimentos artísticos, como o Pré-Modernismo e o Modernismo, cujas ideias e influências contribuíram para a transformação do panorama literário nacional. Ao comentar a respeito desse período, Edwrigens Almeida salienta:

Profundas mudanças nos setores econômico, político, social e cultural marcaram o mundo ocidental nas primeiras décadas do século XX. Guerra, movimentos operários, revolução e crise econômica conviviam, lado a lado, com o surto de industrialização e de importantes invenções, como o avião, o automóvel e o cinema. O povo brasileiro, vivendo ou sendo influenciado por esses acontecimentos, presencia um novo tempo, regido por grandes transformações (Almeida, 2011, p. 33).

Podemos notar, de um modo geral, que houve mudanças significativas que ocorreram nos setores econômicos, políticos e sociais nas primeiras décadas do século XX. Entre essas mudanças, houve a Primeira Guerra Mundial, os movimentos operários, a crise econômica e algumas industrializações importantes, como é o caso da invenção do avião. Essa abordagem é importante para entendermos que essas mudanças globais afetaram o Brasil e também no que diz respeito às expressões artísticas.

De acordo com Hênio Tavares, em seu livro *Teoria Literária* (2002), os primeiros vinte anos do século XX foram um período de intensa produção literária no Brasil, caracterizados por uma multiplicidade de escolas e tendências, sem predominância de uma única corrente estética. Esse momento, que se situa antes da Semana de Arte Moderna, ficou conhecido como período pré-modernista e se destacou pelas mudanças que começaram a surgir.

Alguns escritores, no entanto, já apresentavam sinais de renovação e independência em relação aos processos tradicionais, antecipando o movimento Modernista. Como resultado, muitos autores produziram obras que transitavam entre o Pré-Modernismo e o Modernismo, o que pode ter influenciado a forma como Lucia Miguel Pereira escreveu. Como mulher leitora em um ambiente predominantemente masculino, é possível que ela tenha sido impactada por essas transformações literárias e buscado incorporá-las em sua própria produção escrita. Ainda em relação ao Pré-Modernismo, no texto *História Concisa da Literatura Brasileira* (2015), Alfredo Bosi afirma:

Redefinindo um termo bivalente, pré-modernismo, diria que é efetiva e organicamente pré-modernista tudo o que rompe, de algum modo, com essa cultura oficial, alienada e verbalista, e abre caminho para sondagens sociais e estéticas retomadas a partir de [1922]: em plano de destaque, a incursão de Euclides da Cunha na miséria sertaneja, o romance crítico de Lima Barreto, a ficção e as teses de Graça Aranha, as pesquisas de Oliveira Viana, as campanhas nacionais de Monteiro Lobato (Bosi, 2015, p. 222).

Ainda antes da Semana de Arte Moderna, marco do período modernista, tudo o que rompe com a cultura oficial, alienada e verbalista pode ser considerado como Pré-Modernista. O historiador cita vários exemplos de autores que se encaixam nessa categoria, como Euclides da Cunha, Lima Barreto, Graça Aranha, Oliveira Viana e Monteiro Lobato. Esses escritores teriam contribuído para uma sondagem social e estética que foi retomada a partir de 1922, ano em que ocorreu a Semana de Arte Moderna, em São Paulo.

Para alguns críticos literários, o período modernista pode ser dividido em diferentes fases, e Hênio Tavares (2002) concorda dizendo que este período é fragmentado. Na década de 1930, por exemplo, a Literatura Brasileira apresenta nomes de autores como Carlos Drummond de Andrade, Augusto Frederico Schmidt e Vinicius de Moraes, afirma Tavares (2002). Nessa mesma década, os primeiros romances de Lucia Miguel Pereira são publicados, juntamente com seu primeiro livro infantil, *A fada menina* (1939). Nesta fase de escrita de Lucia Miguel Pereira, na década de 30 do século XX, Carlos Drummond de Andrade e Vinicius de Moraes também escrevem literatura, ambos confidentes da escritora fluminense-mineira e que tiveram livros dedicados a ela em sua biblioteca, conforme descrito por Fonseca Junior e Vasconcellos (2011). Além disso, na década de 1930, período em que esses autores estavam ativos, algumas características do Modernismo se destacaram, como a valorização da feição regionalista, segundo Tavares (2002). Os escritores desse período buscavam retratar a identidade cultural brasileira e os costumes das regiões do país.

Em *A fada menina*, Lucia Miguel Pereira explora as manifestações culturais brasileiras com o aparecimento de personagens do folclore nacional. A narrativa conta a história da menina que se chama Dora, uma garota que se transforma na fada Rosa Violeta todas as noites. Acomodada em sua cadeira de balanço, Dora observa o silêncio que permeia a casa após seus pais adormecerem, dando início a uma nova transformação:

– vou virar fada, vou virar fada, vou virar fada... Daí a pouco começava a sentir uma coisa esquisita, como se tivesse uma porção de formiguinhas dentro do corpo. Logo começava a crescer, a crescer... Os braços, as pernas, o corpo todo esticava, a pele ficava clara, branca como as das moças das figuras: os cabelos pretos, cortados curtos, ficavam compridos e louros, cheios de cachos; os olhos se punham a mudar de côr, até se tornarem azues, como os de Maisa (Maisa era a boneca de Dora) (Pereira, 1939, p. 18).

Nessa transformação, que poderíamos descrever como uma metamorfose, o corpo da menina passa por uma transição, adquirindo a forma de uma fada. Essas

mudanças são marcadas por contrastes em relação à sua aparência original, pois seu cabelo escuro se transforma em um longo loiro e seus olhos assumem um tom azul.

Figura 1 – Dora metamorfoseando



Fonte: *A fada menina* (Pereira, 1939, p. 17)

Essas metamorfoses podem representar uma reflexão, uma vez que até a pele da menina é clareada neste momento de mudança. A imagem apresenta o momento em que Dora, ciente da situação, decide transformar seu corpo em fada. Essas mudanças também ocorrem no espaço:

E o mais engraçado é que a cadeirinha de balanço, de vime vermelho e verde, também ia se mudando e se transformava num carro lindo, todo de ouro, com rodas cravejadas de brilhantes e puxado por um cisne branco. Dora tinha umas rédeas de sêda cheias de guizos [...]. E não era mais Dora; dêsse momento em diante, até que desaparecesse do céu a última estrêla, ela era a Princesa Rosa Violeta, fada das bonecas e das pedras preciosas (Pereira, 1939, p. 18).

Nesse sentido, não apenas o corpo da menina Dora sofre alterações, mas também o mundo ao seu redor. Agora conhecida como a fada Rosa Violeta, ela embarca em uma narrativa repleta de aventuras, explorando as possibilidades desse novo ser que é revelado. Essas modificações também ocorrem no período de escrita de Lucia Miguel Pereira. Conforme descrito por Almeida (2011), mudanças intensas estão ocorrendo no contexto da primeira metade do século XX, período em que a autora escreve os textos ficcionais infantis. Entre as aventuras da protagonista Dora e sua amiga, surge

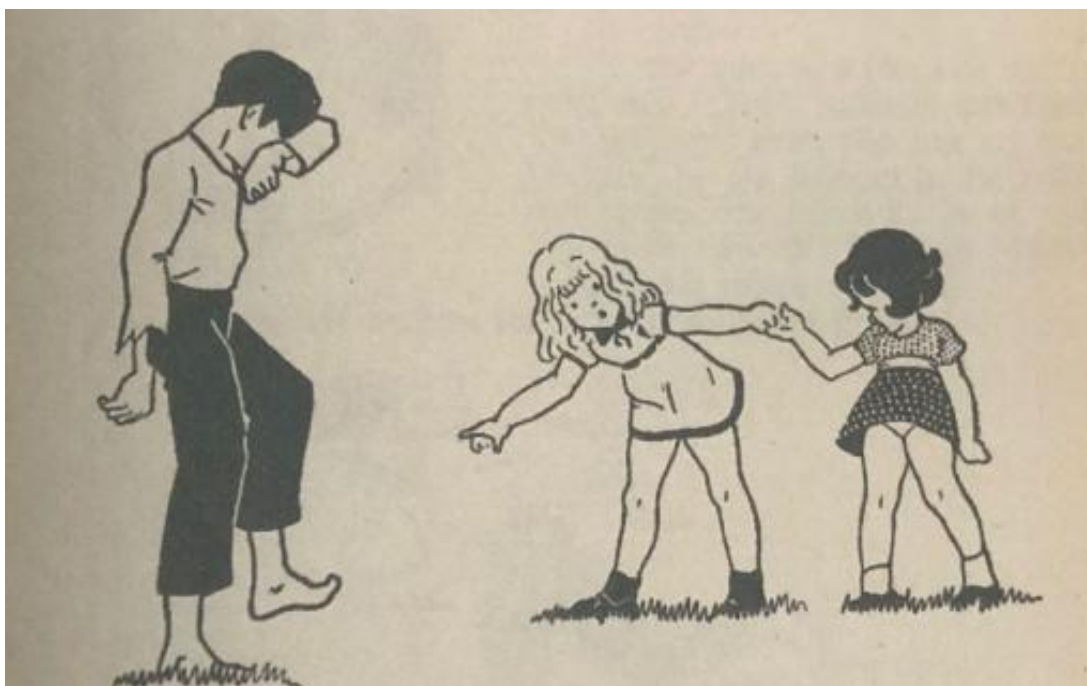
repentinamente um menino durante uma brincadeira, chamando a atenção das garotas e do cachorro chamado Fiel:

De repente avistaram... que? Uma onça? Uma cobra? Um bandido? Nada disso. Um menino. Um menino grande, de seus doze anos mais ou menos. Um menino pobre, pois estava descalço e tinha uma calça e uma camisa todas rasgadas. Um dos pés estava machucado, saindo sangue. Vinha caminhando devagar, mancando, e quando viu as meninas e o cachorro, parou e estremeceu como se estivesse com medo (Pereira, 1939, p. 36).

Por meio das interrogações, podemos perceber o mistério que está prestes a ser revelado. Quando um menino pobre aparece, ele comove Dora e a sua amiga Maria. As duas, com um coração bondoso, decidem providenciar comida para João: “Foram depressa para casa – que estava muito mais perto do que elas imaginavam – entraram na cozinha, arranjaram com a cozinheira um pão com carne, dizendo que era para um pobre, e levaram-no para o menino” (Pereira, 1939, p. 41). Fica claro que as meninas não hesitaram em ajudar João, fazendo o possível para saciar a fome do garoto. Após o episódio, elas começaram a se perguntar quem era aquele sujeito misterioso que apareceu do nada, despertando curiosidade e interesse. Embora não soubessem muito sobre ele, sentiram empatia por sua condição e estavam dispostas a ajudá-lo novamente, caso precisasse. O ato das meninas não só trouxe alívio para a fome de João, mas também criou um vínculo entre eles, mostrando, para o leitor, a importância do cuidado com o próximo.

Sendo assim, “[...] aos poucos, à força de muito perguntar, foram sabendo que João não tinha nem pai nem mãe, que era empregado de um homem muito ruim que morava na praia da Gávea, que fugira de casa na véspera e passara a noite no mato” (Pereira, 1939, p. 41). Os pés descalços e a roupa rasgada foram suficientes para que as meninas identificassem o garoto como pobre. Com o passar dos dias, as meninas criaram uma amizade com ele e começaram a se preocupar com sua situação. Elas perceberam que algo não estava certo quando souberam que João estava sendo acusado, injustamente, de roubar as joias da patroa dele. As meninas, então, decidiram investigar o caso para tentar provar a inocência do amigo. Esse trecho mostra um fato importante que é exposto na literatura e é uma preocupação social, que é a denúncia da desigualdade social.

Figura 2 – Dora e Maria encontram João



Fonte: *A fada menina* (Pereira, 1939, p. 39)

A história narrada de maneira envolvente nos faz refletir sobre a necessidade de termos empatia nas relações humanas. A escritora Lucia Miguel Pereira escolheu abordar esse tema por meio da história de João, uma criança pobre e órfã que trabalhava desde cedo. Nesse contexto, Dora e sua amiga Maria encontram o garoto perdido e mostram ao leitor um exemplo de solidariedade ao se colocarem no lugar de João e decidirem ajudá-lo. As meninas demonstram que é possível fazer a diferença na vida das pessoas, independentemente da sua diferença social ou econômica. Adiante, elas foram capazes de criar uma conexão especial com o garoto, o que resultou em uma amizade entre as crianças.

Na pesquisa *Guimarães, Clarice e Antes*, Luís Bueno afirma que “os anos [1930] são a época do romance social, de cunho neonaturalista, preocupado em representar, quase sem intermediação, aspectos da sociedade brasileira na forma de narrativas que beiram a reportagem ou o estudo sociológico” (Bueno, 2001, p. 250). É uma característica do romance dos anos 1930 essa forte denúncia, mostrando as mazelas da sociedade. E a Literatura Infantil de Lucia Miguel Pereira, neste caso, levanta uma crítica importante: a pobreza e o trabalho infantil. Mesmo com 12 anos, João já tinha de trabalhar para garantir o seu próprio sustento. Essa realidade, infelizmente, ainda é comum, principalmente no nosso país.

A escritora aponta momentos de diversão entre Dora, Maria e João, abordando, então, o espaço que a criança deve ocupar na sociedade, excluindo o ambiente de trabalho. Naquele tempo, o exercício do trabalho pelas crianças não era tão combatido como nos dias de hoje, mas a escritora levanta, como nos antecipa Bueno (2015), a temática do pobre pelo viés da Literatura Infantil. Ao destacar essa questão, a história permite nos fazer refletir, nos dias de hoje, sobre como podemos ajudar a erradicar essa prática e garantir que todas as crianças tenham direito à educação, ao lazer e a uma vida digna.

Em suma, *A fada menina* é um exemplo de Literatura Infantil que nos ensina sobre a importância do cuidado com o próximo. Ademais, mostra também questões sociais urgentes, como é o caso do trabalho infantil, e nos motiva a pensar em agir para promover a diferença. E, assim, os literatos regionalistas deram voz aos pobres em seus romances. De acordo com Luís Bueno:

A incorporação dos pobres pela ficção é um fenômeno bem visível nesse período. De elemento folclórico, distante do narrador até pela linguagem, como se vê na moda regionalista do início do século, o pobre, chamado agora de proletário, transforma-se em protagonista privilegiado nos romances de [1930], cujos narradores procuram atravessar o abismo que separa o intelectual das camadas mais baixas da população, escrevendo uma língua mais próxima da fala (Bueno, 2001, p. 254).

O trecho destaca uma mudança significativa na representação dos pobres na ficção ao longo do tempo. Antes, eles eram retratados como elementos folclóricos distantes do narrador e da linguagem utilizada, mas, no início do século XX, começaram a ser chamados de proletários e se tornaram protagonistas privilegiados nos romances dos anos 1930. Os narradores dessas obras tentavam transpor o abismo que separava o intelectual das camadas mais baixas da população, utilizando uma linguagem mais próxima da fala popular. Isso mostra como a literatura reflete os valores e as transformações sociais de cada época. No entanto, algumas obras, como é o caso de *A fada menina*, continuam com a escrita de denúncia ao mostrar como era a forma de trabalho da época.

No intuito de auxiliar o menino João, que representa a pobreza na obra, Dora enfrentou desafios, inclusive teve um desentendimento com a Iara, e se aproximou do Saci, personagem do folclore brasileiro:

E era justamente com ela, que tinha muito mais poder que as outras, que era só fada, fada o dia inteiro, que tinha um castelo no fundo do mar e outro no reino das fadas, que sabia de tudo, que a pobre da Rosa Violeta, da fadazinha brasileira, fôra se meter a brigar. Felizmente tinha o auxílio da árvore mágica

e do Saci, que, sendo também brasileiro, ficara muito seu amigo (Pereira, 1939, p. 98).

Verificamos a relação do Saci-Pererê e da Rosa Violeta em tom de amizade, ambos brasileiros, como amigos e confidentes, na obra. No entanto, Rosa Violeta e a Iara são personagens que apresentam uma determinada rivalidade. Essa rivalidade é motivada por causa de João, um menino pobre que atinge o coração de Rosa Violeta, que tenta ajudá-lo.

Já na obra *Maria e seus bonecos*, a autora Lucia Miguel Pereira utiliza as personagens Maria para representar a riqueza e Clarinha, filha do sapateiro, para representar a pobreza. Essa escolha permite à autora explorar as desigualdades sociais no âmbito econômico e oferecer uma crítica social por meio da narrativa. A obra destaca como a riqueza pode trazer privilégios e oportunidades que a pobreza não pode proporcionar, o que é um tema importante para ser discutido e refletido na sociedade, especialmente no contexto das primeiras décadas do século XX, em que muitos trabalhadores enfrentavam condições precárias de trabalho.

Em diálogo, Maria fala com Clarinha: “Você, quando crescer, há-de ser cozinheira, deve mesmo ganhar fogões. Para mim não servia. Eu sou rica, quero brinquedos bons. Veja só o que ganhei” (Pereira, 1943b, p. 17). Notamos que Maria é referida como rica e, portanto, tem mais recursos financeiros para adquirir brinquedos de qualidade. No entanto, na contemporaneidade, sabemos que todas as crianças têm direito à educação e ao lazer, independentemente de sua situação financeira. O lugar geralmente destinado à mulher era o ambiente da casa. No caso da mulher pobre e sem instrução, eram ainda mais restritos os possíveis trabalhos. Nesse sentido, a obra deixa evidente uma crítica sobre esse lugar que era previsto para Clarinha, já que ela era uma mulher, pobre e sem condições de ter uma boa instrução. Nesta reflexão, a pesquisadora Constância Lima Duarte afirma:

Não se admitia à mulher qualquer iniciativa que lhe permitisse escapar do estreito círculo a que estava confinada. Os espartilhos do preconceito teimavam em mantê-la bem segura e dentro dos limites do espaço doméstico. Na virada do século, para se ter uma idéia, as mulheres casadas não podiam dispor do próprio dinheiro, opinar na criação dos filhos, ou muito menos mover uma ação contra o marido. O direito ao voto, lembro, só foi alcançado ao nível nacional em 1932, após muita resistência dos que achavam que não era atribuição feminina preocupar-se com os destinos da nação (Duarte, 1997, p. 89).

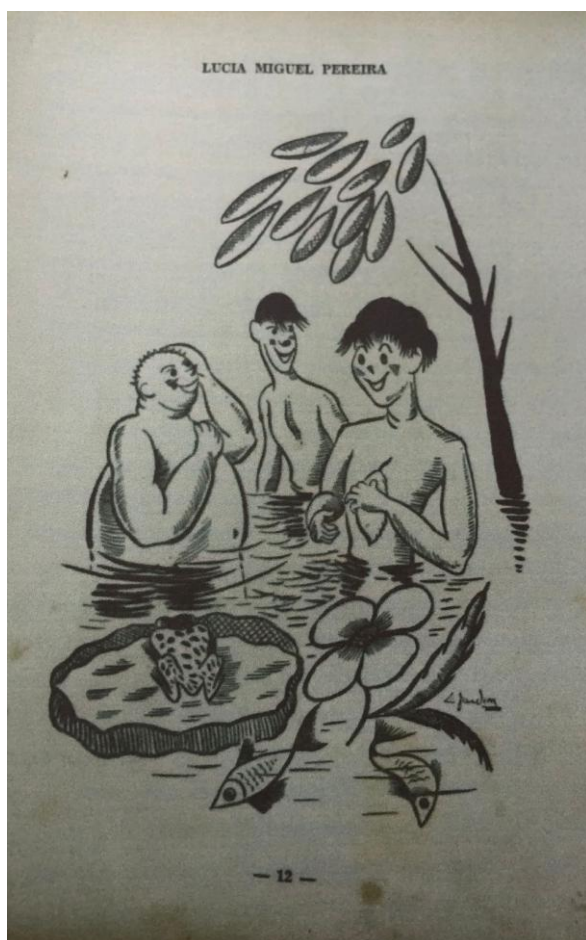
A pesquisadora destaca a situação das mulheres que eram limitadas a desempenhar apenas o papel de cuidadoras do lar. Essa restrição persistia mesmo durante o período em que Lucia escrevia, nas primeiras décadas do século XX, quando

o direito ao voto foi finalmente conquistado pelas mulheres. O pensamento predominante era de que certos espaços não deveriam ser ocupados por mulheres, infelizmente, uma realidade que ainda persiste nos dias atuais. No entanto, o direito ao voto representa um marco significativo e celebrado na história das mulheres, simbolizando um avanço em direção à igualdade de gênero.

No texto literário em questão, a autora descreve Maria como uma personagem que exibe comportamentos negativos, tais como quebrar seus brinquedos, maltratar os animais e demonstrar falta de respeito e de educação pelas outras pessoas. É formidável lembrar, no entanto, que a construção da personagem pode ter sido realizada intencionalmente pela autora para transmitir uma mensagem mais profunda. Em certo momento da narrativa, ao tocar no brinquedo Juquinha, a protagonista sentia uma sensação diferente. Maria relata: “[...] Aquê boneco não era igual aos outros. Quando tocava na tinta vermelha que saía de dentro dele, sentia-se diferente, melhor, mais calma, com mais pena dos pobres” (Pereira, 1943b, p. 19). Notamos que Maria se tornou uma pessoa melhor diante do boneco, pois a tinta que saía do seu corpo fazia com que sentisse mais pena dos pobres, neste caso, representada pela sua vizinha, a amiga Clarinha. Entendemos, então, que a Literatura Infantil de Lucia Miguel Pereira reflete os valores e as tendências literárias de seu tempo, sendo uma produção condizente ao período em que foi escrita.

A narrativa *Na floresta mágica* conta a história de três irmãos: João, apelidado de Pé-de-Boi; Francisco, apelidado de Pé-de-Cabra; e Manoel, apelidado de Pé-de-Pato. Sobre as crianças, lemos que “a mãe morrera e o pai fôra caçar e nunca mais voltara; não se sabia que fim havia levado. Os meninos ficaram com um tio muito ruim que os pusera no internato e não os queria em casa nem nas férias” (Pereira, 1943c, p. 7). Percebemos que as crianças não tinham ninguém para cuidar delas, ficando sob responsabilidade do internato.

Figura 3 – Os três irmãos



Fonte: *Na floresta mágica* (Pereira, 1943c, p. 12)

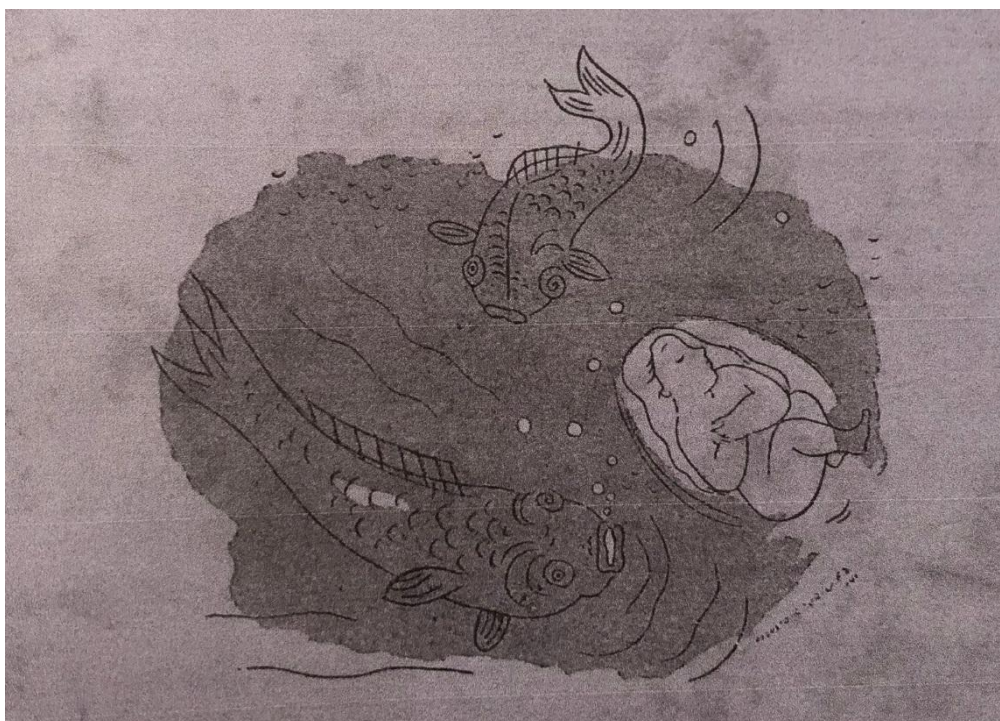
No entanto, os meninos estavam crentes que o pai estava perdido na floresta e planejaram de fugir para buscá-lo:

À noite, no dormitório, quando todos os meninos dormiam, os três irmãos combinavam meios de sair do colégio e de ir pelo mundo em fora, buscar o pai. Com pouco dinheiro que o tio, homem rico, mas sovina, lhes dava, compravam cousas que pudessem servir ao seu projeto. Pé-de-Boi, que pensava nos perigos a enfrentar no meio do mato, arranjava facas, canivetes; até uma espingarda velha comprou do irmão de um colega. Pé-de-Cabra, imaginando sempre trepar em barrancos, escalar morros, juntava cordas e paus. Pé-de-Pato, guloso como ele só, armazenava latas de conservas e biscoitos (Pereira, 1943c, p. 9).

Então, no dormitório, as crianças planejaram fugir do colégio em busca do pai. Elas tinham um valor guardado que o tio rico havia dado, representando a riqueza na narrativa. Esse homem rico, porém ruim, não dava nenhum valor às crianças, nem mesmo fazia questão de que fossem para casa durante as férias. Vê-se, assim, a narrativa colocar em conflito, novamente, o lugar da riqueza e o lugar do pobre e de sua pobreza.

A história *A filha do Rio Verde* começa com a narrativa de um casal, Chico e Joaquina, que desejavam ter uma filha para complementar a felicidade da família, que já contava com um filho, o João. O rio local, ao perceber a angústia e o desejo do casal, ofereceu-lhes uma menina que caíra em suas águas, uma garota doce e bondosa que emocionou Chico e Joaquina: “Os pais ficaram muito satisfeitos com essa filha nova; como não sabiam o nome, chamaram-na Esmeralda, por ter saído das águas do Rio Verde” (Pereira, 1943a, p. 9). A menina continuou a visitar o rio regularmente, encantada com a beleza e a tranquilidade daquele lugar. Ela sempre recebia pequenos presentes do rio, como roupas e brinquedos.

Figura 4 – Esmeralda no Rio Verde



Fonte: *A filha do Rio Verde* (Pereira, 1943a, p. 8)

Certo dia, porém, o rio decidiu presentear-lhe com algo valioso: um caixote repleto de brilhantes que havia caído de uns ladrões há muitos anos. Ao ver aquele tesouro reluzente, o pai da menina rapidamente percebeu que poderia mudar a condição socioeconômica de sua família vendendo aquelas pedras preciosas na cidade. Porém, o rio não pensou que todo o tesouro poderia gerar muitos problemas para Esmeralda e sua família. Assim, o pai foi até o centro comercial mais próximo para trocar o tesouro em dinheiro:

Chegando à cidade, sem saber onde estaria o Chico, quis vender primeiro um dos brilhantes, para ter dinheiro e poder ir para um hotel, comer e dormir. O

joalheiro achou esquisito aquela mulher tão pobre com pedras de tanto valor, chamou a polícia e Joaquina foi presa (Pereira, 1943a, p. 17).

O trecho apresenta uma reflexão sobre a desigualdade social e a injustiça do sistema capitalista, ao mostrar como a generosidade do rio não é suficiente para mudar a percepção das pessoas em relação à família de Esmeralda. Mesmo com tantos tesouros, eles são vistos como pobres e sem condições financeiras, evidenciando as desigualdades econômicas que permeiam nossa sociedade. Essa narrativa instiga o leitor a refletir sobre as implicações dessa realidade, destacando a importância de debatermos questões relacionadas à distribuição de riquezas e oportunidades em nossa sociedade. Percebemos, a partir de um panorama sobre essas obras, como Lucia Miguel Pereira era comprometida não só com a realidade e a desigualdade social presente no país naqueles tempos, como também a escritora se empenha na execução do estilo literário predominante, como argumenta Bueno (2015), destacando os marginalizados, as desigualdades sociais, o pobre, a mulher. A Literatura Infantil de Lucia Miguel Pereira demonstra um engajamento notável em relação aos problemas sociais que permeavam seu tempo. Por meio de suas histórias e seus personagens, a autora abordava questões relevantes e delicadas, como desigualdade, injustiça e preconceito, de forma ora profunda, ora leve para o público infantil.

Suas narrativas promovem não apenas o prazer pela leitura, mas também reflexões, além de despertar a consciência social desde o primeiro contato com a leitura na infância. Lucia Miguel Pereira tinha consciência do potencial transformador da Literatura Infantil e utilizava sua escrita como uma poderosa ferramenta para disseminar críticas e reflexões. Além disso, sua abordagem na construção de personagens e tramas permitia que crianças de diferentes origens e realidades se identificassem e se enxergassem nas histórias.

Assim, entendemos que a obra infantil de Lucia Miguel Pereira tem um importante caráter de denúncia social, ainda que, algumas vezes, de forma sutil, retratando as desigualdades presentes na sociedade das primeiras décadas do século XX. É importante destacar que essa literatura produzida na década de 1930 foi influenciada por diversos movimentos e correntes artísticas, o que resultou em uma grande diversidade de estilos e narrativas encontradas nos trabalhos dos escritores da época.

Assim sendo, podemos afirmar que a escrita de Lucia Miguel Pereira está inserida dentro dessa pluralidade, pois seus livros infantis e romances apresentam não

apenas histórias cativantes, mas também críticas à realidade social da época. Falando dos romances pereirianos, Edwrigens A. Ribeiro Lopes de Almeida explica que:

[...] A ficção de Lúcia Miguel Pereira não destoa da produção da década de trinta, mas, de modo peculiar, descortina a feição psicológica daquela sociedade, especialmente do universo particular da mulher enquanto a outra vertente intenta descrever os traços físicos e sociais desse povo (Almeida, 2011, p. 37).

Notamos que Lucia Miguel Pereira é uma autora que não é diferente dos demais literatos de seu tempo de escrita, pois redige acerca de questões que são colocadas em pauta no seu contexto, como é o caso do romance *Maria Luísa* (1933). A autora, neste livro, faz com que o leitor reflita a respeito da condição da mulher, principalmente no que tange ao casamento, aspecto que é considerado como político e social. Na continuidade da obra, ao tratar do romance *Maria Luísa*, Almeida (2011) explica que a consciência do problema social que promove o restabelecimento da razão e da liberdade de Maria Luísa. Percebemos, por intermédio do exemplo comentado, que a escritora coloca em evidência aspectos sociais em sua literatura. Ademais, a angústia da personagem Maria Luísa pode ser considerada como uma característica psicológica e intimista, aspecto também relevante na escrita de 1930. Para Edwrigens Almeida “o romance intimista pereiriano, priorizando o núcleo familiar, exprime uma sociedade vista por dentro. Por conseguinte, tanto a vertente social como intimista ou psicológica cifram-se em arrolar os perceptíveis ‘sinais do tempo’” (Almeida, 2011, p. 38). Dessa maneira, Lucia Miguel Pereira mostra a dinâmica social, tendo em vista que o núcleo familiar é algo restrito e íntimo. Assim, a escritora revela a complexidade da sociedade, sobretudo das pessoas que a compõem.

Em suma, a literatura dos anos 1930 também ficou conhecida como uma literatura de denúncia social, ou seja, os escritores utilizavam os seus textos para revelar questões de incômodo na sociedade. É interessante observar que Lucia Miguel Pereira traz à tona em seus textos infantis temas importantes e, muitas vezes, negligenciados pela sociedade, colocando em evidência a realidade dessas pessoas marginalizadas. É importante destacar que essa abordagem objetiva pode gerar incômodo em algumas pessoas, mas é necessário compreender que a literatura, assim como outras formas de arte, têm o papel de provocar reflexões e questionamentos sobre os problemas sociais presentes em nossa realidade.

No livro *Crítica, teoria e Literatura Infantil* (2010), Peter Hunt afirma que “Tal como lemos livros para criança em vários sentidos ao mesmo tempo, também o escritor,

consciente ou inconscientemente, tem de considerar as implicações genéricas, socioculturais e didáticas de escrever esse tipo de livro” (Hunt, 2010, p. 158). O pesquisador argumenta que os escritores de livros infantis devem considerar as implicações genéricas, socioculturais e didáticas de seus trabalhos. O contexto sociocultural também é importante a ser considerado, pois os livros infantis refletem os valores e crenças da sociedade em que são escritos.

A leitura de livros destinados ao público infantil pode ser contemplada em diferentes níveis de significado. Enquanto as crianças podem encontrar diversão e estímulo à imaginação nas histórias, os adultos podem interpretá-las de maneiras mais profundas, como fontes de lições morais ou críticas sociais.

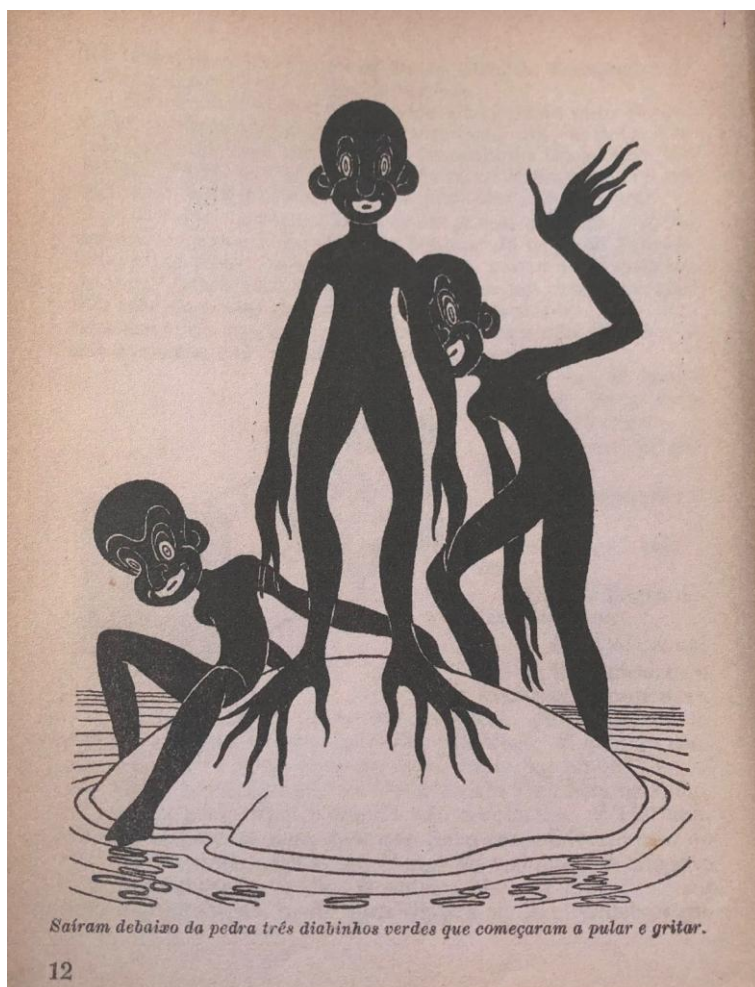
Nesse contexto, os escritores que se dedicam à criação de livros para crianças enfrentam a tarefa consciente ou inconsciente de considerar as implicações gerais, socioculturais e educacionais inerentes a essa forma de expressão artística. Isso inclui a reflexão sobre os valores transmitidos, a representação cultural e a diversidade presentes nas histórias que escrevem, inclusive a religiosidade.

Ainda com relação ao contexto de escrita pereiriano, segundo o historiador Boris Fausto, em sua obra *História do Brasil* (2013), a Igreja Católica foi uma das principais bases de apoio do governo brasileiro nos anos de 1920. Essa aliança teve seu marco simbólico em 1931, com a inauguração da icônica estátua do Cristo Redentor no Corcovado, um monumento que se tornou um dos principais símbolos da cidade do Rio de Janeiro e do país como um todo. Embora a autora de livros infantis e adultos mencionada no texto seja originária de Minas Gerais, é válido ressaltar que sua experiência de vida ocorreu principalmente no Rio de Janeiro, cidade onde se veiculava revistas de teor católico, nas quais Lucia Miguel Pereira servia como escritora, o que pode ter influenciado significativamente suas obras literárias. A relação espiritual presente nos textos da autora reflete o contexto histórico em que foram escritos, onde a religião desempenhava um papel fundamental na sociedade brasileira. É interessante notar como esses aspectos históricos se manifestam na Literatura Infantil e como a autora soube explorá-los de forma instigante para seus jovens leitores.

Podemos notar a presença da religiosidade na primeira obra escrita por Lucia Miguel Pereira, *A fada menina*. Numa das aventuras dentro rio, Dora pulando de pedra caiu dentro d’água. “Mas cair não é nada... o esquisito é que no mesmo instante saíram de baixo da pedra três diabinhos verdes que começaram a pular e a gritar: Fiau-pau-pau! Fiau-pau-pau! Olha a menina da perna fina” (Pereira, 1939, p. 13). Verificamos que o

rio é um lugar que pode ter coisas ditas esquisitas, com exemplo, os diabinhos. Ao ver essas criaturas pulando e cantando, a menina agiu de maneira corajosa e ficou preocupada apenas com a reação do cachorro Fiel, que poderia ficar com medo.

Figura 5 – “Saíram debaixo da pedra três diabinhos verdes que começaram a pular e gritar”



Fonte: *A fada menina* (Pereira, 1939, p. 12)

Em oposição aos diabinhos, Dora prega: “Que fiquem por lá, que Nossa Senhora e o Anjo da Guarda os tranquem com sete chaves no fundo do rio” (Pereira, 1939, p. 13). No trecho mencionado, podemos observar os contrastes entre o profano e o sagrado. O profano é representado pelos diabinhos, enquanto o sagrado se manifesta na figura de Nossa Senhora e do Anjo da Guarda. Essas características opostas geram uma reflexão sobre a dualidade presente em muitas culturas e religiões. Além disso, pode-se ressaltar que a presença dos personagens sagrados como protetores ou guias espirituais, em contraste com a figura dos diabinhos, simboliza a luta constante entre o bem e o mal, sempre muito presente em textos destinados aos pequenos leitores.

No início da narrativa *Maria e seus bonecos*, todos notavam a beleza de Maria. Contudo, bastava alguns instantes próximos à criança para perceber sua índole maléfica. Apesar de ser criança, a menina era ruim, e os pais ficavam infelizes com a situação: “O pai e a mãe de Maria viviam muito tristes por terem uma filha tão ruim. - Não sei como essa menina saiu assim – dizia a mãe. – Tem o nome de Nossa Senhora, e nem isso vale” (Pereira, 1943b, p. 8). Percebemos a crítica construída pela escritora ao dizer que o nome não é suficiente para garantir a bondade ou maldade de alguém, uma vez que Maria apresenta características negativas, apesar de ter o nome de conotação religiosa. É uma reflexão importante, pois mostra a complexidade humana e como não podemos fazer julgamentos precipitados baseados apenas em estereótipos e preconceitos. Ainda neste mesmo texto, toda vez que Maria tem contato com o seu boneco Juquinha, a menina tem lapsos de bondade e se transforma numa pessoa melhor. Então, a menina percebeu que:

[...] Aquêles cabelos louros, anelados, aquêles olhos claros, aquêles sorriso... Maria já vira esse menino, mas onde? Não se lembrava. O menino olhava para ela, com um olhar tão bom... De repente ela se lembrou. Era no presépio! O menino era o Menino Jesus! Seria possível? Maria ajoelhou-se (Pereira, 1943b, p. 32).

Primeiro, em relação à religiosidade, pode-se considerar que a tinta do boneco representa o sangue de Cristo, que é um elemento importante da teologia cristã. Além disso, a transformação da menina em uma pessoa boa sugere que a religião pode ter um papel positivo na formação do caráter moral das pessoas. Lucia Miguel ainda ressalta em escritos críticos, como já destacado, que o texto, sobretudo aquele legado às crianças, sempre traz certo teor moral. Esse aspecto é perceptível em seus contos infantis.

Em relação às características físicas do boneco Juquinha, pode-se ressaltar que a representação de um personagem branco, loiro e de olhos claros reflete um padrão eurocêntrico de beleza e virtude que ainda é prevalente em culturas ocidentais. Para deixar essa ideia ainda mais clara ao leitor, a obra inclui mais detalhes sobre como Maria e o boneco Juquinha, agora referido como o menino Jesus, estão empenhados em encontrar a quantia desaparecida, por meio das ilustrações.

Figura 6 – O voo de Maria com Juquinha



Fonte: *Maria e seus bonecos* (Pereira, 1943b, s.p.)

Podemos mencionar que eles estão procurando em cada canto da cidade, conversando com pessoas e seguindo pistas. Além disso, podemos destacar a coragem e a determinação de Maria ao se voluntariar para ajudar sua amiga Clarinha, mesmo que isso signifique enfrentar perigos desconhecidos, pois, em contato com o menino Jesus, tornou-se uma menina boa que ajuda os necessitados. Uma das principais temáticas exploradas em *Maria e seus bonecos* é a religiosidade, representada pela figura do menino Jesus que é incorporado no boneco. Através do contato com a figura sagrada, Maria transforma-se em uma pessoa mais bondosa e compassiva, demonstrando a influência positiva que a fé pode exercer sobre o comportamento humano. Por fim, é sempre importante lembrar que as representações simbólicas, como a do boneco Juquinha, são construções culturais que mudam ao longo do tempo e variam de acordo com o contexto social.

Na obra *História Social da Criança e da Família*, Philippe Ariès (2006) explica que, a partir dos séculos XVI e XVII, um movimento de moralistas ganhou força ao incentivar os fiéis a buscar a salvação por meio da religião. Acreditava-se que a devoção e a prática religiosa eram caminhos seguros para alcançar a redenção espiritual. Ao

longo do tempo, a religião desempenhou um papel cada vez mais central na vida das pessoas, assumindo a responsabilidade de orientá-las em relação ao que é considerado certo ou errado. As diretrizes religiosas passaram a moldar as crenças e os comportamentos individuais e coletivos, estabelecendo normas éticas e morais que influenciavam todos os aspectos da sociedade. Assim, a religião se tornou importante não apenas para a busca da salvação, mas também para a definição dos valores e dos princípios que regiam a conduta dos fiéis. Provavelmente, Lucia Miguel Pereira tentou inserir estes valores religiosos em seus textos destinados ao público infantil. Antonio Candido descreve Lucia Miguel Pereira como:

[...] uma católica preocupada em ver a sociedade resolver os seus graves problemas sociais à luz de uma transformação espiritual marcada pela fidelidade aos princípios religiosos... Para Lúcia, havia no panorama de seu tempo uma esterilidade e um dilaceramento que a faziam tender à busca da unidade pela fé. Não apenas no sentido estrito de fidelidade religiosa, mas de fervor em relação à atividade do espírito (Candido, 2004, p. 130).

Assim, Lucia Miguel Pereira é uma escritora com princípios católicos, que utiliza esses valores em sua literatura. Para o autor, ela aborda a espiritualidade na solução de problemas sociais, tendo em vista que a questão de cunho social é de grande pauta na literatura de 1930. Na narrativa infantil *Na floresta mágica*, que conta a história dos irmãos, também aparece traços da religiosidade católica. As crianças quando faziam os passeios com os padres observavam todo o trajeto: “[...] nos passeios que faziam com os padres, durante as férias, tinham prestado bastante atenção aos caminhos que conduziam para o campo” (Pereira, 1943c, p. 9). Com base em análise, inferimos que as crianças já haviam traçado um plano de fuga ao observarem atentamente os caminhos percorridos pelos padres. Essa observação cuidadosa das rotas dos sacerdotes sugere que as crianças estavam determinadas a escapar. Podemos ver, novamente, a religião sendo usada como instrumento de educar, moralizar e indicar uma direção para as crianças quando ela vem perpassando os acontecimentos das narrativas.

A religiosidade também é apresentada na obra *A filha do Rio Verde*, na qual, mesmo depois de ceder sua filha para Chico e Joaquina, o Rio Verde continua presente na vida da menina, que ainda frequenta as suas margens para receber seus presentes:

Ganhou um vestido lindo, automóvelzinho, uma caixa de chocolate, um aparelho de cozinha, e mais muita coisa. Andava vestida como uma menina rica, graças ao Rio Verde. Uma vez, o rio se enganou e trouxe uma caixa de sapatos de homem, pensando que era de boneca. Mas Esmeralda ficou bem contente, porque deu ao Chico, e ele nos domingos pôde ir à missa calçado (Pereira, 1943a, p. 13).

O trecho da narrativa mostra que o Rio Verde tinha um carinho especial por Esmeralda, tratando-a como se fosse sua filha. A menina era sempre presenteada pelo rio, que nunca deixava faltar nada, nem roupa ou brinquedos. Apesar de um equívoco do rio resultar em um calçado masculino, a menina aproveitou-o ao permitir que Chico fosse à missa calçado. É interessante notar também a presença da religiosidade na narrativa, já que é mencionado que a família frequentava a missa aos domingos, sugerindo uma prática semanal do ritual religioso.

Para falar da relação familiar, o narrador afirma que: “Esmeralda era alegre, esperta, ajudava a mãe dentro de casa, ajudava o pai lá fora, sabia de tudo. E João ainda ficava com mais raiva. Quando o rio trazia algum presente, começava a resmungar: - Essa menina tem parte com o diabo...” (Pereira, 1943a, p. 13). Na obra, o irmão de Esmeralda afirma que ela tem pacto com o diabo por falar com o rio, revelando uma visão profana. E o pai ordena que o menino “cale a boca”, uma vez que considera Esmeralda boazinha e pede que Deus a proteja. Essas passagens ilustram como a narrativa explora elementos do sagrado e do profano para criar tensão e mistério na história infantil.

Podemos observar que, em todas as obras infantis de Lucia Miguel Pereira, há uma forte presença da religiosidade, especialmente no contexto da religião católica. Nos romances, também temos forte influência da religião católica orientando os rumos das protagonistas. Esta característica se destaca por meio das descrições e das ações dos personagens, bem como pela inclusão de elementos do sagrado e do profano, como os exemplos citados demonstram.

Segundo Almeida, “[...] Lúcia Miguel Pereira, embora atue como defensora da ideologia católica tanto nos escritos para a revista *A Ordem* quanto nos textos de ficção, como vimos reiterando, revela não se ligar a nenhuma religião” (Almeida, 2011, p. 65). Dessa forma, podemos perceber o trecho que faz referência à Lucia Miguel Pereira e sua relação pessoal com a religião. Embora a autora defenda a ideologia católica em seus escritos, tanto na revista *A Ordem* quanto em textos de ficção, ela não parece estar ligada a nenhuma religião em particular. É válido destacar que essa afirmação demonstra a relação do contexto da escritora com a sua ficção. Isto é, o olhar de Lucia Miguel não reflete, necessariamente, suas escolhas e suas vivências, porém traz anseios e inquietações concernentes ao tempo em que está inserida.

Ainda em relação às primeiras décadas do século XX, Boris Fausto explica a intenção do governo perante a educação: “Seu objetivo principal era o de formar uma

elite mais ampla, intelectualmente mais bem preparada” (Fausto, 2013, p. 287). Assim, considerando uma elite mais preparada, também se pressupõe uma diferenciação de classes. No livro *Literatura Infantil Brasileira* de Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2022), é ressaltado que o setor da educação no Brasil recebeu propostas de mudança influenciadas pelo pedagogo John Dewey. No entanto, é importante destacar que tais propostas não foram efetivamente concretizadas, permanecendo apenas no campo das ideias. Segundo as pesquisadoras, essas propostas tinham como objetivo opor-se a um ensino destinado exclusivamente à formação da elite, buscando, em vez disso, a escolarização em massa da população.

É importante salientar que Lucia Miguel Pereira fez parte de uma classe que teve acesso à educação. Além disso, durante um período na primeira metade do século XX, a autora ocupou o cargo de subchefe de gabinete de Educação e Cultura, o que indica que ela teve um papel ativo no sistema educacional da época. Essa informação sugere que, mesmo estando em uma posição de privilégio, a escritora teve a oportunidade de contribuir para mudanças positivas no sistema educacional daquele período. É válido mencionar também que o cargo ocupado por Lucia Miguel Pereira pode ter sido uma conquista significativa, considerando o contexto histórico em que ela viveu. Mulheres enfrentaram muitas barreiras na política e no mercado de trabalho, e ocupar uma posição de liderança no governo pode ter exigido muita determinação e habilidade por parte da escritora.

Essa visão elitista da educação também teve limitações e críticas, já que, muitas vezes, excluía as camadas mais pobres da população e reforçava desigualdades sociais e econômicas preexistentes. Portanto, embora a preocupação com a educação tenha sido um avanço importante na época, é preciso analisá-la dentro de seu contexto histórico e compreender suas implicações para a sociedade brasileira.

Em seu texto *A “marginalidade” ficcional de Lúcia Miguel Pereira e seu diálogo com Eça de Queirós*, Osmar Pereira Oliva declara que “os romances de Lúcia Miguel Pereira são, portanto, uma importante fonte para se discutir a situação do país no primeiro quartel do século XX quanto às transformações políticas e sociais e quanto ao papel da mulher na sociedade” (Oliva, 2017, p. 97). O estudioso afirma que os romances da escritora são fontes de discutir a situação do país no contexto de escrita. Tanto em seus romances quanto em seus textos infantis é possível observar uma abordagem crítica e sensível acerca das questões políticas, culturais e econômicas da época em que foram escritos. Nesse sentido, os escritos da autora funcionam como

fontes valiosas para discutir a história e a cultura brasileira, além de contribuir para a formação de um pensamento crítico e reflexivo por parte dos leitores.

As obras infantis de Lucia Miguel Pereira são um exemplo de como a literatura pode abordar questões da diferença socioeconômica e a sua relação com a educação. Em diálogo, a mãe de Esmeralda, em *A filha do Rio Verde*, fala para o seu marido como o dinheiro pode ajudar a família: “– Com o dinheiro podemos consertar nossa casa, tomar um empregado, pôr as crianças no colégio... Vá depressa” (Pereira, 1943a, p. 17). Observamos que o valor pode ajudar a família, incluindo colocar as crianças no colégio, pois em nenhum momento da narrativa, afirma que elas têm algum nível de escolaridade, ou seja, João e Esmeralda são crianças que não têm acesso à educação por questões financeiras.

Neste mesmo período em que muitas camadas da sociedade excluía as pessoas pobres, Lucia Miguel Pereira foi subchefe de gabinete de Educação e Cultura nos anos de 1937 e 1939, como afirma a nota Editorial do livro *História da literatura brasileira: Prosa de ficção: de 1870 a 1920* (1988), de sua autoria. Sendo assim, a autora é considerada uma mulher privilegiada, especialmente por ser e estar no meio intelectual, e por fazer parte nos primeiros anos do Ministério de Educação. Por meio da sua participação na política, especialmente no que se refere à Educação, a autora teve acesso e contato com um vasto círculo de escritores importantes do seu período.

Com a participação de Lucia Miguel Pereira no poder público educativo, é possível destacar que a escritora teve uma experiência direta com as desigualdades educacionais enfrentadas pelas crianças, especialmente aquelas oriundas das camadas mais pobres da sociedade. Essa vivência pode ter adicionado uma dimensão ainda mais profunda à sua obra literária, na qual frequentemente aborda temas relacionados à educação e à exclusão social. Dessa forma, considerando o contexto histórico em que a escritora atuou e seus escritos, podemos supor que ela tenha se preocupado intensamente com a questão da democratização do acesso à educação no Brasil.

Apesar do seu comprometimento com a literatura e com temas importantes como a educação, a obra pereiriana não recebeu o reconhecimento merecido. Talvez isso possa ser atribuído às desigualdades de gênero e à falta de espaço para as vozes femininas naquele período, ou mesmo a outros fatores que não permitiram que sua escrita alcançasse a difusão necessária para se tornar amplamente conhecida. No entanto, é importante destacar a contribuição significativa que a autora trouxe para a Literatura Brasileira e para as discussões em torno da Literatura Infantil, como vamos

mostrando nesse estudo. Segundo Zahidé Lupinacci Muzart (1995), muitas escritoras do passado foram esquecidas por vários motivos. Em sua escrita nos finais dos anos do século XX, a estudiosa salienta que, no século seguinte, possivelmente surgirão mulheres pesquisadoras que deverão resgatar textos de autoria feminina que não entraram para o cânone.

A escritora Lucia Miguel Pereira, assim como outros autores da década de 1930, tem um pensamento voltado para as minorias. Sendo assim, a autora mostra aos seus leitores questões de vulnerabilidade e que podem ser temáticas de reflexões, tendo como exemplo o caso da representação do negro que está presente em suas obras, tanto nos romances adultos quanto nos textos destinados ao público infantil. E, neste aspecto, mostra vestígios de como os negros eram tratados, como resquícios de toda a História do Brasil, desde a chegada dos portugueses no território do país. Essa presença do negro em seus textos infantis é o objeto de estudo desta pesquisa, aspecto que abordaremos nos capítulos seguintes.

Lucia Miguel Pereira também escreve a sua perspectiva crítica no que diz respeito à Literatura Infantil. O artigo *Para crianças*, que se encontra no livro *Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira*, aborda posicionamentos de Lucia Miguel Pereira a esse respeito. O texto foi publicado originalmente pelo *Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro, em 1945. Naquele ano, Lucia Miguel Pereira já havia publicado o seu primeiro livro infantil: *A fada menina* (1949). Em um primeiro momento, a crítica literária discorre a respeito do moralismo que contêm as obras destinadas às crianças:

Com efeito, quem escreve para esse público especial exerce uma função educativa cujo alcance é mais profundo precisamente por não se apresentar um caráter formal. Para um adulto, um livro pode ser mera distração, pode ser simples documento, pode ser aceito parcialmente ou parcialmente rejeitado: para um menino que está sempre, inconscientemente, aprendendo e assimilando, é muito mais do que isso: é um contato com a existência, é uma experiência nova, é uma abertura para o mundo, é alguma coisa de vivo que se incorpora à sua sensibilidade; desde que o interesse, que lhe consiga captar a atenção, terá sobre ele uma influência de cujos resultados não sabemos bem aquilatar, ignorantes como somos das condições e disposições de cada leitor (Pereira, 2011, p. 67).

Concordamos com Lucia Miguel Pereira ao reconhecer que os livros destinados às crianças acabam se tornando objetos educativos, independentemente da intenção do autor. Seja o propósito de ler literatura por distração ou entretenimento, as crianças têm uma experiência única ao abordar certos temas através dos livros. Um aspecto relevante é a falta de conhecimento intrínseco que as crianças possuem sobre a história de

desigualdade racial, como a inferiorização dos negros em relação aos brancos e o processo de escravização. Esses assuntos são complexos e sensíveis, e a Literatura Infantil desempenha um papel relevante ao apresentar essas questões de forma acessível e adequada à idade dos leitores, oferecendo uma oportunidade valiosa para a compreensão e a reflexão sobre a diversidade e a injustiça social. Os livros infantis podem, portanto, ser a primeira janela através da qual os jovens leitores podem começar a desenvolver consciência crítica e empatia em relação a temas sociais importantes.

A crítica e escritora literária argumenta o seu posicionamento, de maneira autêntica, em relação aos textos infantis. E, assim, afirma que os textos também precisam ser agradáveis, mas que sejam objetos para que o leitor possa refletir. Afirma Pereira, citada por Fonseca Júnior e Vasconcellos (2011), que “o erro de muitos livros infantis é serem infantis demais, não abrirem perspectivas” (Fonseca Júnior; Vasconcellos, 2011, p. 70). Sendo assim, a escritora fala dos textos que não fazem as crianças pensarem, ou seja, não incentivam o pensamento crítico. Os textos infantis de Lucia Miguel Pereira, por outro lado, são exemplos bem-sucedidos de como levar os leitores, sejam crianças ou adultos, a refletir sobre questões importantes, como a desigualdade socioeconômica entre os personagens e o impacto deste fato na narrativa. Consequentemente, seus livros extrapolam a função meramente lúdica e se tornam ferramentas pedagógicas valiosas para a formação de crianças conscientes e críticas.

Acreditamos que a Literatura Infantil tenha um papel fundamental em levar o prazer pela leitura e, ao mesmo tempo, instigar o olhar crítico sobre diversas questões sociais. Entre esses temas, ao ler os livros de Lucia Miguel Pereira, as crianças são convidadas a refletir sobre questões como a representação de personagens negros na literatura. Ao questionar por que esses personagens são diferentes dos demais, a criança é convidada a uma reflexão mais profunda sobre a história do país e sobre a luta contra a discriminação racial, aspectos que abordaremos nesta pesquisa.

Neste pensamento de questionar a leitura da criança, Lucia Miguel Pereira afirma que “basta ver como as crianças se apaixonam por grandes obras que não foram escritas para elas” (Fonseca Júnior; Vasconcellos, 2011, p. 70). A crítica literária cita o exemplo de obras que não foram escritas para as crianças, mas que tomaram gosto do público infantil, como é o caso de *Dom Quixote*.

Entendendo o pensamento de Lucia Miguel Pereira, concluímos que a sua defesa seja que a maior finalidade dos livros infantis é criar o hábito de leitura e instigar a busca por prazeres e emoções por meio do contato com as diversas narrativas (2011).

Ao falar dos textos infantis, a autora levanta questões importantes, como acerca do moralismo e da falta de incentivo ao pensamento crítico nos leitores. Além disso, ela destaca a Literatura Infantil como um objeto valioso para a construção do hábito de leitura desde a infância. Nesse sentido, os livros infantis não apenas entretêm as crianças, mas também as ajudam a desenvolver habilidades essenciais de leitura e de pensamento crítico, que serão importantes durante toda a vida. E, como explicado anteriormente, a incorporação dos pobres pela ficção é um fenômeno comum em 1930. Os livros podem ter tomado papel importante na formação das crianças do século XX e desenvolvido habilidades de leitura e pensamento crítico.

1.3 A Literatura Infantil e a crítica pereiriana

É relevante discutirmos a respeito da Literatura Infantil, pois em variados períodos houve uma diferença significativa em temas, estilos e formas de abordagem utilizada pelos autores. Ao falar dessa literatura escrita do adulto para o mais jovem, Nelly Novais Coelho afirma que:

Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana; e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu Literatura a seu modo. Conhecer esse “modo” é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade, em sua constante evolução. Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças, é conhecer os Ideais e Valores e Desvalores sobre os quais cada Sociedade se fundamentou (e fundamenta...) (Coelho, 1984, p. 10).

A pesquisadora enfatiza a importância de compreender a literatura como uma expressão humana que reflete experiências, valores e ideais de cada época. A autora ainda destaca que a literatura é uma linguagem específica que não pode ser definida com exatidão, pois está sempre em constante evolução e adaptação aos contextos históricos, culturais e sociais.

Ao falar da literatura destinada às crianças, a autora ressalta que conhecer a produção literária de uma determinada época é fundamental para entender os ideais, os valores e os desvalores sobre os quais aquela sociedade se fundamentou. Nesse sentido, a Literatura Infantil é vista como um meio de transmissão de valores e ideologias que podem contribuir para a formação de identidades culturais e referenciais das crianças leitoras. Assim, a estudiosa nos convida a olhar para a Literatura Infantil não apenas como entretenimento para os mais jovens, mas como uma parte significativa da cultura e da história de cada sociedade. Conhecer a Literatura Infantil de diferentes épocas pode

nos ajudar a compreender melhor o mundo em que vivemos e a nos conectar com as experiências e as ideias dos nossos antepassados.

No livro *Leitura e Leituras da Literatura Infantil*, Eliana Yunes e Glória Pondé (1988) discutem diversas reflexões sobre a escrita para crianças produzida por adultos. Dentre as ponderações, destaca-se a abordagem sobre textos literários com cunho moralizador:

Aliados, a educação e a comunicação costumam veicular a voz do saber “adulto” dirigida a um receptor “infantil”, contendo os modelos a serem assimilados segundo uma ótica de dominação, o que historicamente traduz o vício de origem da literatura infantil como instrumento pedagógico moralizador (Yunes; Pondé, 1988, p. 45).

A compreensão da Literatura Infantil vai além de ser um simples instrumento pedagógico. É notável reconhecer que ela deve ser produto de crítica e reflexão, evitando a visão de que a criança é um ser inocente e isolado da sociedade. É importante que as crianças tenham conhecimento dos problemas existentes na sociedade, os quais podem ser explorados por meio da literatura. Um exemplo disso é a obra infantil *A fada menina*, de Lucia Miguel Pereira, que aborda, ainda que de forma breve, a problemática do trabalho infantil, por meio do personagem João. Ao ler esse texto, o pequeno leitor percebe a realidade de outras crianças que, infelizmente, estão envolvidas em situações de trabalho. Além disso, as quatro obras infantis de Lucia Miguel Pereira também abordam representações do negro, o que pode estimular a criança a refletir sobre o mundo em que ela vive e despertar uma consciência sobre a diversidade e a igualdade social. Dessa forma, a Literatura Infantil desempenha um papel fundamental na formação das crianças, incentivando a conscientização e a reflexão sobre questões sociais relevantes. Além disso, é importante ressaltar que a Literatura Infantil não apenas contribui para a educação, mas também estimula a imaginação, a criatividade e a reflexão crítica. Neste mesmo sentido, Nelly Novaes Coelho afirma que:

[...] Tudo aquilo que uma Sociedade incorpora como código de valores ou desvalores a pautar o comportamento de seus cidadãos, e em relação ao qual cada indivíduo deve se situar para conseguir ou não sua própria realização, está expresso (ou deve estar) na literatura que os adultos destinam aos mais jovens, – para que estes conheçam tal “código” desde cedo e o incorporem (uma vez que ele é a base, é o fundamento que sustenta toda a construção social) (Coelho, 1984, p. 5).

Assim, notamos que Coelho destaca o aspecto da literatura na transmissão dos valores e dos códigos de uma sociedade aos jovens. De acordo com a estudiosa, os adultos fornecem aos mais jovens obras literárias que reflitam esses valores e desvalores, para que as futuras gerações possam conhecê-los e incorporá-los à sua

formação social. Por meio das palavras de Coelho (1984), é possível assegurar que a literatura serve como veículo para abordar questões e ideias presentes na sociedade, direcionadas às crianças. Nesse sentido, as obras infantis de Lucia Miguel Pereira podem apresentar situações em que personagens brancos se comportam de forma agressiva e desrespeitosa diante de personagens negros, sem nenhum tipo de contraponto ou mudança de comportamento. É fundamental que, ao lerem esses textos literários, as crianças compreendam que esse comportamento é inadequado nos dias atuais, considerando a triste história de opressão vivenciada pela população negra em nosso país.

A escritora Lucia Miguel Pereira utiliza uma abordagem crítica para transmitir lições às crianças por meio de suas narrativas. Ao contrário das fábulas tradicionais, a autora não apresenta claramente uma moral, deixando o leitor com o desafio de refletir e pensar. Um exemplo dessa abordagem pode ser encontrado na obra *Maria e seus bonecos* (1943b), na qual a protagonista quebra todos os seus brinquedos. Como consequência, os brinquedos ganham vida e decidem se vingar da menina. No desenrolar da história, um dos bonecos se transforma em pessoa e ajuda a protagonista a se tornar alguém melhor, proporcionando uma aprendizagem significativa em que é considerado inadequado quebrar os seus brinquedos e zelar pelos materiais.

Essa abordagem literária deixa espaço para que as crianças desenvolvam habilidades de pensamento crítico, pois são desafiadas a refletir sobre as consequências das ações dos personagens e a tirar suas próprias conclusões morais.

Figura 7 – “Vocês todos são bons para falar, mas não fazem nada; não passam de uns prosas – disse Pinóquio – Estão aqui há muito tempo; apanham e não se vingam.”



Fonte: *Maria e seus bonecos* (Pereira, 1943b, s.p.)

No trecho da obra literária, o boneco Pinóquio diz aos outros brinquedos para se encorajarem para vingar da Maria, uma vez que ela maltrata todos os brinquedos. E assim, a escritora apresenta a moral, de maneira implícita para que a criança pense sobre o que está sendo incoerente na situação.

O estudioso Philippe Ariès (2006) discute a temática da inocência da criança e as mudanças históricas que ocorreram ao longo dos séculos em relação à percepção da infância. Com o intuito de ilustrar essa perspectiva, Ariès relata o caso de Luís XIII, que ainda não tinha completado um ano quando sua ama lhe sacudi o pênis com a ponta dos dedos por diversão e que todos beijavam a sua área íntima. Essa atitude é considerada abusiva e inaceitável, nos dias atuais. No entanto, naquele período em que a infância era ignorada, esse tipo de comportamento era tido como algo normal. Felizmente, atualmente temos consciência dos Direitos da Criança e do Adolescente e reconhecemos a importância de proteger e preservar a integridade e o bem-estar deles.

Durante o século XVI, as crianças eram ensinadas a ler, escrever e expandir seu vocabulário latino através de registros escolares. No entanto, é importante ressaltar que

alguns desses materiais continham trechos indecentes, como apontado por Ariès (2006). Notamos, então, um aspecto que pode ser considerado negativo no conteúdo que alguns textos continham, por trazer temas inadequados para as crianças. Esse conteúdo pode ter sido prejudicial para as crianças, uma vez que pode ter influenciado na visão de mundo e de comportamento social.

Para explicar essa nova preocupação com os textos infantis, Coelho explica que “parece natural que, devido a essa nova preocupação com a leitura, comecem a surgir resumos de certos livros para adultos, adaptados à compreensão dos pequenos” (Coelho, 1984, p. 81). Dessa forma, há uma abordagem renovada sobre o texto literário direcionado às crianças, considerando agora a inclusão de vocabulários e até mesmo conteúdos condizentes com o mundo infantil, sobretudo aqueles que possam levar a alguma aprendizagem. No entanto, essa preocupação com as palavras pode ser aplicada também aos termos de baixo calão. É fundamental ressaltar que temas sociais relevantes são abordados na Literatura Infantil, assim como este estudo que trata das representações dos negros. Além desse, há também outros temas importantes, como o abuso sexual de crianças e adolescentes, que infelizmente é uma realidade frequente para muitas crianças e jovens no Brasil.

De acordo com o pesquisador francês: “A liberdade de linguagem era tão natural, que mais tarde até mesmo os reformadores mais rigorosos deixariam passar em seus sermões para as crianças e os escolares comparações que hoje em dia pareceriam chocantes” (Ariès, 2006, p. 82). Neste sentido, observamos que a linguagem inadequada era comum, mas, posteriormente, essa prática foi revista, tendo enfim maior preocupação com o texto oferecido aos pequenos leitores. Explica Phillipe Ariès que:

Mas no fim do século XVI uma mudança muito mais nítida teve lugar. Certos educadores, que iriam adquirir autoridade e impor definitivamente suas concepções e seus escrúpulos, passaram a não tolerar mais que se desse às crianças livros duvidosos. Nasceu a idéia então de fornecer às crianças edições expurgadas de clássicos. Essa foi uma etapa muito importante. É dessa época realmente que podemos datar o respeito pela infância (Ariès, 2006, p. 83).

Nesse sentido, a literatura era vista como inadequada para as crianças devido ao uso de uma linguagem não apropriada para elas. Com o passar do tempo, os clássicos foram adaptados para o público infantil, o que pode ter levado à inclusão ou à alteração de palavras e termos que não são necessariamente relevantes para o aprendizado das crianças naquele momento. Portanto, é crucial abordar uma variedade de temas para que as crianças possam adquirir conhecimento e compreensão – e a literatura desempenha

um papel fundamental nesse acesso à informação e crítica. Philippe Ariès comenta a respeito da impecabilidade das crianças, o que é reforçado pela conduta cristã. Na *Bíblia*, quando os discípulos perguntam para Jesus quem será o maior do Reino dos Céus, se lê: “Jesus chamou para mais perto dele uma criança, e a colocou no meio deles. Depois disse: ‘Se vocês não mudarem de vida e não se tornarem como crianças, nunca entrarão no Reino dos céus’” (Bíblia, 2018, Mateus 18:3-4). Ao mencionar a necessidade de ser como as crianças para ingressar no Reino dos Céus, a passagem bíblica evidencia a importância de cultivarmos um coração bondoso e inocente, características que, geralmente, permeiam a infância.

Em meados do século XVII, houve uma mudança significativa neste sentido, uma vez que “antes, a infância era mais ignorada, considerada um período de transição rapidamente separado e sem importância” (Ariès, 2006, p. 85). O autor explica que a infância deixou de ser ignorada e que os adultos começaram a ter olhares para esse período da vida, inclusive vendo a criança como membro da família. Ao analisarem esse momento em que a infância deixa de ser ignorada, Marisa Lajolo e Regina Zilberman afirmam que: “a criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinaria” (Lajolo; Zilberman, 2022, p. 36). Isto posto, o universo infantil passa a ter um novo olhar, motivando inúmeras áreas, inclusive a literatura – embora a Literatura Infantil tenha começado de forma lenta e gradual em sua concepção e sua escrita. As autoras explicam:

As primeiras obras publicadas visando ao público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII. Antes disso, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritos textos que vieram a ser englobados como literatura também apropriada à infância (Lajolo; Zilberman, 2022, p. 33).

A literatura propriamente do público infantil surgiu definitivamente no século XVIII, mas os primeiros textos foram escritos no século XVII. As autoras ainda destacam a relevância de Charles Perrault (1628-1703) para a Literatura Infantil. No entanto, é importante ressaltar que o escritor se recusou a assinar a primeira edição de sua obra destinada ao público infantil. Isso se deve ao fato de que, como membro da Academia Francesa, a publicação de livros infantis não representava um *status* formidável, asseguram Lajolo e Zilberman (2022). Desse modo, entende-se que a Literatura Infantil neste período não tinha apreço da sociedade, visto que o escritor

francês preferiu não assinar a sua primeira edição com receio de que isso afetasse sua reputação.

As estudiosas ainda afirmam que, apesar do grande elenco de obras publicadas no século XVIII, poucas sobreviveram ao longo do tempo, especialmente porque estavam envolvidas com as instituições de educação da criança. Isso pode ser explicado, em parte, pelo fato de que muitas dessas obras foram criadas com o propósito específico de serem utilizadas no contexto educacional, o que pode ter limitado seu alcance e sua relevância fora desse ambiente.

Ademais, as autoras salientam: “Mas, ao sucesso dos contos de fadas de Charles Perrault somou-se o das adaptações de romances de aventuras, como os já clássicos *Robinson Crusoé* (1719), de Daniel Defoe (1660-1731), e *Viagens de Gulliver* (1726), de Jonathan Swift (1667-1745) [...]” (Lajolo; Zilberman, 2022, p. 42). Em suma, os contos de fadas de Charles Perrault foram um marco para a Literatura Infantil mundial, juntamente com os romances de aventuras.

Outros escritores também tiveram destaque, de acordo com Coelho: “paralelamente às coletâneas de Perrault, La Fontaine, Grimm, Andersen e outras bem populares, surgem livros cultos (ou melhor, não populares) que, destinados aos adultos, acabam se tornando famosos como literatura infantil ou juvenil” (Coelho, 1984, p. 81). Percebemos que, inicialmente, os textos eram destinados aos adultos e acabaram se tornando textos que impressionaram o público infantil e juvenil.

Assim, Coelho (1984) reflete que uma das razões que podem explicar a popularidade de determinados livros cultos entre os públicos é o estilo racionalista/romântico, também conhecido como tradicional. Essa corrente literária valoriza a descrição da realidade vivida pelos homens, com uma abordagem mais objetiva e menos subjetiva. Em seguida, os contos de fadas surgem como as narrativas maravilhosas e começam a ser conhecidas como “estórias para crianças”. Ao longo do tempo, os textos destinados às crianças foram ganhando cada vez mais espaço e reconhecimento em todo o mundo. Com isso, houve uma gradual consolidação dessa literatura, que se tornou mais acessível e abrangente para todas as idades.

No caso da Literatura Infantil Brasileira, podemos afirmar que “[...] quando começa a edição de livros para a infância no Brasil, a literatura para crianças, na Europa, apresenta-se como um acervo sólido que se multiplica pela reprodução de características comuns” (Lajolo; Zilberman, 2022, p. 43). Percebemos a diferença entre o início de produção de livros para crianças no Brasil e na Europa. Enquanto no Brasil

começa a edição de livros, na Europa já existia um acervo sólido que se multiplicava. Isso mostra que, na Europa, já havia uma tradição consolidada dos textos infantis, enquanto o Brasil ainda estava nos seus primeiros passos.

Nelly Novaes Coelho (1984) afirma que, desde meados do século XIX até a publicação de *A menina do narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato, as crianças liam obras de escritores de fora. Neste sentido, entendemos que Monteiro Lobato foi o precursor da Literatura Infantil no nosso país.

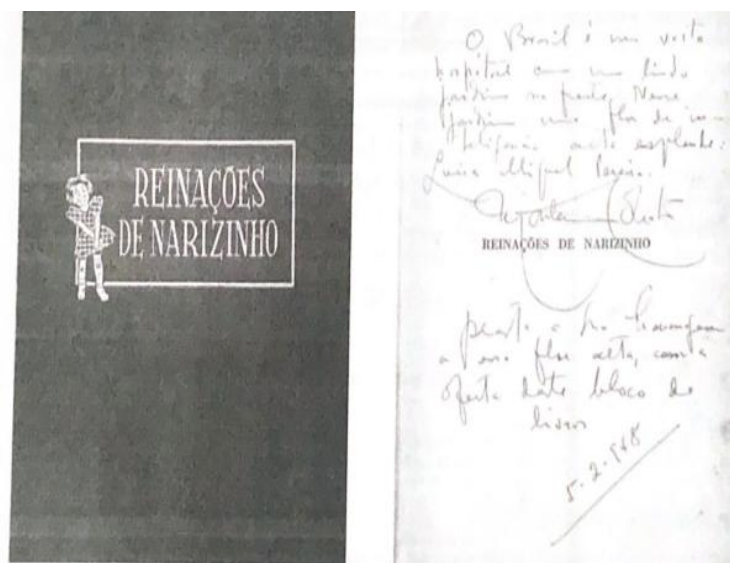
A escritora demonstra que Lobato também bebe das fontes da literatura europeia. Isso fica evidente uma vez que o autor “[...] foi mostrar o maravilhoso como possível de ser vivido como qualquer um. Misturando o imaginário com o cotidiano real, mostra, como possíveis, aventuras que normalmente só podiam existir no mundo da Fantasia” (Coelho, 1984, p. 96). Assim como muitos escritores europeus, Lobato também se preocupa em manter a verossimilhança, mas de agora em diante, inserindo elementos maravilhosos em suas obras. As obras infantis lidas no Brasil são refletidas no que estava sendo produzido na Europa:

A adaptação do modelo europeu que nos chegava nesse primeiro momento da literatura infantil brasileira, geralmente a partir de Portugal, não se exerceu apenas sobre o conto de fadas. Ocorreu também a versão brasileira de um projeto educativo e ideológico que via no texto infantil e na escola (e, principalmente, em ambos, superpostos) aliados imprescindíveis para a formação de cidadãos (Lajolo; Zilberman, 2022, p. 62).

Observamos a influência do modelo europeu na Literatura Infantil Brasileira, que não se limitou apenas aos contos de fadas, mas se estendeu também a um projeto educativo que buscava aliar o texto infantil na formação de cidadãos. Isso mostra que desde os primeiros momentos da Literatura Infantil no Brasil, já havia uma preocupação em utilizar tais recursos como forma de educar as crianças e a reflexão se estende até os dias atuais.

A estudiosa Nelly Novaes Coelho (1984) relata que as leituras feitas por crianças no Brasil eram aquelas escritas na Europa. Assim, a Literatura Infantil de Monteiro Lobato é considerada precursora no Brasil, com o exemplo da narrativa *A menina do narizinho arrebitado*, publicada em 1921. Segundo a pesquisadora “em 1934, Lobato refunde as aventuras do pessoalzinho do Sítio do Picapau Amarelo e publica a versão definitiva, *Reinações de Narizinho*” (Coelho, 1984, p. 97). Neste sentido, em 1934, o escritor brasileiro reescreve as aventuras do Sítio do Picapau Amarelo com o título *Reinações de Narizinho*. A obra se tornou a versão definitiva e um clássico da Literatura Infantil Brasileira, sendo adaptada para a televisão, em músicas e outras artes.

Figura 8 – Livro com dedicatória de Monteiro Lobato



Monteiro Lobato. *Reinações de Narizinho*.

Fonte: *Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira* (Fonseca Junior; Vasconcellos, 2011, p. 20)

De acordo com a imagem, é possível verificar que Monteiro Lobato enviou uma cópia da obra *Reinações de Narizinho* para Lucia Miguel Pereira, acompanhada de uma dedicatória e um autógrafo exclusivo para a autora. Na década de 1930, mais precisamente em 1931, Lucia Miguel Pereira também publicou seu primeiro livro, intitulado *A fada menina*. Nessa obra, é possível identificar características da Literatura Infantil presentes nas obras de Monteiro Lobato, tais como a alternância entre elementos maravilhosos e reais.

Em *A fada menina*, é possível identificar elementos do maravilhoso, por exemplo, quando o narrador revela que a protagonista, Dora, guarda diversos segredos, dentre eles, o conhecimento sobre todos os seres e os animais que habitam a chácara. Em um determinado momento, a menina escuta a conversa das formigas e consegue compreender sua linguagem:

– É mesmo, comentou a formiga de doce... A mim me roubaram um prato de calda que me daria para um mês... e sabem pra quê? para jogar fora, porque aquela megera que manda no fogão pegou no prato e meteu debaixo d'água, desperdiçando alimento que daria para matar a fome de muitas formiguinhas honestas e trabalhadeiras (Pereira, 1939, p. 10).

A menina tem a habilidade de entender as conversas das formigas. As formigas comentam entre si, indignadas, sobre a cozinheira, que retirou seus restos de comida para jogar fora, o que consideraram um ato cruel. Elas usam um tom pejorativo para descrevê-la, como se achassem sua atitude desagradável.

No livro *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação*, Regina Zilberman e Ligia Cademartori Magalhães discutem a relação entre fantasia e realidade na Literatura Infantil, usando os termos “fantasia” e “maravilhoso” como sinônimos. Nesse sentido, o diálogo entre as formigas pode ser considerado como um elemento maravilhoso. As pesquisadoras descartam a noção de que o uso de fantasia/maravilhoso na Literatura Infantil poderia alienar as crianças, já que essas histórias permitem ao leitor infantil identificar funções linguísticas que predominam na afetividade (1984). Sendo assim, a obra *A fada menina* é um exemplo de literatura que, frequentemente, oscila entre o maravilhoso e o fantástico. Enquanto os animais presentes na narrativa podem representar elementos da realidade, o fato de a protagonista compreender o diálogo das formigas destaca o aspecto maravilhoso da história.

Outra característica presente nesta primeira obra infantil de Lucia Miguel Pereira que também se enquadra com Monteiro Lobato é o espaço, neste caso, representado pelo campo. Tanto *Reinações de Narizinho* quanto *A fada menina* apresentam as crianças no campo, “[...] a fazenda perde sua conotação de local de trabalho, com papel relevante na economia nacional. Metamorfoseia-se em parque de diversões, cuja periculosidade tem intensidade variável” (Lajolo; Zilberman, 2022, p. 178). Na Literatura Infantil de Monteiro Lobato, algumas histórias se passam no Sítio do Picapau Amarelo, um ambiente rural onde as crianças interagem com animais e exploram a beleza natural que o campo oferece.

Em *A fada menina*, também é criado um cenário similar, no qual as crianças brincam e têm contato com a natureza. Lemos nas primeiras palavras da narrativa: “TREC... choc... trec... choc... Os pés de Dora faziam um barulho engraçado batendo nas fôlhas secas do chão” (Pereira, 1939, p. 5). No contexto em que Dora brinca, em um ambiente rural rodeado pela natureza, a onomatopeia utilizada para reproduzir o barulho de alguém pisando em folhas secas no chão ajuda a descrever e transmitir a atmosfera do local.

No texto *Panorama Histórico da Literatura Infantil Juvenil* (1985), escrito pela pesquisadora Nelly Novaes Coelho, destaca-se a importância de Júlia Lopes de Almeida como uma figura central entre os precursores da literatura, genuinamente, brasileira. A escritora, em colaboração com sua irmã Adelina A. Lopes Vieira, produziu obras voltadas ao público infantil. É essencial ressaltar que, apesar do reconhecimento dessas autoras, há ainda um vasto número de mulheres na literatura que não recebem a devida visibilidade e divulgação de suas obras. É necessário darmos crédito a essas mulheres

que, juntamente com outros homens, iniciaram a escrita de textos literários infantis no Brasil. Porém, como aspecto de apagamento de mulheres na história, muitas escritoras são pouco estudadas e lidas.

Em relação aos livros infantis no Brasil, Lajolo e Zilberman explicam que em 1942, Lourenço Filho, em reunião com os membros da Academia Brasileira de Letras, apresentou um balanço da Literatura Infantil no país, demonstrando uma preocupação específica em relação aos primeiros textos infantis elaborados por aqui. Entretanto, de acordo com as autoras (2022), os números apresentam uma quantidade reduzida de obras originais. De um total de 605 trabalhos analisados, 437 são traduções ou adaptações, enquanto apenas 171 constituem obras originais.

Portanto, percebe-se que a Literatura Infantil é uma forma de escrita voltada para crianças, que tem como objetivo proporcionar a elas experiências de leitura e aprendizado adequadas à sua faixa etária. Essa forma de escrita não existiu por muito tempo na história da humanidade, e antes do desenvolvimento específico de livros e histórias para crianças, era comum que elas lessem os mesmos materiais que os adultos, ainda que esses materiais não fossem adequados ou compreensíveis para a idade delas.

Foi somente com o passar dos anos que começou a surgir uma preocupação maior com o desenvolvimento infantil, e pedagogos começaram a perceber que as crianças precisavam de conteúdos específicos para sua idade, que fossem capazes de entreter, educar e despertar a imaginação delas. A partir dessas preocupações, surgiu lentamente a Literatura Infantil.

Na França, foram produzidos alguns dos primeiros textos voltados às crianças, como foi o caso das histórias de Charles Perrault, que se tornaram mundialmente conhecidas e influentes. No Brasil, até então, era comum ler textos importados da Europa, mas isso mudaria com o surgimento da Literatura Infantil de Monteiro Lobato. O escritor foi um dos grandes nomes da Literatura Brasileira e inseriu várias características novas em suas obras, incluindo a oscilação entre mundo maravilhoso e real, narrativas ambientadas no campo e personagens que representavam valores nacionais e regionais.

Lucia Miguel Pereira também contribuiu para a Literatura Infantil Brasileira com textos que apresentavam características semelhantes às de Lobato, como a capacidade de oscilar entre o maravilhoso e o real, além de narrativas ambientadas no campo. Em suma, a Literatura Infantil é uma forma de escrita que exige habilidade por parte do autor para equilibrar elementos mágicos e imaginativos com a realidade, e que

tem o objetivo de proporcionar experiências de leitura adequadas para crianças. O surgimento da Literatura Infantil, motivado pela preocupação com o desenvolvimento infantil e a necessidade de conteúdos específicos para as crianças, ocorreu na França antes de se espalhar pelo mundo todo. No Brasil, Monteiro Lobato e Lucia Miguel Pereira foram dois grandes nomes dessa tradição, no entanto, a autora ainda possui uma obra pouca conhecida.

Com base na pesquisa *Violência e religiosidade nos contos infantis: Era uma vez...*, de Júlia Lopes de Almeida, e no livro *Maria e seus bonecos*, de Lucia Miguel Pereira, Kátia Gonçalves Silva (2022) comenta que, para a sociedade do século XIX, as mulheres estavam, de certa maneira, enclausuradas dentro de um padrão patriarcal e burguês. Neste sentido, eram poucas mulheres que tinham acesso à educação e às letras, entretanto:

Júlia Lopes de Almeida foi privilegiada, pois, foi alfabetizada pela mãe pedagoga e musicista e por sua irmã mais velha, Adelina. Com sua mãe, aprendeu também o francês e teve ainda um professor particular de inglês; seu pai foi médico e professor. Quanto à Lúcia Miguel Pereira, seu pai também foi médico e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Miguel da Silva Pereira, e sua mãe, foi uma leitora assídua. Sua educação foi no Colégio Notre Dame de Sion, onde recebeu formação conservadora e católica (Silva, 2022, p. 20).

É importante evidenciar que algumas mulheres fizeram a diferença no cenário literário de sua época, tal como Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) e Lucia Miguel Pereira (1901-1959). Ambas tiveram grande destaque em suas respectivas áreas e deixaram um legado significativo para a Literatura Brasileira. Vale destacar que a pesquisadora menciona o acréscimo de Júlia Lopes de Almeida como escritora de textos infantis, o que evidencia que ela já produzia materiais literários para crianças antes mesmo de Monteiro Lobato, como a obra *Era uma vez...* (1917) da autora. No entanto, poucas pesquisas abordam esse aspecto de Júlia Lopes de Almeida ser precursora da Literatura Infantil Brasileira, que merece maior reconhecimento. Além disso, a pesquisadora menciona Lucia Miguel Pereira, outra escritora que se dedicou à produção de textos para crianças. Para tratar a respeito da escrita direcionada para as crianças, Almeida afirma, em 2019, que:

As investigações para a realização da pesquisa supracitada levaram ao conhecimento de que, além de investir na crítica, na historiografia e na criação literária de romances, Lúcia Miguel Pereira também se lançou como escritora de narrativas curtas de teor infantil. Essas narrativas inéditas encontravam-se desaparecidas [...] (Almeida, 2019, p. 487).

Percebemos que além de outras contribuições para a literatura, Lucia Miguel Pereira também se enveredou pelas narrativas curtas infantis. É interessante notarmos que essas obras estavam desaparecidas, o que torna essa descoberta valiosa e pertinente para analisar o contexto das primeiras décadas do século XX, uma vez que a autora mostra como eram as relações interpessoais.

Em 1945, Lucia Miguel Pereira afirmou que eram poucos os escritores que se dedicavam à Literatura Infantil. A autora também mencionou seu amigo Monteiro Lobato, a quem denominou como “o maior de todos” (Fonseca Junior; Vasconcellos, 2011, p. 71). É possível assegurar que a admiração de Pereira por Lobato pode ter influenciado sua própria escrita de livros infantis. Ao destacar a importância do trabalho de Lobato e ressaltar a falta de dedicação de outros autores à Literatura Infantil, Pereira, já sendo escritora de livros infantis, coloca-se como uma das exceções e reforça o papel valioso da Literatura Infantil na formação das crianças.

Outro ponto de vista da escritora é relacionado às gravuras. A escritora afirma que, muitas vezes, a criança mais vê do que lê, tendo em vista que, em alguns momentos, a ilustração é desnecessária (2011). A autora salienta:

Figuras sem o menor valor artístico tomam a dianteira às frases, que passam a ser comentários secundários. Em vez de ir familiarizando os meninos com a língua escrita, enriquecendo-lhes o vocabulário, corrigindo-lhes a sintaxe, e sobretudo habituando-os à leitura, essas páginas, primárias na concepção e na execução, só os podem viciar intelectualmente porque os acostumam a ter o divertimento sem o mínimo de esforço, e por conseguinte os tornam mentalmente preguiçosos e apáticos (Fonseca Junior; Vasconcellos, 2011, p. 73).

Podemos perceber, por meio de uma linguagem clara e objetiva, os pensamentos de Lucia Miguel Pereira acerca das figuras nas narrativas infantis. A escritora critica textos que apresentam figuras e que não apresentam valor artístico. Isto é, sem o menor sentido de estarem inseridas no texto literário. É possível percebermos que as figuras estão presentes nas quatro obras de Lucia Miguel Pereira, sendo que algumas das imagens complementam a escrita do texto literário e outras vêm para trazer novas informações que o conteúdo ainda não trouxe, fazendo com que a linguagem verbal e não verbal sejam complementares.

É possível a escritora pense em conformidade com Coelho, tendo em vista que ambas sustentam a ideia de que a criança não deva ser tratada como um sujeito isolado, mas como um sujeito social, e que a literatura pode ser instrumento de fazer com que o indivíduo conheça o mundo, a vida, os homens (Coelho, 1984). As contribuições de Lucia Miguel Pereira para a Literatura Infantil e sua análise cuidadosa dos textos são

notáveis, deixando um legado significativo em ambos os campos. Seu posicionamento pode ser percebido de forma efetiva em seus livros, que demonstram exemplos de sua grande contribuição para ambos os campos.

CAPÍTULO 2

A PRESENÇA DO NEGRO NA HISTÓRIA DO BRASIL E SUAS REPRESENTAÇÕES NA LITERATURA DOS SÉCULOS XIX E XX

*“Há o tema do negro e há a vida do negro...
Mas uma coisa é o negro-tema, outra o negro vida.”*

(Alberto Guerreiro Ramos)

Neste capítulo, iremos explorar a maneira como os negros foram historicamente tratados no Brasil, fornecendo reflexões essenciais para compreendermos e discutirmos a representação do negro na Literatura Infantil de Lucia Miguel Pereira no capítulo posterior.

Compreender a História do Brasil é fundamental para entendermos as relações sociais e políticas que moldaram a nossa sociedade com o passar dos anos, principalmente no que se refere à questão racial. Ao analisar o passado, percebemos que os negros foram vítimas de um processo violento de escravização que durou muitos anos e os privou não só da liberdade, mas também de seus direitos básicos como seres humanos.

No livro *Dicionário de Conceitos Históricos*, Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva (2015) afirmam que o termo “negro” é um conceito, isto é, uma construção discursiva com significados específicos na nossa sociedade. Para os autores, o conceito engloba genericamente todos os afrodescendentes de pele escura, sendo um conceito recente, que não era existente no período escravista do Brasil.

Mas por que a cor de pele do africano se tornou uma característica tão definidora e negativa para o Ocidente? Essa identificação negativa com a pele escura talvez se deva à dicotomia que existe na cultura ocidental entre a cor branca, que significa o bem, a beleza, a pureza, e a cor preta, que representa o mal a morte, o medo. Para o pensamento cristão, o preto era a cor do demônio, atribuído a acontecimentos nefastos como a “peste negra” e a “magia negra” (Silva; Silva, 2015, p. 313).

Para os pesquisadores, algumas culturas em todo o mundo têm usado diferenças físicas, como o caso da cor da pele, para estereotipar grupos de pessoas. No ocidente, a dicotomia entre branco e preto tem sido, historicamente, usada para perpetuar ideias de superioridade branca e inferioridade negra.

Ainda na contemporaneidade, podemos ver casos de pessoas negras que ainda sofrem por causa de explorações do trabalho humano, como cita o artigo *Caso Madalena Gordiano: Discussões sobre o trabalho análogo à escravidão* (2022), de

Amanda Moreira Freitas, Maria Lara Sá Fernandes, Reginaldo Gregório de Oliveira Cruz e José Humberto Rodrigues dos Anjos. Os autores afirmam que “[...] Madalena Gordiano, que é uma mulher negra, vivia em condições análogas à escravidão. O inferno que essa ajudante doméstica viveu é exemplo extremo do legado que mais de três séculos de escravidão deixaram no país” (Moreira Freitas *et al.*, 2022, p. 6). O caso da Madalena Gordiano é um exemplo das condições desumanas em que algumas pessoas ainda são submetidas em função de ganância, uma vez que os direitos dos trabalhadores foram garantidos por leis.

Este caso aconteceu em Minas Gerais, mas não se limita apenas ao Brasil. É uma questão global. Portanto, é fundamental que governos, organizações internacionais e a sociedade em geral se unam para identificar e combater casos de exploração do trabalho humano, bem como criar políticas públicas efetivas que fomentem a inclusão social e a igualdade para todas as pessoas. A luta contra casos de pessoas em situação análogas à escravidão e contra o racismo deve ser uma prioridade constante, uma vez que esses problemas não podem ser erradicados sem ações conjuntas e efetivas. Somente por meio de um esforço coletivo e persistente é possível alcançar um mundo livre da injustiça e da opressão.

A estudiosa Djamila Ribeiro, que escreve no século XXI, relata que discutir o racismo no Brasil é, acima de tudo, realizar um debate estrutural. Ela salienta a importância de trazer uma perspectiva histórica ampla para explicar a relação entre a escravidão, o racismo e suas consequências. No livro *Pequeno Manual Antirracista* (2019), a autora salienta:

O primeiro ponto a entender é que falar sobre racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural. É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências. Deve-se pensar como esse sistema vem beneficiando economicamente por toda a história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso aos direitos básicos e à distribuição de riquezas (Ribeiro, 2019, p. 9).

Neste estudo, são exploradas considerações fundamentais sobre as experiências enfrentadas pela população negra ao longo da história, a fim de analisar as representações do negro na Literatura Infantil de Lucia Miguel Pereira. Essa análise pode revelar que, lamentavelmente, as obras literárias podem refletir uma realidade triste vivenciada pela população negra no Brasil.

A História do Brasil muitas vezes é simplista e excludente, tendo como base apenas um evento ou personagem. Na perspectiva histórica “[...] aprendemos em casa

ou na escola que o Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral em abril de 1500. Esse fato constitui um dos episódios de expansão marítima portuguesa, iniciada em princípios do século XV” (Fausto, 2013, p. 19). O processo de colonização do Brasil está dentro de um contexto mais amplo, que envolveu as grandes potências europeias na colonização das Américas, e evidencia distintas problemáticas que têm sido manifestadas no plano literário, como iremos discutir. É interessante observarmos que, em textos teóricos sobre o processo de colonização, muitas vezes, não é dada a devida atenção à perspectiva dos marginalizados. No entanto, a literatura possui o poder de trazer à tona essa importante questão.

O autor expõe que a escassez de mão de obra foi um desafio para os colonizadores ibéricos em todas as suas expansões pelo mundo, inclusive no Brasil (2019). Como destaca Girolamo Domenico Treccani, em seu estudo *Terras de Quilombo: caminhos e entraves do processo de titulação*, “um dos maiores problemas enfrentados pelos ibéricos, na sua expansão pelo mundo, foi a pouca disponibilidade de mão de obra. No Brasil, diante da dificuldade de continuar a explorar trabalhadores indígenas, as atenções portuguesas se dirigiram ao continente africano” (Treccani, 2006, p. 30). Assim, a transição da exploração indígena para a africana foi um aspecto importante da colonização do Brasil. Isso demonstra como as raízes históricas das desigualdades raciais no país são profundas e duradouras. Somente com políticas públicas que visam combater essas desigualdades e promover a inclusão social e a educação antirracista podemos construir uma sociedade mais justa e igualitária para todos. Um exemplo de medida prática que tem apresentado avanços significativos para melhorar o acesso à educação é a implementação de cotas étnico-raciais em universidades. Essa ação tem sido reconhecida como uma forma efetiva de combater as desigualdades raciais e promover a equidade no país.

Quando tratamos da história do nosso país, é necessário observar de um modo crítico e com uma visão que envolva diferentes aspectos. Isto é, sendo necessário considerar as múltiplas vozes e perspectivas que compõe essa história, inserindo o olhar e as experiências dos povos indígenas, negros e de todos os grupos marginalizados que foram subjugados pelo processo de dominação. Sendo assim, podemos compreender as raízes da violência racial e tantas outras desigualdades sociais que ainda persistem em nosso país.

Djamila Ribeiro questiona sobre o posicionamento da sociedade diante dos acontecimentos históricos: “chegamos, assim, à seguinte pergunta: o que, de fato, cada

um de nós tem feito e pode fazer pela luta antirracista?” (Ribeiro, 2019, p. 22). Assim sendo, a estudiosa apresenta uma reflexão crucial sobre a luta antirracista e a responsabilidade individual para contribuir pela causa. Ao questionar o que cada um tem feito e pode fazer, a autora faz referência à importância da ação concreta no combate ao racismo, seja por atitudes cotidianas ou até mesmo em engajamentos em movimentos sociais e políticos. Djamila Ribeiro também alerta que este autoquestionamento a respeito da luta antirracista é uma medida para evitar violências, que privilegia uns e oprime outros desde muitos anos. Os textos infantis de Lucia Miguel Pereira podem conter valiosas contribuições para a luta antirracista. Em suas obras, a escritora aborda a mensagem dos negros como uma poderosa ferramenta de denúncia, enquanto, em outras, a representação do negro pode ser mais sutil. Portanto, é de extrema importância e urgência que pesquisadores, literatos e a comunidade em geral estejam atentos e engajados na luta contra o racismo. Essa é uma batalha diária e necessária em nossa sociedade.

Em relação à opressão, no *Dicionário de Conceitos Históricos* (2015), de Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva, o conceito de “escravidão” é considerado como complexo para uma única definição. No entanto, os autores afirmam que pode ser considerado como um modo de exploração em detrimento de outra classe. Sendo assim, entendido como um sistema que visa eliminar do escravizado qualquer vestígio de sua humanidade e, portanto, na tentativa de um sujeito que não tenha desejos, sonhos, valores, dentre outras características inerentes do ser humano. Para falar da relação de cor de pele e escravidão, os autores salientam que:

No esforço de diferenciar escravos de não escravos, as sociedades antigas em geral não usavam a cor de pele como critério, mas impunham tatuagens ou estigmas que caracterizassem o baixo status do escravo. Foi apenas na Idade Moderna que as sociedades promotoras da escravidão consideraram a escuridão da pele marca natural de inferioridade (Silva; Silva, 2015, p. 112).

Sendo assim, houve uma relação entre escravidão e cor de pele ao longo da história. Algumas sociedades antigas não utilizavam a cor de pele como critério para diferenciar pessoas em situação de escravidão, mas faziam através de outras formas, como é o caso das tatuagens. É importante destacar que dependendo da região e do período, as justificativas para a prática da escravidão variavam. Na Idade Moderna, a questão de raça e da cor de pele tornaram-se mais evidentes. Com a ideologia de que os negros eram inferiores em relação aos brancos, a cor de pele passou a ser utilizada como

uma das principais características de distinção entre escravizados e não escravizados. Em vista disso, Boris Fausto afirma que, ao longo da história,

[...] ao percorrer a costa africana do século XV, os portugueses haviam começado o tráfico de africanos, facilitado pelo contato com sociedades que, em sua maioria, já conheciam o valor mercantil do escravo. Nas últimas décadas do século XVI, não só o comércio negreiro estava razoavelmente montado como vinha demonstrando sua lucratividade (Fausto, 2013, p. 46).

Podemos perceber que o trecho faz referência ao tráfico de escravizados que se iniciou no século XV com a chegada dos portugueses na costa africana. O autor ainda destaca como o comércio negreiro estava bem estabelecido nas últimas décadas do século XVI, demonstrando a rentabilidade dessa atividade. Esse comércio envolveu o transporte forçado de milhões de africanos para as Américas para trabalhar como escravizados nas plantações e em outras atividades econômicas.

O tráfico negreiro teve um papel marcante na história da exploração e da colonização das Américas, além de ter impactado profundamente a história social, política e econômica dos países envolvidos nesse comércio. Atualmente, a luta contra o racismo e pela reparação histórica dos danos causados pelo tráfico negreiro é uma questão importante em muitos países.

Segundo Treccani (2006), por mais de três séculos, a escravidão das populações negras foi um dos meios usados pelos europeus com intuito de garantir o desenvolvimento da economia colonial latino-americana, seja no campo ou nas cidades. O autor mostra o fato de que a escravidão foi uma prática comum e duradoura nas Américas, tendo sido usada como forma de garantir o desenvolvimento econômico dos colonizadores europeus. Durante mais de trezentos anos, milhões de pessoas negras foram capturadas e arrancadas de suas terras e raízes, sendo trazidas à força para trabalhar em minas, plantações, entre outras atividades exploratórias, sem receber nenhum tipo de remuneração ou reconhecimento. É preciso compreender que a exploração da mão de obra escrava não foi apenas um detalhe da história, mas, sim, um pilar fundamental da economia colonial, que sustentou a prosperidade dos grandes impérios europeus à custa do sofrimento e da vida de milhares de seres humanos, pessoas portadoras de desejos, anseios, valores e diversas outras características que moldam a sua experiência de vida.

Sabemos que os escravizados, muitas vezes, fugiam daquela condição de sofrimento que eram submetidos. No artigo *Abolição no Brasil: A construção da liberdade* (2012), a autora Jaci Maria Ferraz de Menezes argumenta:

Logo no primeiro século de colonização portuguesa do Brasil já se tem notícia da formação dos “quilombos”, lugares onde viviam os negros fugidos que passam a formar um novo agrupamento social, à margem da sociedade colonial construída pelos portugueses, e dedicada à caça, à pesca e à agricultura de subsistência. Quilombos houve, como os dos Palmares, localizados na região da Serra da Barriga no atual estado de Alagoas, num conjunto de aldeamentos onde viviam negros, índios e mestiços (Menezes, 2012, p. 84).

A pesquisadora fala da formação dos quilombos no Brasil durante o período colonial português. Os quilombos eram lugares onde escravizados negros que fugiam das fazendas se reuniam e construíam uma nova comunidade, longe do controle dos colonizadores portugueses. Esses lugares eram dedicados à caça, pesca e agricultura de subsistência, e foram responsáveis por preservar a cultura e os costumes africanos no Brasil.

O texto menciona especificamente os Quilombos de Palmares, localizados na região da Serra da Barriga, em Alagoas, que foram um dos maiores quilombos da história do Brasil. Lá, negros, indígenas e mestiços conviviam em um conjunto de aldeamentos, resistindo, por décadas, às tentativas de repressão por parte das autoridades coloniais. É importante salientar que a História do Brasil também envolve casos de indígenas que foram vítimas da escravidão, não apenas os negros trazidos da África. Sendo assim, podemos dizer que os Quilombos de Palmares se tornaram símbolos da resistência à escravidão, e sua luta inspirou outras comunidades quilombolas em todo o país.

Em seu estudo histórico, Boris Fausto (2013) salienta que, diferentemente dos indígenas escravizados, os negros eram desenraizados de seu meio no período colonial, ou seja, separados de suas raízes para um território diferente, da África para o Brasil. Essa desenraização dos negros escravizados teve consequências no âmbito social e cultural, uma vez que eles eram privados de seus costumes, sua língua e suas tradições. É importante destacar este aspecto, sendo que a obra de Lucia Miguel Pereira *Maria e seus bonecos* (1943b), por exemplo, aponta a Firmina, uma mulher negra que cita o ritual de benzer, que pode ter origem em uma religião de matriz africana, como é o caso da Umbanda.

Esse fato é determinante para contribuir para a formação de uma cultura negra própria do Brasil, que se desenvolve com base na mistura de diferentes culturas africanas trazidas pelos escravizados e nas influências das culturas no contexto brasileiro. No entanto, “nem a Igreja nem a Coroa se opuseram à escravização do negro” (Fausto, 2013, p. 48). No contexto brasileiro, a escravidão teve início no século

XVI, com a chegada dos primeiros africanos ao país, e só foi legalmente abolida em 1888. Porém, como nos mostra a história, bem como as representações literárias, ainda após essa abolição o negro continuou sendo depreciado por questões de raça.

Nesse ínterim, segundo Menezes (2019) o Brasil foi a maior nação escravista até 1791, superada apenas pelos Estados Unidos. Sendo assim, o Brasil e os Estados Unidos desenvolveram um modelo de reprodução da prática escravocrata de maneira intensa, o que levou a uma formação social preconceituosa. Apesar da promulgação da Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel em 13 de maio de 1888, decreto responsável por abolir a escravidão no país, Jaci Maria Ferraz de Menezes salienta que:

Estruturado em articulação com o Estado, e justificado ideológica e religiosamente, o sistema escravocrata ganhou uma tal solidez que o seu desmonte se fez difícil e demorado. Foi necessário desarmar peça por peça a engrenagem para que a escravidão acabasse. Ela é o último elo da cadeia a se desfazer, no processo de transição política que vai da Transmigração da Família Real Portuguesa até a República (Menezes, 2012, p. 87).

Posto isto, entende-se que na estruturação do sistema escravocrata no Brasil durante a época colonial e imperial houve uma forte articulação entre Estado, ideologia e religião para sustentar a prática da escravidão. Essa aliança tornou a abolição da escravidão um processo difícil e demorado, uma vez que era necessário desmontar gradualmente essa “engrenagem”, para que a escravidão pudesse ser completamente abolida. Apesar de termos leis e políticas públicas no país, a segregação de pessoas negras, infelizmente, é algo que persiste em nossa sociedade. A literatura, assim como outras artes, colocam em evidência o que pessoas negras passam diariamente. Inevitavelmente, é algo histórico.

Os textos infantis de Lucia Miguel Pereira oferecem exemplos reveladores da representação dos negros no contexto das primeiras décadas do século XX. Eles refletem a triste realidade de que, mesmo após a abolição da escravidão com a Lei Áurea, pessoas negras continuavam a enfrentar condições precárias e injustas. Esses relatos destacam a persistência da desigualdade racial e questionam a efetividade da legislação abolitiva. É importante reconhecer que a abolição da escravidão foi apenas o primeiro passo rumo à verdadeira igualdade e justiça.

Entre essas tentativas, a Inglaterra arrancou do Brasil um tratado para tornar ilegal o tráfico de pessoas escravizadas. Para Boris Fausto, “a lei de 1831 foi considerada uma lei ‘para inglês ver’” (Fausto, 2013, p. 167). O autor utiliza a expressão popular para dizer a respeito da Lei de 1831, que tinha como objetivo acabar com o tráfico de escravizados no Brasil, estando apenas no plano da formalidade, sem

efetividade, na prática. Dessa forma, considera-se que a lei não teve impacto significativo na redução do tráfico negreiro. Portanto, a expressão “lei para inglês ver” se aplica à Lei de 1831, porque ela foi vista como uma lei que foi promulgada para atender às expectativas internacionais, mas que na prática pouco mudou.

Outra tentativa se deu em 1871 com a Lei do Ventre Livre. A lei determinava que todos os filhos de escravizados, nascidos a partir daquela data, seriam considerados livres. Segundo Boris Fausto, “poucos meninos foram entregues ao poder público, e os donos de escravos continuaram a usar seus serviços” (Fausto, 2013, p. 187). Como explica o historiador, embora a lei tenha concedido liberdade aos filhos dos escravizados, ela não conseguiu acabar completamente com a escravidão, uma vez que os pais ainda eram mantidos em cativeiros e seus filhos ainda eram utilizados como força de trabalho.

Adiante, “o presidente do Conselho, o conservador João Alfredo, decidiu propor a Abolição sem restrição. A iniciativa foi aprovada por grande maioria parlamentar, sendo sancionada em 13 de maio de 1888 pela princesa Isabel, que se encontrava na regência do trono” (Fausto, 2013, p. 188). Portanto, a abolição da escravatura tem o marco importante registrado em 1888, quando a princesa Isabel assina a Lei Áurea. Apesar da abolição, as consequências da história dos negros são registradas no decorrer do tempo até os dias atuais, tanto em termos de desigualdade social quanto de racismo. A abolição da escravatura em 1888, apesar de ter libertado formalmente os negros, não significou o fim das desigualdades e injustiças raciais. Pelo contrário, a exclusão social e econômica dos afrodescendentes persistiu ao longo do tempo, com a criação de leis e normas que buscavam manter essa população em condições precárias.

No livro *A abolição da escravidão* (1987), Suely R. Reis de Queiroz deixa a reflexão no que se refere à extinção da escravidão no Brasil: “Também houve quem considerasse a extinção da escravidão sob outro ângulo: o da miscigenação que ocorria na sociedade brasileira. Por força da mesma, os escravos iriam desaparecendo naturalmente” (Queiroz, 1987, p. 9). A autora levanta a hipótese de que a mistura entre raças teria resultado em uma diminuição natural da população negra e, consequentemente, um enfraquecimento do sistema escravista. É necessário evidenciar que essa visão não elimina a violência e a opressão sofridas pelos escravizados durante séculos, nem diminui a importância das lutas e movimentos sociais que aboliram a escravatura em 1888. Os textos infantis de Lucia Miguel Pereira também expõe essa miscigenação, mostrando, de forma clara, as pessoas que são pardas ou deixando claro,

por meio de palavras e figuras, a cor de pele, ou seja, pelas páginas da ficção, a criança é levada a perceber as diferenças entre as pessoas, seja de raça ou de cor.

É imprescindível que discutamos a História do Brasil sob uma perspectiva crítica e comprometida com a justiça social. Somente assim poderemos reconhecer e corrigir os erros do passado. É preciso dar voz às histórias e às experiências dos negros, valorizando sua cultura e sua luta por direitos e entendendo que a discriminação racial é uma realidade que ainda precisa ser enfrentada e superada. Ao falar do período pós-abolição, Jaci Menezes salienta:

[...] o pós-abolição não correspondeu às expectativas dos abolicionistas. Diversos autores se referem a uma queda na qualidade de vida dos ex-escravos, o que pode ser reforçado pela presença de fortes movimentos sociais na Bahia nas duas primeiras décadas do século XX dirigidos a uma luta contra a carestia. A sociedade brasileira reverteu para as regras que haviam sido ameaçadas pela experiência abolicionista e milhões de brasileiros, descendentes dos escravos continuaram vivendo de forma semelhante àquela em que viviam sob a escravatura, dado à indigência a que foram lançados. A abolição da escravatura não criou as condições para que os antigos escravos pudessem alcançar a igualdade, a cidadania plena (Menezes, 2012, p. 100).

Entendemos que a abolição da escravatura foi de extrema importância para a História do Brasil. Após séculos de exploração e de opressão, os escravizados foram libertados. No entanto, o pós-abolição não correspondeu às expectativas dos abolicionistas. Ao contrário do que imaginavam, a qualidade de vida dos ex-escravizados não melhorou significativamente. A pesquisadora salienta que vários autores apontam essa queda de qualidade de vida dos ex-escravizados após a abolição. Isso pode ser reforçado pela presença de fortes movimentos sociais na Bahia nas duas primeiras décadas do século XX dirigidos a uma luta contra a carestia.

A estudiosa relata que a abolição da escravatura não criou as condições necessárias para que os antigos escravizados pudessem alcançar a igualdade e a cidadania plena. Muitos ainda enfrentavam discriminação e preconceito por parte da sociedade branca, o que dificultava sua integração social e econômica. Além disso, muitos ainda não tinham acesso à educação e ao mercado de trabalho, o que limitava suas oportunidades de ascensão social.

As histórias dos negros são frequentemente retratadas na ficção, refletindo a realidade de suas experiências no cotidiano. No entanto, também existe a literatura que mostra de maneira tal como houve no período histórico do Brasil. O estudo *A trajetória do negro na literatura brasileira*, de Domício Proença Filho (2004), explica a representação do negro através de duas ramificações. Segundo o pesquisador, são “[...]”

dois posicionamentos: a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada” (Filho, 2004, p. 161). Entendemos que na primeira vertente, o negro é retratado com determinada distância, sem a devida valorização no texto literário. Por outro lado, na segunda vertente, o negro é apresentado como um sujeito ativo e engajado, capaz de construir sua própria narrativa e lutar contra a opressão. Neste sentido, o pesquisador coloca em pauta alguns exemplos que podemos encontrar na nossa literatura.

Como exemplo da primeira ramificação, o estudioso cita as representações dos negros escravizados e ex-escravizados na literatura de Gregório de Matos, no período do século XVII (1988). Nela, percebemos que a representação do negro pode mostrar um caráter de subserviência. O autor ainda cita outros exemplos, como *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães (1872).

A narrativa *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), romance do escritor brasileiro Machado de Assis, é um outro exemplo. A obra aborda diversas questões sociais, políticas e culturais do Brasil da época, incluindo a relação entre negros e a escravidão. Embora Brás Cubas, o protagonista e narrador da história, seja branco e pertença à elite brasileira, a escravidão é um tema recorrente na obra. Ao longo do livro, Machado de Assis apresenta personagens negros que são retratados como escravizados, sem voz ou poder de decisão em suas vidas. Por meio de personagens como Prudêncio, Virgília e Eugênia, que são escravistas, a obra critica a hipocrisia da sociedade brasileira da época, que se beneficiava da escravidão e, ao mesmo tempo, a condenava moralmente. Brás Cubas, não se envolve diretamente com a questão da escravidão, mas, quando ele se apaixona por Eugênia, a personagem manda Justina, uma mulher negra escravizada, para o tronco como punição por ela ter feito um comentário que a ofendeu. Brás Cubas se compadece de Justina e tenta ajudá-la, mas é impedido pelos outros personagens. Assim, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a relação entre negros e a escravidão é apresentada como uma realidade dolorosa e opressora, que faz parte da História do Brasil e que deixa marcas profundas na sociedade brasileira.

Em suma, embora a abolição da escravatura no Brasil tenha sido um passo valioso para a construção de uma sociedade igualitária, é preciso reconhecer que ela não foi suficiente para garantir a plena cidadania e igualdade aos ex-escravizados. Ainda nos dias atuais, muitos desafios ainda são enfrentados para a construção de uma sociedade justa e inclusiva. Além de outras formas de demonstração, a literatura tem sido um importante instrumento para nos levar à reflexão sobre a questão racial, ao longo dos

séculos, aspecto que nos motiva a examinar como as obras de Lucia Miguel Pereira trazem a discussão aos pequenos leitores.

A posição de Machado de Assis tem uma consideração especial, isto é, possivelmente, não se enquadraria no pensamento das ramificações. Domício Proença Filho explica que:

Há quem defenda que o fato de um mulato ter-se tornado um dos maiores, senão o maior dos escritores brasileiros, é altamente significativo para a causa da afirmação da etnia, embora não se encontre em sua obra ficcional uma assunção ideológica nesse sentido. Outros criticam a ausência em seus textos de problemática ou temática negra positivamente dimensionada e vergastam o seu branqueamento, numa atitude tão racista quanto a que discrimina os negros. Outros mais consideram que a sua crítica mordaz à sociedade brasileira de seu tempo revela um modo de participação que o vincularia a uma certa literatura-denúncia (Proença Filho, 2004, p. 172).

É fato que o autor mostra toda a problemática e gera também uma discussão importante, principalmente no que se refere ao século XIX. O doutor e professor em Letras Domício Proença Filho (2004) trata de outro exemplo, com a literatura em que a representação do negro é a de um sujeito numa postura de desesperança com o seu lugar social. Exemplifica que:

O romance *Clara dos Anjos*, escrito em 1922 (1948, 72d. Póstuma), a história de uma mulata, filha de um carreteiro de subúrbio, iludida, traída e sofrida por causa de sua cor. Um texto denunciador do preconceito, portanto, em que a fala final da personagem, impotente diante da injustiça, impacta pelo tom desesperançado: “– Nós não somos nada nesta vida” (Proença Filho, 2004, p. 176).

Percebemos que o romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, traz uma evidente denúncia em relação ao preconceito racial. Nós também podemos notar, na contemporaneidade, vários textos literários que podem englobar neste perfil em que a representação do negro assume um comprometimento, como a literatura produzida pela Conceição Evaristo.

Uma das obras de Conceição Evaristo é o livro *Olhos d'água* (2014), uma coletânea de contos que traz histórias marcadas pelo sofrimento e pela resistência dos negros no Brasil. Com sua escrita forte e engajada, Conceição Evaristo tem contribuído de forma significativa para o fortalecimento da Literatura Afrobrasileira e para a valorização das vozes negras na sociedade brasileira. Sua obra é um convite para refletirmos sobre a história e a cultura negra no Brasil, e para compreendermos a importância da luta por igualdade e justiça racial em nosso país.

É importante reconhecer que a literatura negra contemporânea tem desempenhado um papel necessário na luta contra a discriminação histórica dos negros

na cultura e na sociedade. Antes da ascensão dessa nova literatura, os negros eram frequentemente retratados de maneira estereotipada e inferiorizada em obras literárias. É fundamental valorizar o trabalho dos escritores negros que estão contribuindo para a construção de uma nova representação. Porém, ainda há muito trabalho a ser feito para garantir que a diversidade e a pluralidade de perspectivas sejam plenamente incorporadas nas narrativas e na cultura em geral.

2.1 Conquistas e trajetória da população negra nos séculos XX e XXI no Brasil

A literatura, ao longo do tempo, tem revelado pequenos fragmentos da maneira como a sociedade em geral tem tratado os negros. Alguns textos de Literatura Infantil apontam, através de personagens, representações distintas entre grupos de pessoas brancas e não brancas, explica Rosenberg (1985). A autora coloca em evidência como as pessoas marginalizadas foram representadas na literatura destinada aos leitores infantis, neste caso “a discriminação contra grupos não-brancos aparece na literatura infanto-juvenil brasileira constantemente, tanto de forma aberta, quanto latente, porém, que se valorize um discurso declaradamente preconceituoso” (Rosenberg, 1985, p. 80). Percebemos que alguns textos da Literatura Infantil brasileira mostra de forma clara para as crianças como as pessoas negras foram tratadas ao longo da história. Ainda que Lucia Miguel Pereira não fosse uma escritora infantil engajada, percebemos em seus textos, marcas de como os negros foram tratados ao longo da história do país.

Com o passar do tempo, a sociedade tem avançado em sua compreensão de que todas as pessoas, independentemente da cor da pele, são iguais e merecem ser tratadas com respeito e dignidade. Mesmo assim, é crucial reconhecer que, ao longo da história, a construção social das raças resultou em tratamentos desiguais e injustos para pessoas identificadas como negras ou pertencentes a outras minorias étnicas.

Essa discriminação sistêmica afetou muitos aspectos da vida dessas comunidades, incluindo acesso limitado à educação, oportunidades de emprego, justiça criminal e cuidados de saúde adequados. É importante continuar estudos, inclusive na academia, para mudar essas estruturas e garantir que todos tenham as mesmas oportunidades e direitos, independentemente da cor da pele ou da origem étnica.

Durante o século XX, o preconceito racial cresceu fora dos meios acadêmicos [...]. Na segunda metade do século XX, apesar do racismo ser condenado na maior parte do mundo, inclusive no Brasil, onde é ilegal e criminoso, ele continua a existir socialmente com grande força (Silva; Silva, 2015, p. 348).

Os autores afirmam que o preconceito racial cresceu fora dos meios acadêmicos. No entanto, o racismo é um problema ainda latente em nossa sociedade. Mesmo com leis e regulamentações que condenam a discriminação racial, as atitudes racistas persistem negativamente na vida de pessoas. Além disso, o racismo só existe em uma sociedade que admite raças. Nesta pesquisa, o conceito de raça é colocado em pauta para reflexão. De acordo com os pesquisadores (2015), a partir do século XX, os biólogos aderiram à hipótese de que não há raças na espécie humana. Sendo assim, a ideia de que as pessoas são divididas em diferentes raças, com base em características físicas, é uma construção social e não tem fundamento biológico. Esse pensamento de determinação de valores, caráter e identidade pela cor da pele nos coloca diante de predisposições racistas e segregacionistas.

A ideia de raça foi usada para justificar a escravidão, o colonialismo e outras formas de opressão racial que se arrastam até os dias atuais. Por isso, é necessário entender que as diferenças ditas raciais são construídas historicamente e que devemos dialogar para superar as desigualdades decorrentes dessa construção. Segundo Djamilia Ribeiro:

O racismo é uma problemática branca, provoca Grada Kilomba.² Até serem homogeneizados pelo processo colonial, os povos negros existiam como etnias, culturas e idiomas diversos – isso até serem tratados como “o negro”. Tal categoria foi criada e um processo de discriminação, que visava ao tratamento de seres humanos como mercadoria. Portanto, o racismo foi criado pela branquitude, que como criadora deve se responsabilizar por ele. Para além de entender como privilegiado, o branco deve ter atitudes antirracistas. Não se trata de se sentir culpado por ser branco: a questão é se responsabilizar. Diferente da culpa, que leva à inércia, a responsabilidade leva a ação [...] (Ribeiro, 2019, p. 36).

A afirmação de Grada Kilomba é um alerta crucial sobre a forma como o racismo foi estruturado ao longo da história. Outros pesquisadores conversam a respeito do conceito: “No Brasil, negro é o afrodescendente e historicamente está associado à instituição da escravidão” (Silva; Silva, 2015). Dessa maneira a terminologia “negro” é frequentemente utilizada no Brasil para se referir aos afrodescendentes, que historicamente foram vítimas de escravidão. É de extrema importância compreender a história para compreender o racismo.

Segundo Ribeiro (2019) é preciso que não tenhamos medo de algumas palavras, como exemplo: “negro”, “branco”, “racismo”, “racista”, entre outras. A pesquisadora salienta que as palavras não devem ser tabu, uma vez que o racismo está enraizado na

² Grada Kilomba é artista interdisciplinar, escritora, professora universitária e teórica, com raízes em Angola e São Tomé e Príncipe, nascida em Lisboa, onde estudou psicologia e psicanálise.

sociedade de um modo geral. Por isso, é fundamental compreender que o racismo não é uma problemática que diz respeito apenas às pessoas negras, mas sim à sociedade como um todo.

Nesse sentido, é necessário que pessoas brancas assumam a responsabilidade de combater o racismo, já que foram os principais agentes históricos na criação e na manutenção do sistema de opressão. Isso implica em reconhecer os próprios privilégios e atuar ativamente para promover mudanças reais, tanto em suas relações pessoais como na sociedade de um modo geral. É necessário evidenciar que a atuação antirracista não deve ser baseada no sentimento de culpa, mas, sim, de uma postura de responsabilidade diante de um problema que leva à ação. É neste aspecto que atua Lucia Miguel Pereira, uma mulher branca que está no meio intelectual de seu tempo. A autora aborda, em seus textos infantis, as representações do negro, mostrando a maneira em que eram tratados nos séculos passados.

Durante o século XX, houve diversas tentativas para disseminar a prática da escravidão, muitas vezes disfarçadas sob a forma de trabalhos forçados ou outras formas de exploração. Apesar das leis, como as já citadas aqui, que surgiram para combater essa prática segregacionista, ainda deparamos com tais problemáticas no dias atuais. É importante ressaltar que a abolição da escravatura foi apenas o primeiro passo na luta contra a discriminação racial e social. Mesmo após a abolição oficial da escravidão, muitos ex-escravizados foram submetidos a condições precárias de vida e trabalho, sem acesso a direitos básicos como educação, saúde e moradia digna. Neste aspecto, “voltando à questão da incorporação dos pobres pelo romance de 1930, é preciso acrescentar que uma abertura desse tipo coloca para o intelectual, oriundo geralmente das classes médias ou de algum tipo de elite decaída, o problema de lidar com um outro” (Bueno, 2001, p. 255). É comum dos romances de 1930 em mostrar o outro, salientar nos textos que existe uma desigualdade social escancarada. E neste aspecto, já comentado, aparecem nos textos infantis de Lucia Miguel Pereira.

2.2 Breve reflexão do negro na Literatura Infantil

A pesquisadora Fúlvia Rosemberg (1985) explica a presença das representações dos negros na Literatura Brasileira Infantil. O primeiro aspecto que a autora explica é o fato de os personagens negros serem taxados como inferiores, isto é, associados à sujeira, à maldade e a aspectos negativos. Apesar disso, é importante notar que alguns

textos infantis contemporâneos têm apresentado protagonistas negros, o que evidencia a presença dessas pessoas de forma diversificada na sociedade.

A Literatura Infantil de Monteiro Lobato é frequentemente debatida em relação à sua representação dos personagens negros. Essa discussão é complexa e polêmica, com opiniões divergentes sobre o autor. Algumas pessoas consideram Lobato como detentor de uma escrita racista, enquanto outras argumentam que suas obras são reflexo do contexto histórico em que ele viveu.

É importante reconhecer que a representação do negro na literatura de Lobato é ambígua. Em algumas de suas histórias, como *Caçadas de Pedrinho* (1933), ele retrata personagens negros estereotipados, utilizando características físicas e linguagem que podem ser consideradas ofensivas nos dias de hoje. Essas representações são verossímeis no sentido de mostrar como o negro era visto naquele contexto da sociedade brasileira.

Ao discutir a literatura de Monteiro Lobato, é fundamental reconhecer tanto as representações problemáticas como os esforços para tratar de questões raciais. É necessário avaliar criticamente as obras, considerando seu contexto histórico e social, e promover uma reflexão sobre a importância de representações mais inclusivas e respeitadas na Literatura Infantil.

Em *Caçadas de Pedrinho*, de 1939, é apresentada a personagem Tia Nastácia, uma mulher negra que desempenha o papel de responsável pelos trabalhos domésticos no Sítio do Picapau Amarelo. Ao longo da narrativa, são utilizadas diversas formas de tratamento ofensivo em relação à Tia Nastácia. É importante reconhecer que essas representações são problemáticas e fazem com que o leitor, ainda que crianças, possa ler e ser crítico dessa situação.

No entanto, é interessante observar que, na conclusão da história, a última fala da narrativa pertence justamente à Tia Nastácia. Em meio a uma obra repleta de aventuras, a última história contada refere-se a um rinoceronte que aparece no Sítio. Todos os personagens ficam felizes com a presença do animal, aproveitando para dar uma voltinha nele. No entanto, para a tristeza de todos, os donos do rinoceronte retornam para buscá-lo:

Dona Benta deu um suspiro de alívio e voltou ao terreiro. Queria continuar o seu passeio no carrinho. Mas não pôde. Tia Nastácia já estava escarrapachada dentro dele. – Tenha paciência – dizia a boa criatura. – Agora chegou minha vez. Negro também é gente, sinhá... (Lobato, 2009, p. 49).

A última fala da obra pertence à mulher negra. Ela diz, em outras palavras, que o negro também é considerado ser humano. A fala da personagem mostra o quanto o escritor está ciente do que está escrevendo e apontando para os leitores. Lobato, ao representar os negros na obra, é irônico e verossímil. Neste sentido, consegue mostrar aos leitores uma leitura crítica do problema social.

O uso das reticências pode ser considerado como um instrumento de sugestão daquilo que é suprimido na narrativa, ou seja, a condição do negro e seu lugar naquela sociedade em que ele não era tratado como gente, mas como uma força de trabalho desprovida de sentimento e de fraquezas. Nota-se também que, em toda a obra, Tia Nastácia chama a Dona Benta sempre como “Sinhá”, isto é, forma como os escravizados chamavam as suas patroas, demonstrando ainda a condição de subalternidade dela em relação à dona da casa.

Embora a representação da Tia Nastácia ao longo da obra seja questionável, é significativo que Monteiro Lobato tenha dado a ela a voz final na narrativa. Essa escolha pode ser interpretada como uma valorização da personagem, concedendo-lhe importância e voz ativa dentro da história. Ao analisar a literatura de Monteiro Lobato, é fundamental considerar o contexto histórico em que foi escrita e promover um diálogo crítico sobre as representações dos negros presentes nas obras.

No próximo capítulo, exploraremos a representação dos negros nas narrativas infantis de Lucia Miguel Pereira. É relevante ressaltar que, assim como em outras obras literárias, as representações implícitas também desempenham um papel significativo em seu trabalho. Ao examinarmos suas histórias, podemos perceber que há momentos em que pessoas são retratadas como inferiores a outras.

Embora Lucia Miguel Pereira tenha sido uma importante escritora e crítica literária brasileira, é necessário analisar criticamente sua obra em relação às questões raciais. Algumas de suas narrativas podem apresentar estereótipos prejudiciais ou perpetuar relações de poder desequilibradas entre personagens brancos e negros. E por ora, apresentam vozes ativas de personagens negros, assim como aparece a Tia Nastácia em Monteiro Lobato.

No entanto, é importante lembrar que a avaliação das obras literárias não se limita apenas à presença de estereótipos explícitos. Muitas vezes, a análise precisa ir além e considerar elementos sutis, como as entrelinhas da narrativa, o contexto histórico e as construções simbólicas presentes nos textos. Essas nuances podem revelar mensagens implícitas que afetam a representação dos negros nas histórias.

Ao abordarmos a representação dos negros na literatura de Lucia Miguel Pereira, devemos estar atentos à complexidade dessas representações, tanto nas características explícitas quanto nas implícitas. Essa análise crítica nos permite compreender melhor como certos estereótipos e relações de poder são reproduzidos na literatura e, a partir disso, buscar uma literatura mais representativa, que reflita a diversidade e promova a igualdade entre todos os grupos.

CAPÍTULO 3

AS REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NA LITERATURA DE LUCIA MIGUEL PEREIRA

“Precisamos de leitores que conheçam na literatura seu valor social e que, acima de tudo, aprendam a falar com o texto e, através dele, estabeleçam reflexões para a vida; que também encontrem em suas leituras oportunidades de prazer e de lazer.”

(Scharf, 2000, p. 52)

A definição de Literatura Negra pode variar de acordo com diferentes perspectivas e abordagens acadêmicas. Domício Proença Filho, em sua visão de 2013, considera que toda a literatura feita por escritores negros ou afrodescendentes deve ser classificada como Literatura Negra. Por outro lado, ele inclui na categoria de “*Lato Sensu*” aquela produzida por qualquer pessoa que aborde temáticas relacionadas aos negros em um sentido amplo.

É importante ressaltar que as definições e os conceitos são modificados ao longo do tempo, na medida em que novas perspectivas são consideradas e experiências são compartilhadas. Diversos estudiosos, críticos e membros da comunidade literária têm debatido sobre a categorização da Literatura Negra e como ela deve ser definida. Buscamos refletir sobre as ideias do pesquisador Domício Proença Filho, um pesquisador negro cuja definição compartilhamos.

Neste capítulo, abordaremos as representações do negro nas obras infantis de Lucia Miguel Pereira. Exploraremos como a autora retrata e representa personagens negros em suas histórias, examinando temas, estereótipos e evolução dessas representações ao longo de sua obra. Este capítulo busca contribuir para uma reflexão crítica sobre a representatividade racial na literatura destinada ao público infantil.

3.1 Representações do negro em *A fada menina*

A obra inicia com a menina chamada Dora, conhecida entre as bonecas como Fada Rosa Violeta, e o seu cachorro, nomeado como Fiel; ambos brincam fora de casa. A sua mãe não gostava que ela brincasse próximo ao pessegueiro-da-índia, mas era a árvore favorita da menina. Conforme escreve Pereira (1939), a garota tem vários segredos e conversa com todos os animais da chácara, entre eles as cigarras, formigas e caranguejos, inclusive o cavalo Tempestade.

Além de conversar com os animais, Dora tinha outros segredos. Ela sabia que existia uma pedra encantada no rio, neste lugar, por exemplo, no qual ela encontra com três diabinhos verdes que desceram para debaixo da pedra. Dora reflete: “Que fiquem por lá, que Nossa Senhora e o Anjo da Guarda os tranquem com sete chaves no fundo do rio” (Pereira, 1939, p. 15). Percebe-se que a menina pede ajuda às entidades religiosas, por exemplo, a Nossa Senhora e, assim, demonstra que fica protegida após a solicitação. Discutindo a trajetória da família de Jesus, Lourival dos Santos afirma que “o enegrecimento da imagem foi uma estratégia para obterem sucesso no seu projeto de migração” (Santos, 2011, p. 1). Então, o escurecimento da imagem de Nossa Senhora foi utilizado a favor do projeto de migração. Com a Padroeira do Brasil, a representação do negro sai da imagem negativa para a uma imagem positiva.

Observamos que Dora exalta e clama pela figura da negra/mãe de Jesus. Aqui, a imagem do negro alcança uma condição de superioridade, pois na figura da mãe de todos, Nossa Senhora. Retomando a história, o maior segredo da menina é se tornar Fada todas as noites, artimanha concedida pela árvore que produz frutos venenosos, o Pessegueiro da Índia.

A amiga de Dora chamada Maria chega à chácara. Seus pais solicitaram que as meninas ficassem nas imediações, pois seria perigoso ir longe. Então, as meninas foram mais longe e escutaram um barulho, na suspeita de uma onça, mas era apenas o cachorro Fiel causando medo. Verifica-se o diálogo entre ambas: “– Você teve tanto pavor que até ficou branca, disse Maria. Dora não gostava nada que caçassem dela por ser muito morena, e não quis deixar de responder com outra caçoada” (Pereira, 1939, p. 35). Veja que a menina parece não gostar de ser negra, sentindo-se envergonhada com sua cor e desejando, toda noite, transformar-se em uma fada, isto é, mudar seu padrão, seu físico. Dessa forma, percebe-se que Maria zomba da amiga por causa da pele, e a outra não fica satisfeita com isso; sendo assim, debocha outra vez.

Em seguida, na obra de Pereira (1939), chegada de João. Esse menino estava aflito com feridas nos pés e com fome. Assim, Dora e Maria pegavam comida todos os dias escondidas do pai, da mãe e da cozinheira, pois o menino queria ficar sem identificação porque acusaram-no de roubar uma joia de sua patroa. A menina Dora explica sua aflição para o Pessegueiro da Índia e ele afirma que podem ter enterrado, assim Dora solicita ajuda à Fada dos Brilhantes. Então, aparecem os brilhantes, mas Dora fica insatisfeita, pois as pedras não estão lapidadas, deste modo, ficam sem brilho. Com isso, a garota não quer os diamantes, porque não serviriam para ajudar o seu

amigo. Neste sentido, o Diamante diz que ele e os outros são feios, pois ainda não foram descobertos e lapidados. E conta a história do Isidoro, maior garimpeiro, quando o Brasil, ainda pertencia a Portugal. Segundo o narrador:

No município do Tijuco, de onde somos, tôda a gente conhece a história do garimpeiro Isidoro. Eu o vi, no dia em que nos descobriu. Era um pardo alto, bonito, e valente como êle só. Tinha sido escravo de um padre, mas foi preso, acusado de fazer contrabando de diamantes [...] (Pereira, 1939 p. 60).

O Diamante relata a história do homem escravizado Isidoro. A pedra diz que era um sujeito bonito e com valentia, pertencente ao padre, mas que acaba sendo preso. A narrativa descreve mais características deste homem e que todos diziam: “– O Isidoro é melhor do que muito branco” (Pereira, 1939, p. 60). O trecho já deixa explícita a superioridade do branco em relação ao negro. O trecho quer dizer que ele era tão bom que parecia branco e não deveria ser escravizado como os demais de seu convívio. Nesse aspecto, assim como Lobato, Lucia Miguel ridiculariza o tratamento dado ao negro, ao mesmo tempo em que permite aos pequenos leitores refletirem sobre a situação deles no plano social.

Após notarem a presença do João, a empregada Lucinda diz que havia algo estranho no sumiço das comidas. Isso ocorria porque Dora pegava para dar ao seu amigo. A mãe da menina exclama: “Êta negrinha implicante!” (Pereira, 1939, p. 76). Aparece aqui, uma relação hierárquica entre a patroa branca e sua cozinheira/empregada negra, ou seja, relação de subordinação. A palavra “negrinha” é pejorativa, pois critica uma atitude da mulher relacionando-a à teimosia da empregada. Vale ressaltar ainda o lugar social ocupada por essa mulher negra. Geralmente, no contexto de que estamos falando, eram as mulheres negras, descendentes de escravizados, quem figuravam como cozinheiras, como ocorre também com a narrativa de Monteiro Lobato. Então, descobre-se que as joias da patroa de João estavam com a Iara, no fundo do mar – a personagem do folclore brasileiro. Até que Dora tem a ideia de perguntar se o Saci poderia resgatar: “– Poder, não posso; Sací é bicho do mato, e não da água. Mas, abaixo de Deus, não há ninguém tão esperto como êste seu criado” (Pereira, 1939, p. 92). Percebe-se que o narrador trata o Saci como criado, ou seja, aquele que é submisso. Porém, o próprio sujeito diz que vive no mato, de maneira livre, ainda relatando a sua crença religiosa.

Dora retorna à forma da Fada Rosa Violeta dizendo que as meninas poderiam transformar-se em fadas até os doze anos, idade que, certamente, a criança passa o processo para a adolescência, momento em que provavelmente toda a fantasia da

criança começa a perder espaço para a razão. Outro comentário em relação às fadas é que:

A fada da noite, por exemplo, era uma fadinha africana bem pretinha; a dos ares uma francesinha muito simpática mas pouco espreitada; a dos doces era uma alemã gulosa como ela só; a das flores uma argentina sardenta, de cabelo ruivo... (Pereira, 1939, p. 97).

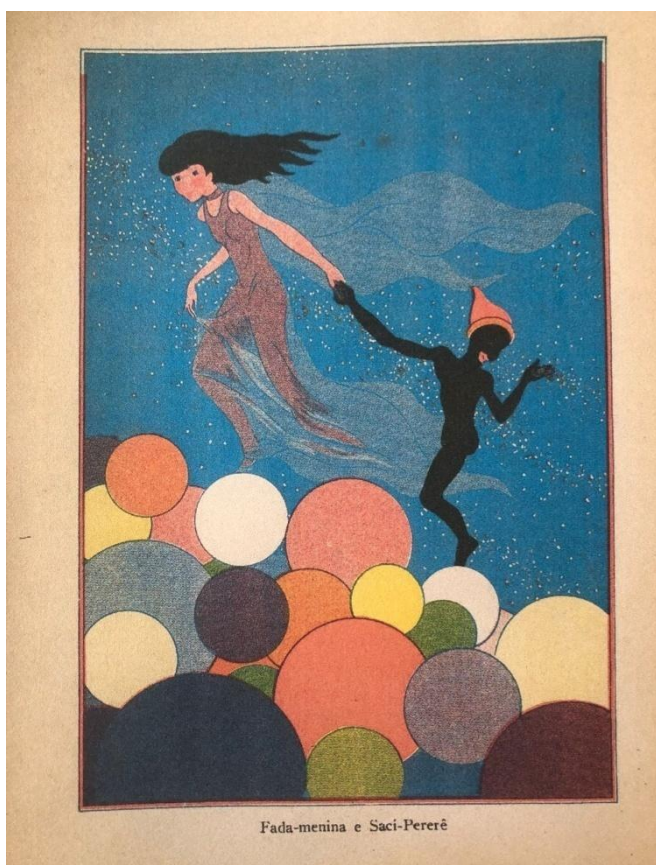
A fada menina associa as características de cada fada com seus atributos. E assim, a fada pretinha é da região da África com sua capacidade de lidar com a noite. Outro atributo voltado à nacionalidade é quando, logo em seguida, Rosa Violeta briga com a Iara: “Você não passa de uma deles mulatinha brasileira! Vejam só, chamar de mulatinha a Rosa Violeta só porque ela era morena, na vida real!” (Pereira, 1939, p. 109). Observa-se que ela, na realidade, era uma menina negra, mas, no plano dos sonhos, converte-se em uma personagem de padrões europeus. A referência constante à hierarquia racial no Brasil faz com que a menina escolha, em sua fantasia, ser de pele clara. O texto parece chamar a atenção do leitor para a condição de inferioridade e depreciação pela qual, os de pele mais escura, viviam no Brasil dos tempos da concepção do discurso.

Portanto, a empregada, que é apresentada de forma quase invisível, é uma representação de uma mulher que vive na condição apenas de limpar e cozinhar, aspecto explicado historicamente. A menina, na realidade da ficção, tem pele escura e, muitas vezes, fica frustrada por isso. Porém, percebe-se que ela não se identifica como uma personagem negra, pois o seu padrão de beleza é outro. Em sua imaginação, a menina Dora pensa no ideal de beleza, sendo assim, ao virar fada “os braços, as pernas, o corpo todo se esticava, a pele ficava clara, branca como a das moças das figuras” (Pereira, 1939, p. 17). Percebe-se que, ao se transformar em fada, a menina Dora projeta o seu ideal de beleza. E considera-se o ideal de beleza representado por mulheres de pele clara, nos moldes de padrões europeus já narrados pela literatura do século XIX.

3.1.2 O Saci-Pererê em *A fada menina*

Em *A fada menina*, Lucia Miguel Pereira explora as manifestações culturais brasileiras com o aparecimento de personagens do folclore nacional, entre eles, o Saci-Pererê. Essa representação reforça a presença e a importância da cultura afro-brasileira na obra literária.

Figura 9 – Fada-Menina e Saci-Pererê



Fonte: *A fada menina* (Pereira, 1939, s.p.)

Por meio dessa imagem, percebemos a junção da representação da cultura popular pelo Saci-Pererê e os contos de fadas, apresentada pela Fada-Menina. Mesmo antes do início da obra, podemos sentir a conexão entre eles, simbolizada pelas suas mãos dadas. No entanto, é interessante observarmos que o Saci não direciona seu olhar para a fada, mantendo seu rosto virado, criando um ar de curiosidade em torno dessa relação.

A ilustração é uma explosão de cores, enchendo nossos olhos com vivacidade, aspecto que também é característico da Literatura Infantil. Os tons vibrantes e os contrastes presentes na imagem trazem uma sensação de energia e dinamismo, capturando a essência das lendas e seres fantásticos retratados. Logo abaixo dos protagonistas, encontramos vários círculos coloridos, acrescentando ainda mais encanto à composição. Eles adicionam uma camada adicional de profundidade e intrigam nossa imaginação, convidando-nos a explorar as possibilidades que esses elementos coloridos podem revelar.

Essa imagem desperta nossa curiosidade e nos faz ansiar e pensar no desenrolar da história que está prestes a se desdobrar. É uma prévia da história que está prestes a ser contada. Certamente, se ambos estiverem de mãos dadas e unidos, essa união entre eles será inevitável. No entanto, ao mesmo tempo, o Saci está de rosto virado para a Fada-Menina, o que pode despertar dúvidas no leitor sobre a situação.

Ao comparar a Figura 6 e a Figura 9, notamos uma semelhança marcante: as mãos entrelaçadas simbolizando união. Em *Maria e seus bonecos*, por exemplo, vemos a Maria segurando a mão do antigo boneco Juquinha, que se transformou no menino Jesus. É importante destacar que a representação visual do menino Jesus retrata um personagem de cabelos claros e pele clara. Já na Figura 9, temos uma prévia do que será abordado no texto literário: a união da protagonista com o personagem negro, o Saci-Pererê.

Segundo a pesquisa *O Saci da Tradição Local no Contexto da Mundialização e da Diversidade Cultural*, de Maressa de Freitas (2009), as primeiras informações do Saci datam no século XIX na região sudeste do Brasil, todavia, existem relatos de uma entidade semelhante em Portugal, conhecida como Fradinho da mão furada. Apesar de ser conhecido como um personagem do folclore brasileiro, o Saci e o Fradinho da mão furada são semelhantes.

A autora também fala que existe um ser muito semelhante na Alemanha, denominado pela pesquisadora como diabinho alemão. Assim como é popularmente conhecido no Brasil, o personagem também possui características de um ser arteiro. A lenda do Saci possui muitos estudos para entender como e de onde ele surgiu, tendo até mesmo explicações de origens distantes do Brasil. Segundo a pesquisa *Saci, de Monteiro Lobato: um mito nacionalista*, de Míriam Stella Blonski:

Ao resgatar o mito do Saci-Pererê, Monteiro Lobato o cerca de características brasileiras, utilizando não apenas suas próprias pesquisas, mas os depoimentos que obteve por ocasião do inquérito realizado através do jornal *O Estado de São Paulo*. Nesse momento, preocupado com o nosso desenraizamento cultural, resgata para o povo urbano a sua consciência original, que se encontrava enfraquecida em decorrência da grande infiltração das idéias européias (Blonski, 2004, p. 164).

Percebemos que o resgate do mito do Saci-Pererê é resultado de extensivas pesquisas e análise de depoimentos realizados pelo escritor Monteiro Lobato. Sua preocupação com o empobrecimento cultural do Brasil era evidente, uma vez que muitos dos pensamentos e ideias predominantes estavam ligados à cultura europeia.

Na abertura de seu livro, Monteiro Lobato faz uma dedicatória sarcástica ao consagrar para o Bar Trianon, um espaço em São Paulo frequentado pela elite que buscava absorver a cultura europeia, muitas vezes negligenciando a riqueza da cultura brasileira, argumenta Blonski (2004). Essa dedicatória irônica de Lobato ressalta a importância de valorizar e promover a identidade cultural nacional, contrapondo-se à tendência da época de valorizar apenas referências estrangeiras.

Por meio da obra *A fada menina*, de Lucia Miguel Pereira, percebemos a notável fusão entre as fadas e um contexto genuinamente brasileiro, incorporando elementos do folclore nacional. Nessa obra, a autora busca trazer à tona uma narrativa que celebra tanto a magia das fadas quanto a riqueza do folclore brasileiro, proporcionando às crianças uma oportunidade de se identificarem com personagens e cenários mais próximos de sua realidade cultural.

É nesse contexto que o conhecimento da biblioteca de Lucia Miguel Pereira ganha uma importância significativa. A escritora não apenas leu as obras de Monteiro Lobato, mas também cultivou uma amizade próxima com ele, recebendo livros com dedicatórias pessoais.

Essa intimidade entre Lucia Miguel Pereira e Monteiro Lobato revela uma conexão profunda e um diálogo constante entre os dois autores. Através dessas relações literárias e pessoais, podemos compreender melhor a influência que Lobato teve sobre Lucia e a maneira como sua visão cultural foi moldada e enriquecida por meio dessas interações.

Em 1917, Monteiro Lobato escreveu uma obra intitulada *Mitologia Brasileira – Inquérito sobre o Saci-Pererê*, na qual investiga e explora a figura do Saci em diferentes versões. O pesquisador brasileiro recebeu inúmeras cartas de relatos, inclusive de escravizados, explica Blonski (2004). Dessa forma, o surgimento do Saci na literatura de Monteiro Lobato é fruto de pesquisas que definiram como é de fato a figura folclórica.

No estudo da capa do livro que apresenta os resultados do inquérito realizado por Monteiro Lobato sobre o Saci, a pesquisadora Míriam Stella Blonski (2004) destaca interessantes associações. A capa do livro é vermelha, uma cor que pode ser relacionada ao demônio. O ilustrador retrata o Saci com chifres, um gorro vermelho, olhos também vermelhos e dentes pontiagudos, lembrando um pouco os vampiros. Essa representação pode estar ligada ao fato de que o Saci tinha o hábito de beber o sangue dos cavalos. Além disso, o Saci é retratado com um corpo de adulto, possuindo apenas uma perna.

Nas mãos, segura um pedaço de pau e um cachimbo, indicando seu hábito de fumar (Blonski, 2004). É importante acrescentarmos que o Saci é interpretado como uma representação do negro na cultura brasileira. Sua caracterização como uma figura negra com um corpo adulto e apenas uma perna pode ser entendida como uma expressão simbólica da identidade afrobrasileira. Essa associação remonta às origens históricas e culturais do personagem, refletindo a presença e influência da população negra na formação da sociedade brasileira.

A representação do Saci realizada por Monteiro Lobato é objeto de inúmeras críticas, mas é importante destacar que a formação da identidade do personagem foi resultado de extensas pesquisas. Lobato buscava proporcionar uma nova mentalidade nacional ao retratar o Saci na Literatura Infantil. Assim, o escritor introduziu o personagem, que se tornou amplamente conhecido, em seu livro *O Saci*, publicado em 1921 (Blonski, 2004). A partir dessa narrativa, outros escritores foram inspirados a incorporar o personagem do folclore brasileiro em suas obras.

É o caso de Lucia Miguel Pereira, que incluiu o Saci em sua obra *A fada menina*, lançada em 1939. Essa influência de lobatiana contribuiu para a disseminação e perpetuação do personagem do Saci na Literatura Infantil Brasileira. Essa trajetória evidencia a importância do Saci como parte do patrimônio cultural do Brasil, sendo resgatado e reinventado por diferentes autores ao longo do tempo. Além disso, mostra como a Literatura Infantil desempenha um papel fundamental na divulgação e preservação das lendas e tradições do folclore brasileiro.

Na história *A fada menina*, vários personagens vão surgindo ao longo do enredo para complementar a narrativa e interagir com a protagonista. Em um determinado momento, surgiram novos personagens que a protagonista Dora não esperava, como o mágico e outras pessoas. Essa reviravolta trouxe ainda mais mistério e surpresa para a história infantil. Logo após, surge a presença de um novo personagem:

De repente, avistou uma figurinha engraçada, pulando no meio da sala. Um pretinho com uma carapuça vermelha. As outras fadas caçoaram dêle, porque era negro. Mas Rosa Violeta simpatizou com ele. Olhou bem para êle, como quem estava com reconhecendo um amigo velho, e depois gritou: – Saci Pererê! (Pereira, 1939, p. 68).

O que se destaca neste trecho é a maneira pela qual o Saci é recebido pelas fadas. Ao adentrar o ambiente, as fadas imediatamente começam a zombar dele, simplesmente por sua cor de pele ser diferente das delas. Essa cena revela claramente a discriminação e o preconceito presentes naquele contexto. No entanto, conforme a

história avança, é possível perceber uma mudança gradual nas atitudes das fadas em relação ao Saci. Eles começam a reconhecer suas habilidades e virtudes, superando os estereótipos iniciais e aprendendo a valorizar a diversidade e a aceitação mútua.

Em modos gerais, esse fato pode simbolizar que o preconceito racial ainda era latente no século XX. Segundo Castilho (2004), o preconceito e o estereótipo podem ter sido transferidos da literatura de adultos para a infantil. Sabemos que adultos podem detectar de maneira mais fiel a ironia e a denúncia social, todavia, ainda aparecem em textos literários infantis. Neste sentido, é necessário que esses textos que apresentam a representação dos negros na Literatura Infantil Brasileira sejam alvos de estudos e diálogos tanto na academia, quanto nas escolas e no seio familiar.

Percebemos que o próprio Saci parece buscar um mecanismo de atenuar a sua condição e se intitula duende preto, pois o duende, geralmente, não é considerado algo amedrontador.

Figura 10 – “E os dois abraçaram com grande escândalo das outras fadas”



Fonte: *A fada menina* (Pereira, 1939, p. 69)

Após Dora abraçar o personagem, o Saci sente-se intrigado com a forma como ela menciona seu nome, uma vez que apenas no Brasil ele é conhecido como Saci-Pererê “—Como é que você sabe que eu sou Sací? Aqui ninguém me chama por êsse nome, chamam-me de duende preto. Só no Brasil é que sou Sací Pererê” (Pereira, 1939,

p. 68). Podemos inferir, portanto, que a obra se passa em um contexto maravilhoso em que há fadas e seres fantásticos.

Ao identificar o personagem como “duende preto”, o Saci faz alusão à designação mais comum atribuída a ele fora do Brasil. Essa constatação reforça a importância de situar a história no contexto brasileiro, em que o nome “Saci-Pererê” é amplamente utilizado para se referir a esse ser mitológico. Essa contextualização geográfica enriquece a narrativa ao conectar a história aos elementos culturais específicos do Brasil, oferecendo aos leitores uma compreensão mais profunda da identidade e das tradições folclóricas do país.

Na obra pereiriana, o Saci-Pererê é retratado como uma criança e compartilha semelhanças com a versão original da história do Saci, incluindo o uso do cachimbo. O personagem folclórico recorda, vividamente, da menina, pois ele tem memórias da casa onde fica o cavalo de Dora, chamado Tempestade.

Figura 11 – Saci-Pererê



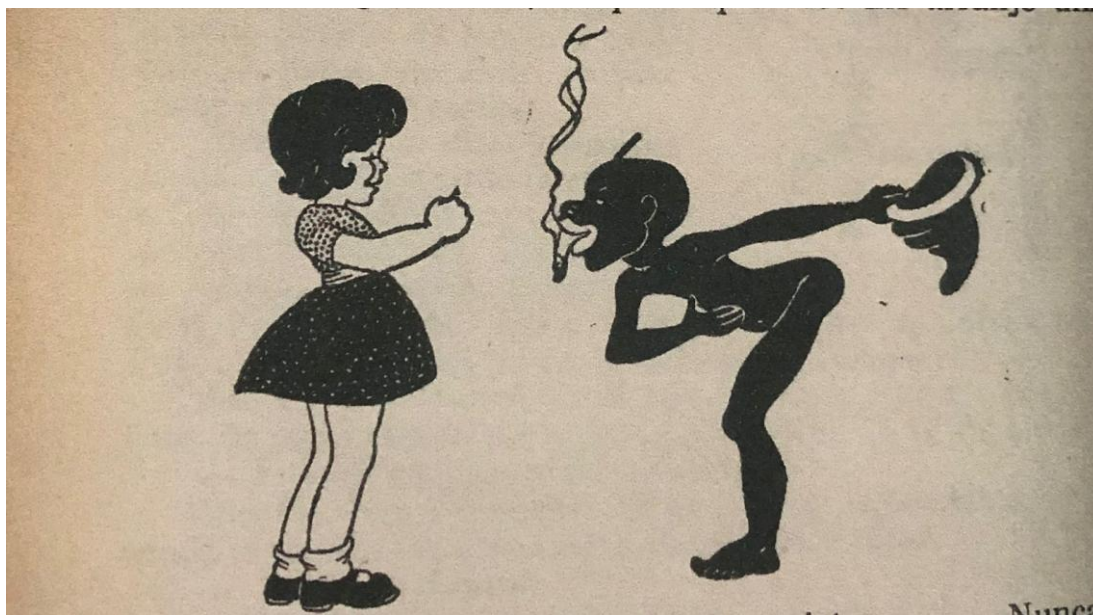
Fonte: *A fada menina* (Pereira, 1939, p. 70)

Após participar de um baile das Fadas, o Saci-Pererê diz para a outra fada: “Olhe, estou gostando muito de você, porque não faz pouco caso de mim, por eu ser preto; se precisar de alguma coisa é só me chamar” (Pereira, 1939, p. 70). O Saci expressa sua apreciação pela fada, amiga da Fada-Menina, porque ela não o trata com indiferença devido à sua cor.

Na pesquisa *A Escola e a Leitura: Prática Pedagógica da Leitura e Produção Textual*, Rosetenair Feijó Scharf afirma que “precisamos de leitores que conheçam na literatura seu valor social e que, acima de tudo, aprendam a falar com o texto e, através dele, estabeleçam reflexões para a vida; que também encontrem em suas leituras oportunidades de prazer e de lazer” (Scharf, 2000, p. 52). A Literatura Infantil desempenha um papel fundamental ao proporcionar não apenas entretenimento, mas também a oportunidade de reflexão. É essencial que os pequenos leitores compreendam, por meio dessas histórias, o valor social da literatura e desenvolvam a capacidade de refletir sobre questões relevantes que, infelizmente, marcaram a história da sociedade brasileira. Além disso, é fundamental que a leitura seja prazerosa. A Literatura Infantil deve encantar, envolver e despertar a imaginação das crianças. Quando elas encontram prazer no ato de ler, tornam-se leitoras assíduas e apaixonadas pela literatura, o que contribui para seu desenvolvimento cognitivo, emocional e linguístico.

O Saci desempenha um papel fundamental na narrativa, pois, após sua aparição, a menina Dora recebe ajuda desse esperto e inteligente garoto. Nas ilustrações, é comum vermos a representação do Saci, evidenciando sua importância para o desfecho da história e sua contribuição para ajudar Dora a provar a inocência do menino João, outro garoto, pobre e órfão.

Figura 12 – Dora e Saci-Pererê



Fonte: *A fada menina* (Pereira, 1939, p. 90)

A imagem retrata o momento em que o Saci retira a carapuça de sua cabeça, revelando prontidão para servir a menina em qualquer tarefa que ela precise. No

entanto, surpreendida com tamanha presteza, a menina sente-se desconfortável em receber ajuda sem oferecer algo em troca. Ela expressa seu desejo de retribuir os serviços prestados pelo Saci de alguma forma. É, nesse momento, que o Saci sugere uma troca: o fumo de rolo do pai de Dora. A menina fica perplexa diante dessa sugestão, questionando como o garoto conhece os itens que pertencem ao seu pai: “— Ora essa! haverá alguma cousa que o Sací não conheça! Êste negro é pá virada, menina!” (Pereira, 1939, p. 91). O incômodo da menina na história nos faz refletir sobre o processo de escravidão e subserviência do negro na história do Brasil. A menina se constrange em receber auxílio do Saci sem que ele tenha algo em troca, aspecto que era comum na escravatura, quando as pessoas trabalhavam sem receber o que lhes era devido. No decorrer da obra, o Saci consegue auxiliar a menina em diversas tarefas e a história finaliza de maneira feliz com a recuperação dos brilhantes perdidos.

O Saci-Pererê é um personagem de destaque no folclore brasileiro, reconhecido por sua origem negra. Sua criação remonta às pesquisas realizadas por Monteiro Lobato, com a intenção de valorizar a cultura nacional. Ao longo do tempo, o Saci transcendeu a esfera folclórica e encontrou espaço em diferentes formas de expressão artística, incluindo a literatura.

Em um dos trabalhos de Lucia Miguel Pereira, o Saci-Pererê é retratado com base nas características estabelecidas por Lobato em suas pesquisas. No entanto, adaptações foram feitas para tornar essa figura mais acessível ao público infantil, proporcionando uma representação similar. A presença marcante do negro em *A fada menina* vai além do próprio Saci. Outros personagens também são explorados nessa narrativa e serão analisados neste capítulo, mostrando ainda mais a representatividade dos negros presentes na obra.

Contudo, apesar de todas as formas depreciativas com que se referem ao Saci na narrativa, a principal representação do negro na obra, é possível perceber que ele é o personagem principal para a resolução dos problemas gestados ali. Esse aspecto que pode proporcionar ao pequeno leitor uma reflexão positiva sobre o papel exercido pelo negro e seu lugar na sociedade. No caso do Saci, é mediante a ajuda dele que conseguem recuperar as joias e provar a inocência de João.

3.2 Representações do negro em *Maria e seus bonecos*

A obra *Maria e seus bonecos*, de Lucia Miguel Pereira apresenta a vida de uma menina chamada Maria. A garota é considerada bela e todos diziam: “— Que menina

bonita! Deus a conserve!” (Pereira, 1943b, p. 7). Apesar de sua aparência bonita, a menina tinha comportamentos que a tornavam feia: “Nunca houve uma menina tão má. Até feia virava, com a cara de fúria que fazia a todo o momento. Se alguma coisa a contrariava, esticava o beijo de negra velha igualzinho o da Firmina, a cozinheira [...]” (Pereira, 1943b, p. 7).

Logo na primeira página da história infantil, é possível notar uma comparação entre a beleza da menina protagonista e da cozinheira negra. A autora destaca a beleza física de Maria, mencionando seus lábios, que são esticados quando ela fica emburrada, comparando-os com os lábios da cozinheira. Além disso, percebe-se que a falta de beleza é associada às características da personagem negra Firmina, o que pode ser interpretado como uma representação negativa do negro na obra literária. Sendo assim, nesta obra, temos a representação da mulher negra sendo utilizada como parâmetro para a falta de beleza. Acreditamos que Firmina está presente na narrativa desempenhando uma função específica, que pode ser interpretada como uma representação do tratamento dado aos negros nas primeiras décadas do século XX. No artigo *Mulher Negra na Literatura: A palavra como instrumento de Luta e Resistência* (2020), Cecília Moreira Soares e Grácia Lorena da Silva Jorge apresentam a reflexão:

Há que se lembrar (para aqueles que insistem em se esquecer) de que no sistema escravagista, as mulheres negras embora trabalhassem no campo com os homens escravos, sofriam castigos e explorações de maneiras diferentes. Sua condição de mulheres e o fato de se encontrarem em situações efetivas de subjugação fizeram com que milhares de escravizadas fossem vítimas de violência extrema e abuso sexual (Soares; Jorge, 2020, p. 29).

No texto das autoras, aborda-se a temática das minorias, em particular as mulheres negras. Além de enfrentarem castigos e explorações semelhantes aos homens, essas mulheres sofrem de maneira distinta. No contexto ficcional criado por Lucia Miguel Pereira, a personagem Firmina é retratada sem um sobrenome e é destacada principalmente por sua função como cozinheira, em vez de ser reconhecida pelo seu nome completo. Isso evidencia a representação da mulher negra no século XX, que é obrigada a desempenhar um trabalho definido pela classe dominante, resultante do passado de colonização e escravidão.

É importante enfatizar que a representação dos personagens negros nas primeiras décadas do século XX, em que ocupavam predominantemente posições de subserviência, são mostrados com certo realismo, o que configura a verossimilhança desses textos. Na obra em questão, a personagem Firmina é um exemplo disso. Da mesma forma, em *A fada menina*, de Lucia Miguel Pereira, há uma cozinheira negra

que não apresenta nem mesmo o primeiro nome, sendo identificada apenas pelo seu cargo de trabalho, o que evidencia a falta de valorização e reconhecimento desses personagens na literatura da época, como forma de representar o contexto em que estavam situados.

Em *A fada menina*, de Lucia Miguel Pereira, a personagem Dora vai até a sua casa pegar alimento para João: “Foram de-pressa para casa – que estava muito mais perto que elas imaginavam – entraram na cozinha, arranjaram com a cozinheira um pão com carne [...]” (Pereira, 1939, p. 40). Na ilustração a seguir, Dora pega o alimento com a cozinheira:

Figura 13 – Dora e a cozinheira



Fonte: *A fada menina* (Pereira, 1939, p. 90)

A ilustração presente na obra literária é uma importante complementação ao texto, pois evidencia a representação da cozinheira negra sem identificação de nome ou sobrenome. Tanto em *A fada menina* quanto em *Maria e seus bonecos*, obras de Lucia Miguel Pereira, é possível observar a posição da mulher negra na literatura da época, predominantemente relegada a papéis secundários e sem destaque. No texto, se lê:

Todos em casa tinham medo de Maria; até o pai, aquele homenzarrão, tremia quando via a filha aos berros.

– Cruzes, essa menina parece maluca! – dizia Firmina.

Dizia e se trancava na cozinha, antes que Maria avançasse para ela. Porque Maria não tinha dúvida: quem chegasse perto, quando estava zangada, recebia sôcos, pontapés, unhas. Firmina tinha razão, parecia maluca (Pereira, 1943b, p. 8).

Em *Maria e seus bonecos* (1943b), é possível notar que Firmina, ao contrário da cozinheira negra em *A fada menina* (1939), é identificada pelo outro pelo seu nome e tem a capacidade de expressar sua opinião sobre a menina que apresenta traços de maldade. Isso evidencia a importância da representatividade na literatura, permitindo que personagens negros tenham voz e sejam reconhecidos como indivíduos com pensamentos e sentimentos próprios. No entanto, as pequenas aparições da personagem Firmina condizem com a realidade do contexto de escrita de Lucia Miguel Pereira em que mulheres negras não tinham uma voz ativa.

Além disso, outra semelhança na representação do negro nas duas obras é a presença da figura de Nossa Senhora. Neste aspecto, a mãe compara a menina com a figura religiosa: “O pai e a mãe viviam muito tristes por terem uma filha tão ruim. – Não sei como essa menina saíu assim. – dizia a mãe. – Tem o nome de Nossa Senhora, e nem isso lhe vale (Pereira, 1943b, p. 8). A mãe da menina faz uma comparação entre a filha e a figura religiosa, o que pode ser interpretado como uma tentativa de associar a menina à pureza e à inocência, características frequentemente atribuídas à figura de Nossa Senhora.

O título da obra indica que a história se concentra em Maria e nos seus brinquedos, especificamente nos bonecos, mas temos aqui o nome Maria, que é lembrado como a mãe do filho de Deus, Jesus. Embora fosse uma menina com o nome de Nossa Senhora, Maria não cuidava bem de seus brinquedos e os tratava com negligência.

– Com estes não vou judiar – pensou ela. – Assim, de noite, quando eles viraram gente, ficam brincando comigo.
Mas, qual! Daí a pouco, quando a criada foi penteá-la e, sem querer, puxou-lhe o cabelo, Maria teve um dos seus acessos de raiva e varejou longe o Juquinha, que pusera no colo (Pereira, 1943b, p. 17).

No trecho, é possível observar como Maria trata seus brinquedos. É importante destacar o uso do termo judiar, que pode ter relação com o sofrimento dos judeus durante o Holocausto. Além disso, o trecho também apresenta o termo “criada”, que remete ao período escravocrata e pode ser considerado inadequado nos dias de hoje. Para Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva (2015), pesquisadores de conceitos históricos, o judaísmo é uma religião que foi perseguida ao longo do tempo, neste aspecto, as pessoas judias sofreram com intolerância, até mesmo tortura física e psicológica. As designações mencionadas pelo autor, como a palavra “judiar” formada pela junção da palavra “judeu” com o sufixo “-iar”, podem ser problemáticas. É

importante considerar que o uso dessa palavra pode evocar associações negativas e estereótipos perigosos relacionados à comunidade judaica. A personagem não faz maldades com os bonecos porque se tornou uma pessoa boa, mas com a intenção de quando os bonecos se transformassem em gente, pudessem brincar com a menina.

O termo “criada” também deve ser debatido, uma vez que é desta maneira que o narrador remete a personagem Firmina, a cozinheira. No texto *Mucamas, Criadas ou Domésticas: sinônimos de uma só história de exclusão* (2008), Ricardo Corrêa Peixoto explica que “[...]a designação das empregadas domésticas passou por mudanças sinonímias ao longo do tempo; semanticamente, os termos predecessores - mucama, criada e serva” (Peixoto, 2008, p. 3). As palavras utilizadas pelo autor, tais como: mucama, criada e serva, representam termos inadequados para descrever a realidade da personagem, uma vez que carregam consigo a conotação e os resquícios do período escravocrata. É necessário considerar o impacto dessas designações, pois elas perpetuam estereótipos racistas e reforçam a marginalização da mulher negra na sociedade. Neste aspecto, percebemos que Firmina representa, na narrativa, uma mulher que ainda é tida como “criada”, isto é, ocupando o cargo desfavorecido na época, que é de empregada doméstica. Porém, essa forma de desvalorização do negro, em nosso ver, redundava numa maneira da escritora construir a verossimilhança de seu texto e, ao mesmo tempo, problematizar o lugar do negro na sociedade daquele contexto.

Além do contato com a personagem Firmina, Maria também tem contato com a Clarinha, sua vizinha e amiga. Em um diálogo, Maria conversa com Clarinha:

– Que foi que você ganhou? – indagou da outra.
 Clarinha ganhou um fogãozinho.
 – Para você está muito bom – disse Maria com um jeito muito impaciente. –
 Você, quando crescer, há-de ser cozinheira, deve mesmo ganhar fogões. Para mim não servia. Eu sou rica, quero brinquedos bons (Pereira, 1943b, p. 17).

Na conversa entre Maria e Clarinha, Maria demonstra uma atitude de superioridade, afirmando que a menina “há-de ser cozinheira” e sugerindo que, nessa profissão, há certo preconceito e desvalorização. A afirmação de Maria reforça um estereótipo prejudicial em relação às mulheres negras, uma vez que, na história, a representação da cozinheira é de uma mulher negra que trabalha para a família. Essa representação, sobretudo nos anos em que escreve Lucia Miguel, é condizente com as práticas predominantes de um país ainda muito afetado pela influência escravocrata. Esse estereótipo limita as possibilidades e talentos das mulheres negras, perpetuando a ideia de que elas só podem ter sucesso em profissões relacionadas a serviços

domésticos. Além disso, durante o século XX e até recentemente, o trabalho das mulheres domésticas não foi devidamente valorizado. Neste aspecto, ao dizer que Clara possivelmente seria cozinheira, Maria deseja o fracasso da outra criança, pois a personagem tem consciência de que o trabalho não era valorizado, até mesmo pela forma de Maria tratar a Firmina, sem o devido respeito e valor. Outra questão a ser levantada pela narrativa, diz respeito ao fato da menina Clara não ser negra e receber o nome de Clara. Lucia Miguel Pereira deixa evidente aqui que, além das questões de raça, as questões de classe social são fatores que precisam ser revistos e problematizados no plano das reflexões literárias.

Apesar da crueldade de Maria, os seus pais tinham a esperança de que ela pudesse se tornar uma pessoa melhor, mas Maria não demonstrava maldade apenas com seus brinquedos, mas também com Firmina, a cozinheira negra responsável pela alimentação da família:

- Maria está ficando muito boazinha – dizia papai.
- Boazinha? Ainda hoje, quando eu saí, ela estava atirando uma pedra na Querida.
- E jogou terra na panela de feijão – queixou-se Firmina, que vinha passando. [...] aquela menina não tem jeito... Parece ter o diabo no corpo... A senhora devia mandar benzê-la! (Pereira, 1943b, p. 24).

Percebemos que Firmina se queixa do comportamento de Maria, que colocou terra na panela de feijão, atrapalhando o trabalho da cozinheira. Firmina expressa sua frustração e sugere que Maria pode ter “o diabo no corpo”, devido a suas ações ruins. Ao mencionar o ato de benzer, Firmina revela sua religiosidade, o que sugere que talvez Maria possa melhorar seu comportamento passando por esse ritual. Na pesquisa *O Benzimento realizado nos cultos da Umbanda* (2021), as autoras Julia Gessica da Silva O. Pimentel e Simone Rodrigues dos Santos Gomes realizam um estudo sobre a cultura das benzedeiras. Para elas “o ritual de benzeção realizado tanto na Umbanda, quanto pelas benzedeiras e benzedores, traz a cura como o realinhamento entre o espírito e o corpo físico” (Pimentel; Gomes, 2021, p. 7). Assim, o ritual de benzer pode ser realizado nas religiões de matriz africana, como é o caso mencionado pelas autoras ao citar a religião Umbanda. Nesse aspecto, ao falar de benzer, a personagem Firmina reafirma sua tradição referindo também aos costumes e tradições de seus antepassados.

Em contrapartida das representações dos negros, ainda na obra *Maria e seus bonecos*, o boneco Juquinha se transforma no menino Jesus. Lê-se a transformação do boneco para o menino Jesus:

Mas o Juquinha foi crescendo, crescendo, até ficar do tamanho de um menino de verdade. Aquêles cabelos louros, anelados, aquêles olhos claros, aquêle sorriso... Maria já vira êsse menino, mas onde? Não se lembrava. O menino olhava para ela com um olhar tão bom... De repente ela se lembrou. Era no presépio! O Juquinha era o Menino Jesus! Seria possível? Maria ajoelhou-se (Pereira, 1943b, p. 32).

Notamos que o boneco Juquinha passa por uma transformação e se torna o menino Jesus, uma figura religiosa que simboliza a bondade. No entanto, é importante ressaltar que a representação do menino é descrita como alguém com características de pele, cabelos e olhos claros. O menino diz: “– Sou eu mesmo, Maria, que me fiz boneco para fazer você ser boa... Podia deixar ser ruim uma menina que tem o nome de minha Mãe?” (Pereira, 1943b, p. 32). A narrativa é encerrada no momento que o Juquinha faz a intervenção levando a bondade para Maria. É importante destacar que a narrativa enfatiza as características físicas do menino, de pele clara, detentor da bondade, isto é, contrário da personagem Firmina.

3.3 Representações do negro em *A filha do Rio Verde* e *Na floresta mágica*

A filha do Rio Verde, de Lucia Miguel Pereira começa com a apresentação de um rio, mas não é um rio comum. A descrição revela que:

[...] as suas águas são sempre verdes; mesmo quando chove, quando os outros rios ficam barrentos, feios, êle continua verde, verde claro, transparente. Mas há uns dias em que fica verde escuro, quasi preto. É quando se zanga. Porque o Rio Verde não é um rio como os outros! Sente como gente e até fala como gente – mas nem todos entendem o que diz (Pereira, 1943a, p. 7).

Podemos perceber que o texto revela a singularidade do Rio Verde, pois ele é descrito como falante, ou seja, características de uma pessoa. O rio apresenta uma tonalidade predominantemente verde. No entanto, também é mencionado que quando suas águas se tornam mais escuras, isso é considerado negativo, indicando que o rio está zangado. Como o rio é tratado como um personagem na obra podemos inferir que quando ele adquire uma tonalidade negra, isso indica características negativas, enquanto tons de verde ou verde claro são associados à sua beleza.

Assim como alguns personagens da obra pereiriana, como o menino Juquinha em *Maria e seus bonecos*, que representa uma pessoa branca, o Rio Verde também é um personagem metafórico que possui a capacidade de se expressar. No entanto, quando o rio adquire uma tonalidade quase preta, isso é associado a uma característica negativa.

Na obra literária *Na floresta mágica*, escrita por Lucia Miguel Pereira, depreende-se também uma trama que exhibe uma notável ênfase na natureza, em que

personagens de gênero masculino, nomeadamente o Pé-de-Boi, o Pé-de-Cabra e o Pé-de-Pato, ocupam o papel de protagonistas. O que tem como ponto principal de toda a narrativa é que “a mãe morrera e o pai fôra caçar e nunca mais voltara; não se sabia que fim tinha levado” (Pereira, 1943c, p. 7). Assim, as crianças ficaram sob os cuidados do tio que os colocaram no internato.

As ilustrações desempenham um papel significativo na Literatura Infantil de Lucia Miguel Pereira, contribuindo para o enriquecimento de sua obra. Em *Na floresta mágica*, podemos perceber a representação do negro por meio da interpretação visual das imagens, que complementam e aprofundam a mensagem do texto. Em determinado momento, acontece algo estranho na floresta:

Apavorados, os animais começaram a gritar e a correr, espalhando terror pela floresta inteira. As árvores retorciam-se, como um dia de tempestade; os pássaros levantavam o vôo, ruflando as asas; os bichos, mesmo os que estavam longe, reuniam os filhos, procuravam as tocas. Na disparada em que iam, quebravam galhos das árvores, pisavam e machucavam os animais pequenos. Pela primeira vez, na floresta mágica, houve brigas, todos querendo as tocas mais perto (Pereira, 1943c, p. 17).

O surgimento de novos personagens, como os caçadores, gerou um grande medo tanto entre os animais quanto entre as crianças. Estas últimas corriam de um lado para o outro, apavoradas, quando de repente ouviram uma voz misteriosa: “– Parem, senão eu atiro! – Gritou uma voz grossa” (Pereira, 1943c, p. 17). As crianças acataram a ordem e pararam. No proceder da história, surge uma ilustração que aparecem todos os personagens da cena:

Figura 14 – Os caçadores e os irmãos



Fonte: *Na floresta mágica* (Pereira, 1943c, p. 18).

Na figura, chama a atenção a expressão de tristeza e medo estampada nos rostos das crianças que ocupam o centro. Enquanto isso, nas partes inferior e superior, observamos a presença ameaçadora dos animais e dos caçadores. Vale ressaltar que ambos os caçadores têm características físicas que remetem a pessoas negras. Um deles, que está sem o chapéu, exibe cabelos crespos, enquanto os dois homens possuem nariz e boca com traços típicos de pessoas negras.

Ao verem um dos caçadores, chamado Barbadão, as crianças falaram: “– Esse homem tem a voz parecida com a de Papai. – Tem, sim – concordou Pé-de-Cabra. – Tem, sim – repetiu Pé-de-Pato” (Pereira, 1943c, p. 21). No entanto, assim que as crianças começaram a conversar, os caçadores prontamente interromperam, exigindo silêncio e interrompendo a conversa dos irmãos.

Outro caçador chamado Relâmpago é descrito como: “Relâmpago era um mulato alto, bexiguento. Enfiou a espingarda a tiracolo, pegou um cacete e saiu com os meninos, que carregavam três baldes vazios” (Pereira, 1943c, p. 21). Nesse sentido, um dos caçadores é caracterizado como mulato. Segundo o pesquisador Marcelo Giovannetti Ferreira Luz, em seu texto “‘Negro’, ‘Preto’, ‘Mulato’ e ‘Afrodescendente’ e o silenciamento dos sujeitos nos discursos sobre as ações afirmativas”, o termo “mulato” tem uma carga pejorativa para os negros. Segundo Luz (2012), o termo na língua espanhola se referia ao filhote macho do cruzamento de uma égua com um jumento ou com um cavalo e uma jumenta. Por isso, ao se referir a uma pessoa negra, o termo mulato deve ser evitado, pois a terminologia não é respeitosa.

O homem chamado de mulato é representado na história como uma pessoa má, uma vez que leva para a floresta sentimentos de medo, angústia e tristeza. A partir da chegada dos caçadores “a floresta estava diferente, a floresta estava triste, a floresta estava silenciosa” (Pereira, 1943c, p. 23). Agora, com a chegada de Relâmpago, um homem negro, a floresta se transformou num ambiente ruim.

Os meninos ficaram aprisionados com os caçadores por determinado tempo e conseguiram conversar com Barbadão que sempre dizia que não podia fazer nada para ajudar os meninos saírem daquela situação. Porém, “Barbadão dizia a verdade; não podia fazer nada; êle também era, como os meninos, um prisioneiro [...]” (Pereira, 1939, p. 28). Assim, o caçador era o pai dos meninos e também estava sendo prisioneiro. No texto, percebemos que Joaquim, o pai das crianças ficou alegre em ver as crianças e também ficou triste, pois os homens o fizeram de caçadores e ladrões e não queriam que os filhos pensassem que o pai deles era como aqueles homens ruins. E assim, as crianças retornaram para casa acompanhados do pai e a floresta voltou ser uma floresta mágica, repleta de alegria.

Em outro ambiente da natureza, na narrativa *A filha do Rio Verde*, de Lucia Miguel Pereira, o sítio da Pedra Branca, às margens do Rio Verde, vivia um casal chamado Chico e Joaquina, juntamente com seu filho João. O grande desejo desse casal era ter uma filha, e o rio concedeu-lhes a criança. Em determinado momento a família viu o rio diferente e foram ver o que era: “[...] Mal o rio os avistou, ficou de novo quieto e manso. Espantados, êles chegaram até a beira d’água, e deram com a menina, tôda molhadinha, chorando de fome. Ficaram radiantes” (Pereira, 1943a, p. 9). A chegada da menina trouxe alegria a todos, e em virtude dessa dádiva concedida pelo Rio

Verde, decidiram nomeá-la Esmeralda. Essa escolha do nome reflete a gratidão e o significado especial que a família representa para o Rio Verde.

Esmeralda gostava do rio como se fosse uma pessoa, conversava com êle, contava-lhe todas as suas brincadeiras. O rio ouvia, entendia, e também contava histórias à menina... Era engraçado como falava sem bôca, só com o barulho das águas, e entretanto dizia tudo o que queria... Sabia tanta cousa... Iam caçar e guerrear. Um dia houve um combate horrível nas suas margens. Ainda se recordava com pena dos índios moços que caíram mortos dentro dêle; até as águas ficaram avermelhadas, de tanto sangue. Lembrava-se dos primeiros homens brancos que viu, e achou tão esquisitos, todos vestidos de couro... Lembrava-se dos escravos negros que tiravam água em grandes potes de barro (Pereira, 1943a, p. 12).

Notamos a relação íntima de Esmeralda e o Rio Verde, uma comunicação que transcendia as palavras. O rio, mesmo sem expressar diálogos através de sua boca, encontrava outras formas de se comunicar. Com sua vasta experiência, o Rio Verde compartilhava com Esmeralda as histórias sangrentas que testemunhou envolvendo os indígenas. Em um desses relatos, a tonalidade do rio se transformou em um avermelhado, simbolizando o derramamento de sangue dos indígenas. Além disso, o rio também narrava sobre as pessoas negras que, em condições de escravidão, buscavam água em grandes potes de barro, revelando o árduo trabalho dessas pessoas, provavelmente destinado a atender às necessidades dos senhores.

Em determinado momento, o Rio Verde toma a decisão de presentear a humilde família de Esmeralda com um tesouro perdido há muito tempo: um caixote repleto de brilhantes que havia sido submerso nas águas do rio. Joaquina vendo o caixote de brilhantes “escolheu dois dos maiores e disse ao Chico que fôsse vender na cidade mais perto” (Pereira, 1943a, p. 17). O texto evidencia a presença do sistema capitalista, uma vez que o casal discute entre si as possibilidades que o dinheiro traria: reformar a casa, contratar um empregado e até mesmo proporcionar educação às crianças em uma escola. No entanto, ao chegar na cidade, o joalheiro achou estranho uma pessoa pobre com aquelas joias e chamou a polícia.

A presença da natureza é forte na história infantil. Os pássaros solicitaram aos caranguejos que fossem até a casa de Esmeralda: “Afim! Entraram na casa, e viram a menina ajoelhada diante de uma imagem de Nossa Senhora rezando [...]” (Pereira, 1943a, p. 20). O termo senhor e senhora eram utilizados pelas pessoas escravizadas para chamar os seus patrões. No contexto cristão, quando o anjo anuncia a Maria que ela conceberá o filho de Deus, Maria responde: “‘Eu sou a serva do Senhor, e estou pronta a fazer tudo quanto for necessário. Que aconteça tudo o que o Senhor me disse’. Então o anjo a deixou” (Bíblia, 2018, Lucas, 1:38). Neste contexto, ao utilizar a expressão

“Nossa Senhora”, faz alusão à conotação de devoção e respeito reverente, evocando valores de serviço e obediência.

Após Esmeralda chegar no rio, ela precisa de um transporte e o peixe dourado chega para servir a garota e ela relata: “– Senhor peixe, tenha paciência, eu preciso de alguma coisa para segurar... O seu lombo até parece sabão, de tanto que escorrega” (Pereira, 1943a, p. 21). Mais uma vez, o termo “senhor” é usado, só que dessa vez Esmeralda chama o peixe dourado que a ajuda de “senhor peixe”. E outras vezes é utilizado o termo “senhor” ou “senhora” para referir a personagens: “– Senhor diretor... Eu garanto que as margens do rio estão cheio de brilhantes. Venha comigo, senão o povo todo vê e não sobra nenhum para o senhor” (Pereira, 1943a, p. 25). Neste momento específico, Esmeralda insiste para que o diretor se dirija à margem do rio, a fim de contemplar todos os resplandecentes. Nesse contexto, a jovem dirige-se ao diretor com reverência ao chamá-lo de “senhor”, o que denota sua percepção de que ele possui um acervo acumulado de vivências e um papel de autoridade.

Em determinado momento, o rio decide contar a sua história para Esmeralda. A menina com os pés dentro d’água, o Rio Verde explica sobre o seu passado:

[...] Quando as fadas viram que os homens não queriam mais saber delas, resolveram ir para longe, para outro mundo. Esmeralda ficou muito triste, porque gostava muito daqui. Tão triste que começou a chorar. Sentou no chão e chorou um dia inteiro. As lágrimas corriam pela terra e foram fazendo um riachinho. E ela chorando. Veio a rainha das fadas e disse que era hora de partirem. Mas Esmeralda não queria levantar. A rainha chamou três vezes e ela não obedeceu. Então a rainha ficou zangada, bateu com a vara de condão e exclamou:

– Chore, chore até virar um rio. Só quando uma menina gostar de você como se fôsse gente, é que poderá virar fada de novo.
E assim foi. Esmeralda chorou um ano inteiro, foi derretendo tôda, virando água. Seus cabelos transformaram-se em árvores para proteger a nascente, seus ossos mudaram-se em pedras. E ela ficou sendo rio [...] (Pereira, 1943a, p. 34).

O enredo revela a narrativa de uma outra personagem, a menina-fada também denominada Esmeralda, cuja presença é desencadeada pela emergência do rio. A manifestação do corpo d’água, nesse contexto, origina-se de uma punição imposta pela rainha, como consequência da obstinação da própria fada em recusar-se a abandonar seu lugar. Consequentemente, a fada metamorfoseia-se no “Rio Verde”. Sob esse prisma, podemos inferir que o rio se configura como metáfora da angústia observada por Esmeralda, sendo testemunha de tragédias indígenas, inclusive a cruel exploração do trabalho dos africanos escravizados que, ávidos por água, necessitavam recorrer a vasos de barro. Surge, portanto, a obra *A filha do Rio Verde*, que procura lançar uma análise

crítica sobre a história dos negros e dos indígenas, uma vez que o rio contempla cenas emblemáticas de submissão. Tal reflexão literária aponta a conscientização das crianças e dos adolescentes de que, assim como diversos rios presentes no Brasil, o Rio Verde é capaz de testemunhar a triste trajetória da população negra no país.

CONCLUSÃO

Conforme ressaltado por Rosetenair Feijó Scharf na epígrafe do terceiro capítulo, o texto literário estabelece vínculos significativos com a realidade, revelando, assim, o seu valor social. É importante notar que a autora reconhece a importância da leitura como uma fonte não apenas de conhecimento, mas também de prazer e entretenimento. Nesse contexto, a escrita de Lucia Miguel Pereira desempenha um papel relevante no contexto da Literatura Brasileira, uma vez que, por meio de suas abordagens das representações do negro em seus textos, a autora forma uma ponte entre o mundo real e a ficção, especialmente para o público infantil.

A pesquisa teve como objetivo investigar e analisar as representações do negro na escrita infantil de Lucia Miguel Pereira, servindo como um ponto inicial para compreendermos melhor como essas representações são retratadas na literatura da autora. Vale ressaltar que o intuito da pesquisa não é julgar a postura da autora, mas sim analisar de que forma essa representação é abordada em suas obras.

Por meio da obra *A fada menina*, publicada em 1939, Lucia Miguel Pereira apresenta um retrato da diversidade racial ao criar personagens como Isidoro, um homem pardo escravizado, Lucinda, uma empregada negra, e a fadinha africana caracterizada como pretinha, entre outros. Essas representações revelam um aspecto importante da escrita da autora, que vai além do mero relato factual, buscando evidenciar as experiências de subjugação histórica enfrentadas pelos personagens negros. É notável que tais personagens são inseridos na obra com a intenção de denunciar as injustiças que persistiram ao longo do tempo, inclusive durante o período em que o livro foi escrito, nas décadas de 1930 e 1940. Além disso, encontramos a presença marcante do personagem Saci ao longo da narrativa, acrescentando outro elemento significativo ao panorama literário explorado por Lucia Miguel Pereira.

Por meio da Figura 9, “Fada-Menina e Saci-Pererê”, logo após a capa, somos apresentados à parceria entre o personagem folclórico Saci e a Fada-Menina. A imagem revela a união desses dois personagens, simbolizada pelo ato de estarem de mãos dadas. No desenrolar da narrativa, observa-se que as fadas não têm uma predileção pelo Saci, justamente devido à cor da sua pele, o que reflete a realidade de uma sociedade marcada pelo racismo durante o contexto em que Lucia Miguel Pereira escreveu o texto. No entanto, a própria trajetória narrativa e a postura da Fada-Menina se constituem como uma forma de romper com essa mentalidade racista que permeava a sociedade à época

da autora. O Saci se torna um personagem fundamental ao auxiliar a Fada-Menina na resolução do conflito apresentado na obra. Portanto, em *A fada menina*, é notável a presença explícita e evidente da representação do negro, ao contrário de suas demais obras infantis, nas quais essa representação pode se manifestar de maneira mais sutil, exigindo uma interpretação consciente por parte do leitor.

Ao analisarmos o texto literário *Maria e seus bonecos*, podemos observar que a representação do negro é introduzida logo nas páginas iniciais do livro. A descrição da aparência de Maria oscila entre a beleza e a feiura, sendo esta última associada às suas transgressões e comparada à empregada Firmina, uma mulher negra. A personagem também é denominada como criada, um termo que carrega resquícios do período escravocrata, revelando, assim, uma relação de subalternidade. Além disso, é importante notar que a presença de uma cozinheira negra é compartilhada tanto em *Maria e seus bonecos* como em *A fada menina*. Nesse aspecto, a representação da mulher negra é reforçada de forma subalterna. Por meio do tratamento dispensado a Firmina pelos demais personagens, bem como suas próprias falas e uma breve alusão à sua religiosidade, podemos discernir vestígios de sua ancestralidade. Essa abordagem, no entanto, difere de *A fada menina*, em que os pensamentos da personagem cozinheira não são contemplados, mesmo que brevemente. Portanto, por meio dessas obras, é possível perceber a representação do negro de maneira a evidenciar os maus-tratos e as injustiças históricas.

O estudo e a análise dos termos utilizados para descrever as personagens negras nas obras da autora Lucia Miguel Pereira revelam-se fundamentais para uma compreensão aprofundada das representações do negro em suas narrativas. Em *Na floresta mágica*, por exemplo, o caçador Relâmpago é descrito como mulato, um termo que carrega conotações pejorativas, remanescentes do período escravocrata. A chegada do caçador negro à floresta desencadeia uma transformação negativa no ambiente, que se torna triste e silencioso. Nesse sentido, a representação do negro na narrativa é negativa, destacando-se a escolha deliberada de apresentar os caçadores como negros, o que não ocorreria sem motivo. Similarmente, em *A filha do Rio Verde*, há uma crítica significativa expressa pelo Rio Verde quando ele narra a Esmeralda sobre seu encontro com os primeiros colonizadores brancos e a condição dos escravizados negros. Embora breve, esse relato deixa uma semente de curiosidade nas crianças, estimulando o interesse em conhecer a dolorosa história da experiência negra no Brasil e despertando a necessidade de compreender a história do país em sua totalidade. Essas reflexões

evidenciam a importância do estudo minucioso das representações do negro nas obras de Lucia Miguel Pereira para uma análise crítica do papel da literatura na construção e na perpetuação de estereótipos raciais.

Nesta pesquisa, falamos, portanto, da faceta de Lucia Miguel Pereira como escritora infantil. Porém, Lucia Miguel também contribuiu como crítica literária, romancista e tradutora. É de extrema importância que, nos dias atuais, as mulheres se dediquem ao estudo e ao reconhecimento de suas precursoras literárias, que lamentavelmente foram negligenciadas ao longo do tempo.

Para uma compreensão crítica dos textos infantis de Lucia Miguel Pereira, é imprescindível também compreender a história dos negros e sua rica cultura, uma vez que estamos lidando com uma escritora branca inserida na elite carioca. No entanto, Lucia Miguel Pereira demonstrou ser uma intelectual ativa, plenamente ciente das problemáticas sociais de sua época, trazendo habilmente à tona críticas importantes e necessárias.

Embora a presença de alguns personagens negros nos textos infantis de Lucia Miguel Pereira seja súbita e breve, essas representações não surgem de forma inocente, mas, sim, como uma poderosa crítica à sociedade que escravizava e oprimia pessoas negras. É crucial considerar os textos infantis de Lucia Miguel Pereira como uma ferramenta de crítica, pois ela os apresentava de forma clara para crianças, adolescentes e até mesmo adultos interessados, denunciando questões profundas e alarmantes, como o papel das mulheres negras como trabalhadoras domésticas e a representação de Isidoro, um homem negro retratado como uma mera máquina de trabalho.

Em síntese, as representações de personagens negros presentes nas narrativas infantis de Lucia Miguel Pereira oferecem um pequeno vislumbre das experiências vivenciadas pelas pessoas negras ao longo da história, especialmente nas décadas iniciais do século XX. Contudo, é fundamental que continuemos a explorar e valorizar as diversas vozes e perspectivas, permitindo que os próprios negros tenham o domínio da linguagem e recontem suas próprias histórias, diferentemente dos negros das narrativas infantis de Lucia Miguel Pereira que, na maioria dos casos, não tinham voz.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Edwrigens Aparecida Ribeiro Lopes de. *O Legado Ficcional de Lúcia Miguel Pereira: Escritos da Tradição*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.
- ALMEIDA, Edwrigens Aparecida Ribeiro Lopes de. *Lúcia Miguel Pereira: autora de contos infantis*. Uberlândia: Caderno Espaço Feminino, 2019.
- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Ltc, 2006.
- BÍBLIA. Português. *Nova Bíblia Viva*. Nova tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Hagnos, 2018.
- BLONSKI, Míriam Stella. Saci, de Monteiro Lobato: um mito nacionalista. *Em Tese*, Belo Horizonte, v. 8, p. 163-171, dez. 2004.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2015.
- BUENO, Luís. Guimarães, Clarice e antes. *Teresa*, São Paulo, USP, n. 2, p. 254-259, 2001.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2004.
- CANDIDO, Antonio. “Lúcia”. In: CANDIDO, A. *O albatroz e o chinês*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004. p. 127-132.
- CASTILHO, Suely Dulce de. *A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas*. Ponta Grossa: Olhar de Professor, 2004.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Quíron, 1984.
- COELHO, Nelly Novaes. *Panorama Histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indoeuropéias ao Brasil contemporâneo*. 3 ed. refundida e ampl. - São Paulo: Quíron, 1985.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras: (1711–2011)*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- COUTINHO, Fabio de Sousa (Org.). Lucia Miguel Pereira. In: FONSECA JUNIOR, Antonio Gabriel de Paula; VASCONCELLOS, Luiz Eduardo Meira de (Org.). *Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011. p. 53-65.
- CUNHA JUNIOR, Henrique. Críticas ao pensamento das senzalas e casa grande. *Revista Espaço Acadêmico*, [s. l], v. 150, p. 84-100, nov. 2013.
- DUARTE, Constância Lima. O cânone literário e a autoria feminina. In: AGUIAR, Neuma (Org.). *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p. 86-94.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- FONSECA JUNIOR, Antonio Gabriel de Paula; VASCONCELLOS, Luiz Eduardo Meira de (Org.). *Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira*. In: PEREIRA, Lucia Miguel. *Literatura Infantil*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 2011. p. 67-73.

- FRANCO, Jean. *Marcar diferenças, cruzar fronteiras*. Ilha de Santa Catarina: PUC Minas, 2005.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
- GOTLIB, Nádia Battella. A literatura feita por mulheres no Brasil. In: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L. (Org.). *Refazendo nós*. Florianópolis: Editora Mulheres, EDUNISC, 2003.
- HUNT, Peter. *Crítica, teoria e Literatura Infantil*. São Paulo: Cosacnaify, 2010.
- LAJOLO, Maria; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo: Unesp, 2022.
- LOBATO, Monteiro. *Caçadas de Pedrinho*. São Paulo: Globo Editora, 2009.
- LUZ, Marcelo Giovannetti Ferreira. “Negro”, “preto”, “mulato” e “afrodescendente” e o silenciamento dos sujeitos nos discursos sobre as ações afirmativas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DISCURSO, IDENTIDADE E SOCIEDADE (SIDIS), 3., 2012. *Anais... SIDIS*, 2012.
- MAGALHÃES, Ligia Cademartori; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação*. São Paulo: Ática, 1984.
- MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. Abolição no Brasil: a construção da liberdade. *Histedbr*, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, v. 9, n. 36, p. 83-104, 23 out. 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.20396/rho.v9i36.8639642>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639642>. Acesso em: 07 abr. 2023.
- MOREIRA FREITAS, Amanda *et al.* Caso Madalena Gordiano: discussões sobre o trabalho análogo a escravidão. *Revista Interação Interdisciplinar*, Goiás, n. 1, 2022. Disponível em: <https://publicacoes.unifimes.edu.br/index.php/interacao/article/view/1456>. Acesso em: 26 jan. 2024.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. *Anuário de Literatura*, n. 3, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/download/5277/4657>. Acesso em: 27 maio 2022.
- MUZART, Zaihidé Lupinacci. (Org.). *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2003. p. 21-53.
- OLIVA, Osmar Pereira. A “marginalidade” ficcional de Lúcia Miguel Pereira e seu diálogo com Eça de Queirós. In: PAVANELO, Luciene Marie *et al.* (Org.). *Marginalidades femininas: a mulher na literatura e na cultura brasileira e portuguesa*. Montes Claros: Unimontes, 2017. p. 97-110.
- PEIXOTO, Ricardo Corrêa. Mucamas, Criadas ou Domésticas: sinônimos de uma só história de exclusão. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, out. 2008. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/8/11/mucamas-criadas-ou-domesticas-sinonimos-de-uma-so-historia-de-exclusao>. Acesso em: 26 jan. 2024.
- PEREIRA, Lucia Miguel. *A fada menina*. Porto Alegre: Edição da livraria do Globo, 1939.
- PEREIRA, Lucia Miguel. *A filha do Rio Verde*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro S.A., 1943a.

PEREIRA, Lucia Miguel. *Maria e seus bonecos*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro S.A., 1943b.

PEREIRA, Lucia Miguel. *Na floresta mágica*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro S.A., 1943c.

PEREIRA, Lucia Miguel. *História da Literatura Brasileira: Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

PEREIRA, Lucia Miguel (Org.). *Para Crianças*. In: FONSECA JUNIOR, Antonio Gabriel de Paula; VASCONCELLOS, Luiz Eduardo Meira de (Org.). *Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011. p. 65-75.

PIMENTEL, Julia Gessica Da Silva Oliveira; GOMES, Simone Rodrigues dos Santos. O benzimento realizado nos cultos da umbanda. In: ENANPEGE, 14., *Anais...* Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/77723>. Acesso em: 2 dez. 2023.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, São Paulo, n. 18, 2004.

QUEIROZ, Suely R. Reis de. *A abolição da escravidão*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

RESENDE, V. M. *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1988.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROCHA, Izaura Regina Azevedo. *Crítica, romance e gênero: uma pesquisa convergente da obra de Lúcia Miguel Pereira*. 2010. 135 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1985.

SANTOS, Lourival dos. História Oral de Vida de devotos da Padroeira Negra do Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH), 26., jul. 2011. *Anais...* São Paulo: ANPUH, 2011.

SCHARF, Rosetenair Feijó. *A Escola e a Leitura: Prática Pedagógica da Leitura e Produção Textual*. 2000. 205 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2000.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, Geraldo Ferreira da. *Maria Firmina dos Reis: a voz negra na literatura brasileira dos oitocentos*. 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2017.

SILVA, Kátia Gonçalves. *Violência e religiosidade nos contos infantis: Era uma vez... de Júlia Lopes de Almeida e Maria e seus bonecos de Lúcia Miguel Pereira*. 2022. 98 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2022. Disponível em: <https://www.posgraduacao.unimontes.br/uploads/sites/12/2023/01/VIOL%C3%84NCIA>

A-E-RELIGIOSIDADE-NOS-CONTOS-INFANTIS-ERA-UMA-VEZ-...-DE-J%C3%9ALIA-Katia.pdf. Acesso em: 13 jun. 2022.

SOARES, Cecília Moreira; JORGE, Grácia Lorena da Silva. Mulher Negra na Literatura: a palavra como instrumento de luta e resistência. *Revista Temas Em Educação*, João Pessoa, v. 29, n. 3, p. 27-46, 2020.

TAVARES, Hênio. *Teoria Literária*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

TRECCANI, Girolamo Domenico. *Terras de Quilombo*: caminhos e entraves do processo de titulação. Belém: Secretaria Executiva de Justiça. Programa Raízes, 2006.

VASCONCELLOS, Luiz Eduardo Meira de (Org.). *Outra Vez Amanhã*. In: FONSECA JUNIOR, Antonio Gabriel de Paula; VASCONCELLOS, Luiz Eduardo Meira de (Org.). *Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011. p. 75-80.

VIEIRA, Maressa de Freitas. *O Saci da tradição local no contexto da mundialização e da diversidade cultural*. 2009. 167 f. Tese (Doutorado) – Pós Graduação em Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. *Leitura e leituras da literatura infantil*. São Paulo, SP: FTD, 1988.